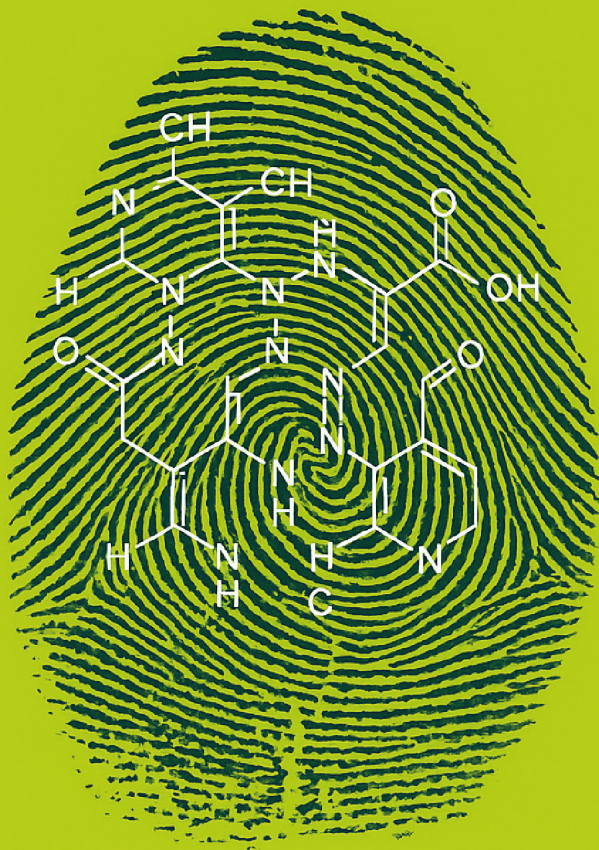


RAFAEL SOARES SILVA
(ORGANIZADOR)

ESCRITAS DE SI

NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM QUÍMICA



NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES



EDITORA
ILUSTRAÇÃO

RAFAEL SOARES SILVA
(ORGANIZADOR)

**ESCRITAS DE SI NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO EM QUÍMICA**
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Editora Ilustração
Santo Ângelo – Brasil
2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

Capa: Os autores
Revisão: Os autores

CATALOGAÇÃO NA FONTE

E74 Escritas de si no estágio supervisionado em química [recurso eletrônico] : narrativas autobiográficas na formação de professores / organizador: Rafael Soares Silva. - Santo Ângelo : Ilustração, 2025.
215 p. : il.

ISBN 978-65-6135-174-4

DOI 10.46550/978-65-6135-174-4

1. Formação de professores. 2. Química. 3. Estágio supervisionado. I. Silva, Rafael Soares (org.).

CDU: 371.13:54

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Crossref



E-mail: ilustracao@gmail.com

www.editorailustracao.com.br

Conselho Editorial



Dra. Adriana Maria Andreis	UFFS, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Adriana Mattar Maamari	UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil
Dra. Berenice Beatriz Rossner Whatuba	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Clemente Herrero Fabregat	UAM, Madri, Espanha
Dr. Daniel Vindas Sánchez	UNA, San Jose, Costa Rica
Dra. Denise Tatiane Girardon dos Santos	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Domingos Benedetti Rodrigues	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Edeimar Rotta	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Edivaldo José Bortoleto	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Elizabeth Fontoura Dorneles	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Evaldo Becker	UFS, São Cristóvão, SE, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dr. Héctor V. Castanheda Midence	USAC, Guatemala
Dr. José Pedro Boufleuer	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dra. Keiciane C. Drehmer-Marques	UFSC, Florianópolis, RS, Brasil
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira	UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil
Dra. Neusa Maria John Scheid	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Odete Maria de Oliveira	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Roque Ismael da Costa Güllich	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dra. Salete Oro Boff	ATITUS, Passo Fundo, RS, Brasil
Dr. Tiago Anderson Brutti	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
Rafael Soares Silva	
Capítulo 1 - NO OLHO DO FURACÃO: DESAFIOS DE UM FUTURO PROFESSOR DE QUÍMICA.....	15
Venicius Henrique Santiago de Lima	
Rafael Soares Silva	
Capítulo 2 - ESTÁGIO, FACULDADE E PIBID: NOS BASTIDORES DE UM CAOS ORGANIZADO	29
Lucas Aguiar dos Santos	
Rafael Soares Silva	
Capítulo 3 - ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: O ESTÁGIO COMO PONTO DE VIRADA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM QUÍMICA.....	37
Francisco Bernardo Rodrigues Braga	
Rafael Soares Silva	
Capítulo 4 - ENTRE VIDRARIAS E VOZES: O PROFESSOR QUE DESPERTEI EM MIM	49
Rodrigo Rodrigues de Oliveira	
Rafael Soares Silva	
Capítulo 5 - ENTRE TEORIAS E PRÁTICAS: A JORNADA DA MINHA FORMAÇÃO COMO PROFESSORA DE QUÍMICA.....	61
Kaele Vânia de Sousa Alves	
Rafael Soares Silva	
Capítulo 6 - AINDA ERA LICENCIATURA, MESMO QUANDO EU HAVIA ESQUECIDO	77
Gabriely de Sousa Rodrigues	
Rafael Soares Silva	

Capítulo 7 - ENTRE EXPERIMENTOS, QUIZ E EMOÇÕES: APRENDIZADOS NA PRÁTICA DOCENTE.....	89
Izabel Matias Fernandes	
Rafael Soares Silva	
Capítulo 8 - DA TIMIDEZ À DOCÊNCIA: REFLEXÕES DE UM ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO	103
Alexsandra Kênya Vieira Sousa	
Rafael Soares Silva	
Capítulo 9 - DESCOBRINDO A DOCÊNCIA: VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	119
Echiley Maiara Veloso Ribeiro	
Rafael Soares Silva	
Capítulo 10 - A REALIDADE DE UM GRADUANDO: COMO ME TORNEI O QUE SOU.....	133
João Vinicius de Lima Sousa	
Rafael Soares Silva	
Capítulo 11 - O DESPERTAR DA DOCÊNCIA: O ÍNICIO DE UMA JORNADA ENTRE O SABER E O ENSINAR.....	147
Moises Vicente de Sousa	
Rafael Soares Silva	
Capítulo 12 - ENTRE FÓRMULAS E DESCOBERTAS: MINHA JORNADA NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA EM QUÍMICA.....	157
Vitória de Sousa Silva	
Rafael Soares Silva	
Capítulo 13 - DE ALUNO TÍMIDO A FUTURO PROFESSOR: TRANSFORMAÇÕES E APRENDIZADOS.....	169
José Willame Soares Alves	
Rafael Soares Silva	

Capítulo 14 - A PRÁTICA DO ESTÁGIO NO LABORATÓRIO, UMA VIVÊNCIA INESQUECÍVEL	185
---	-----

Nágila Maria Teixeira Pires

Rafael Soares Silva

Capítulo 15 - ENTRE ELÉTRONS E ESPERANÇA: QUANDO O ENSINO DE QUÍMICA TRANSFORMA VIDAS E REINVENTA DESTINOS	199
--	-----

Luciana Rodrigues Rocha

Rafael Soares Silva

PREFÁCIO

“Ao escrever sobre si, o professor aprende a se formar continuamente.”
(António Nóvoa)

Narrar a própria experiência é também formar-se. Essa é uma das ideias centrais da pesquisa (auto)biográfica em educação, campo que, como lembram António Nóvoa e Maria da Conceição Passeggi, tem se consolidado ao compreender que a escrita de si constitui tanto um método de investigação quanto uma prática formativa. Este livro nasce dessa perspectiva, reunindo quinze capítulos elaborados por estudantes da Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi/UECE), a partir das experiências vividas no Estágio Supervisionado no Ensino Médio.

Os textos aqui reunidos não são simples registros de atividades. São narrativas que, à maneira do que Josso chama de “experiências formadoras”, traduzem momentos significativos de aprendizagem, capazes de marcar identidades e projetar caminhos profissionais. Cada relato expressa a tentativa de compreender a docência em sua complexidade: o desafio de ensinar conceitos abstratos de Química, o enfrentamento das dificuldades estruturais da escola pública e, sobretudo, a descoberta de si mesmo como professor em formação.

A potência desta obra está justamente no caráter formativo da escrita autobiográfica. Como já destacou Elizeu Clementino de Souza, ao escrever sobre si o professor se torna sujeito e objeto de sua própria formação, reinventando a profissão a partir da reflexão sobre a prática. Essa dimensão atravessa os capítulos aqui apresentados, que revelam a escola não apenas como espaço de transmissão de conteúdos, mas como território vivo de memórias, afetos e lutas.

Por isso, o leitor encontrará aqui algo que vai muito além de um simples relatório de estágio. Cada texto se apresenta como um exercício de autoria, de reflexão e de criação de sentidos para a docência em Química. Ao longo desse processo, estive como professor orientador, acompanhando cada escrita, cada vivência e cada prática, não como quem dita caminhos, mas como quem ajuda a nortear percursos e fortalecer trajetórias. Que esta

leitura seja inspiradora, tanto para quem está em formação quanto para aqueles que já trilham o caminho da educação.

Boa leitura!

Prof. Dr. Rafael Soares Silva

Capítulo 1

NO OLHO DO FURACÃO: DESAFIOS DE UM FUTURO PROFESSOR DE QUÍMICA

Venicius Henrique Santiago de Lima¹

Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“A profissão se fortalece quando os professores
se tornam autores de suas histórias.”
(Antônio Nóvoa)

Meu nome é Venicius Henrique Santiago de Lima, sou estudante da Universidade Estadual do Ceará, do campus da Faculdade de Educação de Itapipoca. Sou discente no curso de Licenciatura em Química, bolsista de iniciação científica, optei por fazer licenciatura em Química, digamos que “por obra do destino”. Deixe-me explicar melhor: desde muito cedo, sempre tive um grande interesse pelas ciências, especificamente biologia, pois sempre fui apaixonado e curioso sobre os animais.

-
- 1 Venicius Henrique Santiago de Lima é estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Atua como bolsista de iniciação científica no Projeto de Síntese e Modelagem Computacional de Compósitos Magnéticos de Biocarbonos com Potencial para a Adsorção de Corantes e tem interesse na área de ensino de Ciências e práticas experimentais. Natural de Itapipoca-CE, possui experiência na Educação Básica e participou de projetos de extensão, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).
 - 2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

Esperava ansioso pelos programas, documentários e filmes sobre “bichos”, tinha a curiosidade de saber o que eram, o que comiam e como seus corpos funcionavam. Por exemplo, uma curiosidade: sabia que cada espécie de cobra possui venenos diferentes? Alguns venenos afetam o sistema nervoso, ou seja, possuem ação neurotóxica, outros atingem o sangue e vasos sanguíneos, podendo até mesmo coagular o sangue. Sim, essas coisas me interessavam muito, a química estava ali, em cada programa, cada documentário, mas o engraçado é que eu a desconhecia completamente. Tinha somente um interesse genuíno e inocente pela natureza.

Mas, sem enrolação, como escolhi o curso em Plena Licenciatura em Química, foi simples: no terceiro ano do ensino médio, a escola na qual eu estudava inscreveu todos os alunos para fazer o vestibular. Os cursos na área das ciências eram somente Química e Biologia, tudo dizia para eu marcar Biologia, mas também não odiava Química como os outros alunos. Estava me saindo muito bem na disciplina e a relação entre a professora e os alunos era muito acolhedora. Ela me disse para marcar Química e, sem pensar muito, coloquei. Não tinha fé de que passaria no vestibular, mas no fim acabei passando e, mesmo que sem um direcionamento e cheio de dúvidas sobre quais escolhas fazer em minha vida, fui e assumi o risco.

Os primeiros anos na faculdade foram muito difíceis, a desmotivação e o vazio no coração não me davam o brilho nos olhos pelos estudos. Claro, estudar é muito difícil, exige concentração, dedicação e perseverança. Mas não possuir sentido e vontade no que estava fazendo tornava tudo mais frustrante. Com a calamidade da pandemia, então, não fazia mais sentido algum. Como consequência, abandonei a faculdade. Fui garçom e depois trabalhei em um depósito de entrega, tanto de água como de materiais de construção. Trabalhar no pesado era árduo, mas, por incrível que pareça, meu mental não estava cansado como na faculdade. Com o tempo, o depósito de materiais acabou fechando e, então, estava lá eu: sem um sentido de novo. Quando meu amigo me mandou mensagem falando que estavam ocorrendo matrículas, corri atrás e fiz minha matrícula nas disciplinas disponíveis. Voltei novamente à faculdade, mas com “sangue nos olhos”, decidido a ir até o fim.

Desde que voltei, procurei dar sentido a cada disciplina de química, observar a química no meu cotidiano, no meu corpo e na minha vida. Me apaixonei pelo laboratório, por sínteses e experimentos. Dessa forma, procurando sempre aprender ao máximo e dar sentido para minha formação. Agora que contei toda a minha trajetória, falarei onde ocorreu meu estágio.

Estagiei na Escola de Ensino Médio de Tempo Integral Coronel Murilo Serpa. A mesma escola na qual estudei, localizada na cidade de Itapipoca-CE, no bairro do Cruzeiro, onde sou morador há praticamente toda a minha vida.

Antes de falar da escola, deixe-me explicar um pouco do contexto do meu bairro, é um lugar humilde com muitos problemas de infraestrutura, como esgoto ao ar livre, por exemplo. Cheio de pessoas humildes, mas muito trabalhadoras, que infelizmente também ocorre o crescente aumento da criminalidade. Em meio a esse cenário, a Escola de Ensino Médio de Tempo Integral Coronel Murilo Serpa acolhe jovens de todas as regiões da cidade, possuindo uma estrutura de boa qualidade e uma gestão competente, procurando sempre transformar vidas por meio da educação.

Este trabalho consiste em uma narrativa autobiográfica, com o objetivo de relatar as experiências adquiridas por meio do estágio supervisionado do ensino médio, de acordo com os estudos de Andrade e Massena (2020), “A narrativa autobiográfica é um método de investigação em que é possível investigar as experiências vivenciadas ao longo da vida do indivíduo, desde a trajetória escolar até a graduação ou prática profissional”.

2 Desenvolvimento

a) A escola e o cotidiano do estágio

Quando cheguei pela primeira vez na escola, senti uma grande nostalgia, a escola havia mudado um pouco, com mais salas, laboratório de ciências funcionando e outras reformas. Mas ainda assim, o ambiente era totalmente familiar, com muitos professores conhecidos, coordenadores e até zeladores.

Todos que contribuíram para meu aprendizado e educação. Ver todos aqueles alunos foi satisfatório, mas agora com outra visão, de um futuro professor e tendo em mente que poderia mudar a realidade daqueles jovens por meio da educação, tinha em mente que o estágio é uma experiência enriquecedora, segundo os estudos de Bernardy e Paz (2012), “O estágio supervisionado vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas. Ele é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional.”

Em primeiro contato com o professor, senti que poderia contar com ele a qualquer momento. Na minha primeira observação, o professor

me apresentou à turma, sempre enfatizando que o estágio era importante para minha formação e pedindo a compreensão e o respeito da turma. Nesse dia, em ocasião, iria ocorrer prova, me disponibilizei para ajudar o professor na aplicação, ajudando-o a corrigir as provas e adicionando as notas no sistema.

Para meu primeiro dia, fiz várias coisas, isso pode ocorrer no estágio. Pois o ambiente escolar tem suas imprevisibilidades e agora, inserido nesse ambiente, “não há como fugir”. Na mesma semana, apliquei provas em todas as turmas do 1º ano. Observei a grande dificuldade dos estudantes em conteúdos de Química. Vários fatores me fazem refletir sobre o que poderia acarretar essa dificuldade, desde a falta de conhecimentos prévios nos conteúdos até mesmo fatores como a pandemia, que fez com que a educação fosse uma das mais afetadas, prejudicando o aprendizado de muitos estudantes no Brasil.

As observações me proporcionaram vários aprendizados. Sempre procurei fazer uma observação ativa registrando os momentos e interpretando os comportamentos, na visão de Mônico et al. (2017), “A Observação Participante é uma metodologia muito adequada para o investigador apreender, compreender e intervir nos diversos contextos em que se move. A observação toma parte no meio onde as pessoas se envolvem. Analisei o quanto o professor necessita ser responsável em relação a cada turma, saber como se portar perante vários tipos de situações, desde simples brincadeiras como arremessar papel no colega até mesmo as situações mais delicadas, como insultos entre estudantes. Sempre mantendo o respeito, uma comunicação eficaz e paciência. Virtudes de um bom profissional docente.

Creio também que as observações me ensinaram a ter empatia com os alunos, pois cada ser ali presente possui uma forma de pensar própria. Cada comportamento não é aleatório, eles possuem uma vida fora da escola e somente cada um sabe as dificuldades que enfrentam, e tudo isso somado reflete nas ações de cada um dentro da sala de aula.

b) Vivências, planejamentos e práticas pedagógicas

O planejamento é uma ferramenta essencial para o professor de Química, pois organiza e direciona os conteúdos que serão abordados, sendo um dos fatores importantes para que os estudantes assimilem os conteúdos da melhor forma possível. Quando o planejamento é bem

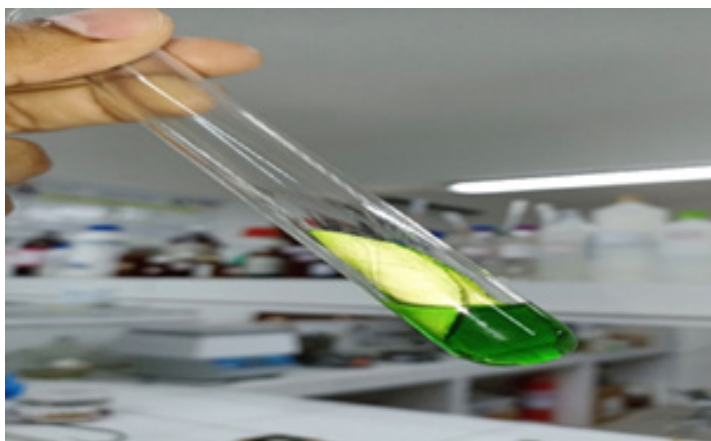
elaborado, o plano de aula atua como uma ferramenta que auxilia o professor a estruturar e conduzir suas aulas com maior eficiência, evitando improvisações e rotinas vazias de sentido (ANDRADE, 2008).

Refleti que, principalmente na disciplina de Química, o planejamento não pode faltar de forma alguma, pois, principalmente nessa disciplina, a teoria e a prática “andam sempre de mãos dadas”. Dessa forma, o tempo exigido para preparar uma aula de qualidade pode se tornar muito maior, exigindo sempre esforço e dedicação. Planejar é mais do que cumprir exigências administrativas, é um exercício reflexivo que conecta teoria e prática, visando o desenvolvimento de saberes significativos para os estudantes (ANDRADE, 2008).

Para minhas regências, necessitei planejar dois planos de aula. Minha primeira regência foi sobre “Pigmentos vegetais: Antocianinas e Clorofila”, uma aula prática experimental que ocorreu no laboratório da própria escola. Estava um pouco inseguro, mas também feliz por conseguir os materiais e equipamentos para que a prática pudesse ocorrer. Nunca havia elaborado um roteiro de aula experimental antes, mas me inspirando nas aulas de laboratório da faculdade, consegui esse feito.

Fiquei muito empolgado para a realização dessa prática, senti que uma aula prática experimental poderia chamar a atenção dos estudantes e cativá-los sobre a beleza da química. A atividade experimental atua como um facilitador do processo de ensino, pois possibilita a visualização de fenômenos que, muitas vezes, são abordados apenas teoricamente em sala de aula (Prado et al., 2019). No processo de planejamento das atividades práticas, fiquei fascinado ao conseguir fazer a extração da clorofila de uma folha de limão, onde a folha torna-se branca quando perde esse pigmento, como mostrado na figura 1.

Figura 1 – Extração da clorofila de uma folha de limão.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Dediquei todo o meu tempo para que a aula no laboratório fosse muito produtiva, trazendo conceitos do cotidiano para os alunos, como utilizar o repolho roxo como indicador natural, extraindo as antocianinas do mesmo, como mostrado na figura 2.

Figura 2 – Estudantes realizando a prática de extração das antocianinas.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

De forma geral, posso explicar essa prática de maneira bem simples. Se você preparar o suco de repolho roxo em casa e coletar produtos de cozinha e limpeza, como o vinagre, ácido muriático e bicarbonato de sódio. E por fim, adicionar o suco do repolho em cada uma dessas

substâncias, você notará que cada uma irá possuir uma cor diferente, pois as antocianinas são indicadores de pH natural. De acordo com Prado et al. (2019), “Existem substâncias que mudam de cor na presença de íons H^+ e OH^- livres na solução, as quais são, portanto, indicadores de acidez ou basicidade.”

Um dos objetivos era trazer a química mais próximo da realidade dos estudantes, fazendo-os compreender que as experiências podem ser feitas de forma simples, não somente em laboratórios sofisticados com equipamentos de última geração. A articulação entre a prática experimental e elementos do cotidiano é essencial para tornar o ensino da Química mais atrativo e relevante, pois desperta a curiosidade e valoriza a ciência como parte da vida dos alunos (Prado et al., 2019).

Estava realmente muito empolgado, mas como “nem tudo são flores”, o plano não ocorreu como planejei. Notei os estudantes muito dispersos, pouco interessados no conteúdo que estava sendo lecionado, foi frustrante. Na grande maioria, não vi motivação para realizar a prática, senti que meus esforços não foram o suficiente, queria pelo menos atingir um daqueles estudantes. Segundo os estudos de Andrade e Massena (2019), o cenário da educação brasileira é marcado por uma constante desvalorização social da profissão docente, o que gera desmotivação e frustrações nos professores, dificultando tanto a escolha como a permanência na carreira.

Refleti sobre ser professor e também sobre a educação; o aprendizado não ocorre de maneira simples, é muito mais complexo, pois necessita de um conjunto de fatores para ocorrer de forma eficiente. Vi que o que pode ser atrativo para mim pode não ser para os estudantes, pois as gerações são diferentes e os pensamentos mudam. Uma das coisas que mais queria era utilizar o laboratório da escola, fazer experimentos no tempo em que estudava. No tempo em que estudei, não foi possível, pois o laboratório estava sempre em reforma.

Dito isto, analisei que até mesmo aulas práticas podem não chamar a atenção de algumas turmas, tendo em mente que mudar a estratégia seria a melhor opção. Minhas próximas regências foram focadas no conteúdo de ligações químicas, em que produzi um quiz de 30 questões. Um dos objetivos era fazer os discentes trabalharem em grupo, pois era necessária a formação de equipes. Queria também romper com o método de aula tradicional, que é caracterizado por uma prática centrada no professor, em que o aluno assume um papel passivo, sendo apenas receptor de informações

(Libâneo, 1994). Procurei deixá-los mais livres para dialogarem e pensarem sobre cada pergunta feita, como mostrado nas figuras 3 e 4.

Figura 3 – Momento de regência: citação de pergunta sobre ligações químicas.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Figura 4 – Momento de regência: estudantes decidindo qual item escolher.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Sempre procurando tirar dúvidas a cada pergunta que erravam, esclarecendo os conteúdos que o professor lecionou e dando todo o suporte possível. Não posso dizer que foi tranquilo, sempre estava chamando a

atenção dos alunos, pedindo silêncio e concentração. Um fato engraçado é que fiquei até mesmo rouco.

Mesmo diante das adversidades, senti que consegui engajar alguns alunos, isso foi gratificante, pois tenho em mente que muitas vezes o professor não conseguirá impactar todas as turmas. Como foi dito, cada estudante possui uma realidade diferente, cada jovem tem sua própria forma de pensar e esse fato deve ser tratado com respeito e compreensão.

c) Reflexões sobre formação docente e inclusão

1 Um desafio (ou dilema) vivido no estágio

O dilema de se tornar um profissional docente competente é o que mais perpétua em minha mente. Ser professor é uma linha tênue entre pequenas vitórias e algumas frustrações. Ser pouco valorizado, possuir um salário baixo para uma profissão tão importante, são exemplos que posso citar. Conforme apontam Andrade e Massena (2019), “A formação de professores é uma temática importante, tendo em vista o cenário da educação brasileira, em que os docentes sofrem há muitos anos com a desvalorização social e a consequente desmotivação pelo exercício da profissão”.

Não é querendo romantizar a profissão, mas é uma das mais lindas. Saber que você pode mudar a vida de adolescentes, jovens e adultos é gratificante. Em muitas áreas de nossas vidas, precisamos de um professor, pois a sociedade é formada por todo um conjunto de cidadãos, e o professor é peça fundamental para o funcionamento da sociedade, procurando formar seres humanos críticos, respeitosos e de caráter. Bernardy e Paz (2012) destacam que um professor qualificado não apenas transmite conhecimento, mas atua como agente multiplicador, formando cidadãos críticos e participativos, o que representa o verdadeiro objetivo da educação.

Mesmo diante das adversidades citadas, tenho em mente e no meu coração que, quando me tornar um professor, irei me esforçar ao máximo, procurando sempre fazer com que meus alunos assimilem os conteúdos da disciplina. Não somente estar na posição de transmissor de conteúdo, pois sei que os estudantes não são máquinas, cada mente pensante em uma sala de aula importa. A educação deve ser um processo libertador, onde

o educando é peça principal de sua própria aprendizagem, participando ativamente da construção do conhecimento (FREIRE, 1987).

Quero ajudá-los a acreditarem em si, a educação transformou e continua transformando minha vida, e cada aluno tem a oportunidade de reescrever suas histórias por meio da educação. O ambiente em que estamos inseridos influencia nossas escolhas, muitos acreditam e têm como uma lei que um ambiente conturbado sempre favorece escolhas ruins, mas toda lei tem uma exceção. O que sonhamos pode se tornar realidade, basta acreditarmos e lutarmos por nossos objetivos.

2 O que aprendi com o estágio?

Aprendi que os professores são um dos pilares fundamentais para a sociedade. Que a educação é muito mais complexa do que parece, essa é a realidade, mas como citou o grande filósofo Aristóteles: “A educação tem raízes amargas, mas os seus frutos são doces”. Dito isto, a semente maravilhosa chamada conhecimento, que os professores plantam todos os dias, com certeza irá produzir bons frutos no futuro.

Bernardy e Paz (2012) afirmam que o estágio supervisionado permite ao futuro professor compreender melhor o ambiente escolar, observando as dinâmicas entre os alunos e professores. O Estágio Supervisionado me proporcionou aguçar ainda mais meu senso crítico, procurando entender a realidade dos alunos, professores e da escola. Dessa forma, desenvolvendo uma das capacidades mais importantes para um futuro profissional docente, a empatia. Consegui ter uma visão mais ampliada de cada etapa que um professor necessita praticar todos os dias: planejar aulas, preparar materiais didáticos, possuir uma boa interação com os alunos em sala de aula, avaliar o progresso da turma. Todas as atividades cruciais desempenhadas no dia a dia do professor de Química.

Cada aprendizado ficará enraizado na minha mente, não é somente passar na disciplina da faculdade, mas procurar viver essa experiência, aproveitar cada momento, pois, assim como na vida, podemos ter experiências boas ou ruins. Mas mesmo assim não irá determinar nosso futuro de maneira permanente, o estágio mostra de forma real o que é ser um professor. Ser ético, respeitoso, paciente, desenvolver a comunicação com a sala de aula, todas são características de um excelente profissional docente.

3 Conclusão

Em meio às atividades desempenhadas no estágio supervisionado do ensino médio, notou-se a responsabilidade que é ensinar adolescentes. Que o professor necessita de virtudes como paciência e perseverança. O estágio proporciona ao discente o senso de responsabilidade e organização para realizar as atividades requeridas. “O Estágio Supervisionado é uma experiência em que o aluno mostra sua criatividade, independência e caráter.” (Bernardy e Paz, 2012, apud Bianchi et al., 2005). Cada atividade do estágio é um momento enriquecedor no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem.

Nas observações, o graduando aprende a observar de maneira ativa os alunos, sem julgamento, pois a educação deve ser vista em uma série de contextos. Como o contexto social e político, por exemplo. Nas regências, o discente consegue ver seus pontos positivos e a serem melhorados em relação a ministrar uma aula. Dessa maneira, o estágio proporciona ao graduando uma experiência única, fazendo desenvolver competências importantes para sua futura profissão. Segundo Andrade e Massena (2019), “A docência exige conhecimentos e habilidades que devem ser desenvolvidas durante a formação inicial e continuada, para que os professores exerçam sua profissão de maneira a atender a realidade que vivenciam”.

Foi refletido que para desempenhar as atividades do estágio é necessário seriedade e esforço. Para se desenvolver no meio docente, é preciso sempre buscar evolução, corrigindo os erros e aperfeiçoando os acertos. Com a inserção no cotidiano escolar, observam-se de maneira realista os desafios da educação e de como os alunos precisam de professores que acreditem neles. Por meio do estágio, o graduando pode “sentir na pele” um pouco dessa realidade.

Referências

ANDRADE, Flávia Cristina Santos; MASSENA, Elisa Prestes. Narrativas autobiográficas de licenciandos(as) em Química: motivações e o curso de Licenciatura. 2020. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/eqpv/article/view/1974>. Acesso em: 13 jun. 2025.

BERNARDY, Katieli; PAZ, Dirce Maria Teixeira; A importância do estágio supervisionado para a formação de professores. 2012.

XVII Seminário interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão.

Anais: Unicruz. Disponível em: <https://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia%20do%20estagio%20supervisionado%20para%20a%20formacao%20de%20professores.pdf>. Acesso em: 20 maio 2023.

CORREIA, Kelly I. de O. et al. COMPARAÇÃO DE MÉTODOS DE EXTRAÇÃO DE CLOROFILA EM FOLHAS DE *Clitoria fairchildiana* (FABACEAE) E *Gossypium* sp. (MALVACEAE). 2013. Disponível em: <https://dtihost.sfo2.digitaloceanspaces.com/sbotanicab/64CNBot/resumo-ins19036-id4194.pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.

MÓNICO, Lisete; ALFERES, Valentim; CASTRO, Paulo Alexandre. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. 2017. CIAIQ 2017, v.3,2017. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1447>. Acesso em: 22 maio 2023.

NASCIMENTO, Ayrton; VIEIRA, Welly; ARAÚJO, Natália Kelly da Silva; MELO, Higor. LUDO DAS LIGAÇÕES QUÍMICAS: UM JOGO DIDÁTICO NO ENSINO DE QUÍMICA. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326194829_LUDO_DAS_LIGACOES_QUIMICAS_UM_JOGO_DIDATICO_NO_ENSINO_DE_QUIMICA?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 03 jun. 2025.

PRADO, Rafael Maciel Sousa; SANTOS, Richardson Alves; SANTOS, Ester Cunha Meira; SANTOS, Wdson Costa. A IMPORTÂNCIA DA EXPERIMENTAÇÃO PARA O ENSINO APRENDIZAGEM DA QUÍMICA: O REPOLHO ROXO COMO INDICADOR ÁCIDO-BASE PARA VERIFICAÇÃO DE PH COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO PÚBLICO. 2019. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA16_ID4458_15082019093906.pdf. Acesso em: 10 maio 2025.

TRINDADE, José Odair da; HARTWIG, Dácio Rodney. Uso Combinado de Mapas Conceituais e Estratégias Diversificadas de Ensino: Uma Análise Inicial das Ligações Químicas. 2012. Disponível em: http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc34_2/06-PE-70-11.pdf. Acesso em: 04 jun. 2025.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 12.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

ANDRADE, Marcela Gaeta de. Planejamento e plano de ensino de Química para o Ensino Médio: concepções e práticas de professores em

formação contínua. 2008. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/dab6/7f6788c1183ec06ccb22b24002eb701f9099.pdf>. Acesso em: 09 de jul 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ESTÁGIO, FACULDADE E PIBID: NOS BASTIDORES DE UM CAOS ORGANIZADO

Lucas Aguiar dos Santos¹

Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“A narrativa não encerra o passado;
ela abre horizontes para o futuro.”
(Paul Ricoeur)

Nunca imaginei que a vida pudesse ser tão cheia de desafios e descobertas ao mesmo tempo. Antes de narrar minha trajetória, quero contar um pouco sobre mim. Me chamo Lucas Aguiar e sou natural de Uruburetama-CE, cidade que fica localizada a cerca de 40 km do Polo em que faço faculdade. Sou aluno do sétimo semestre do curso de graduação em Química, uma área da ciência pela qual me apaixonei desde o ensino médio, e que atualmente estou em formação para contribuir da melhor forma no ensino dessa ciência que tanto me fascina.

A ideia de narrar minha experiência no estágio foi motivada em uma aula de ESEM I (Estágio Supervisionado do Ensino Médio 1) pelo professor e orientador de estágio Rafael Soares Silva. Logo no início, estava

- 1 Lucas Aguiar dos Santos é estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Atua como bolsista de iniciação à docência e tem interesse na área de ensino de Ciências, práticas experimentais e inclusão escolar. Natural de Uruburetama/Ceará, possui experiência na Educação Básica e participou de projetos de extensão voltados a levar experimentos básicos de ciências para alunos do ensino fundamental.
- 2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

com dificuldades em compreender o porquê da sugestão, mesmo assim, a cada estágio, escrevia um pouco da minha experiência com o estágio e percebi que essa narrativa pessoal vai muito além do que somente uma sequência de fatos presenciados por um estagiário. Essa narrativa pode servir de base para quem pela primeira vez irá realizar o estágio, oferecendo uma visão realista dos desafios e aprendizados que esse momento proporciona.

No começo, fiquei em dúvida se eu iria estagiar na cidade onde está situada minha faculdade ou se seria melhor na cidade onde eu morava; então, ao analisar meu tempo livre, decidi fazer o estágio na cidade onde eu morava, pois iria facilitar meu trabalho em conciliar o estágio, as aulas da faculdade e PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). Saber que conciliar todas essas atividades não seria fácil e que eu teria que reorganizar minha rotina.

Ao relatar minha experiência, busco orientar futuros estagiários sobre a importância de manter uma postura ética e reflexiva. Além disso, evidencio que o estágio é uma oportunidade de crescimento profissional, permitindo a conexão entre teoria e prática. E espero que essas palavras possam repassar confiança e compromisso para o futuro docente.

Na cidade onde eu morava eu só tinha 3 opções de escola para estagiar, e nada mais justo do que estagiar na escola onde aprendi a gostar de Química - A escola Maria Auday, referência como escola profissionalizante fez parte da minha base, e ao voltar com estagiário, foi como visitar um velho palco só que com um novo papel: o de quem ensina. Partindo de um novo olhar, não mais somente como aluno, mas como alguém capaz de inspirar, orientar e retribuir tudo o que um dia foi me oferecido ali.

2 Desenvolvimento

a) A escola e o cotidiano do estágio

A Escola Estadual Maria Auday Vasconcelos Nery fica na entrada da cidade, atendendo estudantes majoritariamente de famílias de comerciantes, funcionários públicos e agricultores. Foi nesse espaço que escolhi para evoluir e fortalecer minha identidade docente.

Logo no primeiro dia, eu estava um pouco ansioso, afinal, era uma nova etapa da minha vida acadêmica. Ao chegar à escola, reparei que alguns detalhes permaneciam exatamente como eu lembrava: o diretor da instituição continuava no portão aguardando a chegada dos alunos com

um caloroso “bom dia” e aquele acolhimento que sempre faz a diferença. Ao conversar com ele, perguntei se os professores de Química que haviam me ensinado ainda estavam ensinando na escola, e para minha surpresa, uma das professoras que fez parte da minha jornada como aluno ainda estava lecionando. Entretanto, meu supervisor seria um professor que eu ainda não conhecia, mas que ambos iriam auxiliar na minha regência. Então, me dirigi para as salas dos professores em busca do meu supervisor para receber as devidas orientações.

Após um breve diálogo, e algumas instruções iniciais, seguimos juntos até a sala de aula; e sob o olhar atento dos estudantes, fui apresentado pelo professor como novo estagiário de Química. No início, senti um leve desconforto ao observar a clareza e a tranquilidade que o professor possuía no controle da sala, e isso me fez duvidar se eu também conseguiria manter a harmonia e o controle da sala da mesma forma que o professor mantinha; mas ao ver os rostos curiosos e receptivos da turma, percebi que aquele espaço também podia ser meu. Entendi que a autoridade em sala de aula não vem somente de experiência, mas da escuta, do respeito mútuo e da disposição em aprender juntos. Neste sentido, cabe ressaltar o que fala Libâneo (1994): “A prática pedagógica é o espaço onde se dá a mediação entre o conhecimento científico e a realidade concreta em sala de aula. Colocando assim, o estagiário frente aos reais desafios da educação.

Ao longo dos estágios, fui observando a dinâmica dos alunos e a rotina com a qual a escola trabalhava. O ambiente em que estava inserido era bastante estruturado, contando com diversos laboratórios, cabendo citar os de Química, Física e Informática. Além disso, uma biblioteca com um bom acervo de livros estava sempre à disposição dos alunos, incentivando a leitura e a pesquisa. O que mais me surpreendeu, no entanto, foi a disponibilidade de recursos tecnológicos, como os diversos projetores que os professores utilizavam para enriquecer suas aulas. Aquilo me fez perceber o quanto a infraestrutura pode impactar positivamente o processo de ensino e aprendizagem, abrindo alternativas para aulas mais dinâmicas e interativas. No entanto, sei que a realidade de outras escolas é totalmente diferente. Muitas instituições de ensino enfrentam limitações severas com a falta de materiais, salas superlotadas e pouca estrutura tecnológica. Isso me despertou um olhar crítico e sensível em relação às desigualdades educacionais do nosso país e que me fez valorizar ainda mais o espaço em que estava.

b) Vivências, planejamentos e práticas pedagógicas

Durante o estágio, trabalhei os conteúdos de separação de misturas e modelos atômicos com os alunos do 1º ano do ensino médio; a proposta da aula sobre separação de misturas foi relembrar os métodos já estudados anteriormente e aprofundar o conhecimento sobre a destilação fracionada, utilizando como exemplo prático as refinarias de petróleo. Para a minha primeira Regência, utilizei o laboratório de Química para a realização de experimentos simples de filtração, decantação, catação e explicação teórica de destilação fracionada utilizando-se de questões que seriam respondidas em duplas, e realizando as devidas correções na lousa conforme podemos observar na figura a seguir.

Figura 1: Explicação teórica de questões realizadas em sala de aula.



Fonte: acervo pessoal (2025).

Já na aula sobre modelos atômicos, procurei apresentar a evolução histórica de como era representado o átomo desde os filósofos gregos (Leucipo e Demócrito) até o modelo atômico de Bohr. Para essa temática, tive a ideia de pegar uma caixa e colocar um objeto onde os alunos iriam propor algumas teorias de respostas para tentar identificar o que estaria na caixa. O objetivo era fazer uma abordagem sobre o que seria uma hipótese e teoria. Essa foi uma forma descontraída de trazer a temática para o diálogo em sala de aula. Assim, iniciei a aula fazendo uma relação entre as respostas dos alunos e as diversas teorias surgidas ao longo da história.

Na segunda aula, levei os alunos para o laboratório de Química novamente, e desta vez para realizar o famoso teste de chama com os

metais de sódio (Na) e cobre (Cu). O objetivo da aula era observar como os diferentes elementos químicos emitem cores características quando expostos à chama, relacionando o fenômeno com os níveis de energia dos elétrons explicados por Bohr. Durante o experimento, os alunos observaram a coloração amarelada intensa do sódio (Na) e a coloração esverdeada do cobre (Cu), ficando bastante empolgados com o efeito visual e interessados em entender por que o fenômeno ocorre. A seguir, a figura 2 mostra o momento da realização do teste de chama.

Figura 2 - Observação do experimento do teste de chamas.



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Para finalizar, utilizei o quadro branco para projetar um slide para relembrar as principais características de cada modelo atômico, destacando as contribuições e limitações de cada um. Essa retomada permite aos alunos consolidarem o conhecimento adquirido ao longo das aulas, aumentando a participação ativa da turma ao longo de todas as atividades propostas. Foi observado que durante a mesclagem de prática em laboratório e teoria, os alunos se empolgavam bastante, mas que práticas nesse estilo exigem mais tempo para o desenvolvimento.

Além dessas duas aulas em que acabei de citar acima, participei também como examinador de trabalhos de Química a pedido da professora Brena Kesia, a fim de verificar alguns experimentos que estavam sendo desenvolvidos por alguns estudantes. Foi um momento de grande aprendizado, pois naquele momento eu não estava somente para avaliar; eu estava aprendendo também, assim Tardif (2002) expõe que a prática

docente é um saber plural, que se constitui a partir da experiência, da formação e das interações sociais.

c) Reflexões sobre formação docente e os desafios superados.

Conforme acontecia os estágios, notei que a demanda de atividades vinculadas a faculdade havia aumentado muito como também as propostas de projetos do PIBID em que faço parte assim, o acúmulo de responsabilidades exigiu de mim uma melhor gestão de tempo, pois conciliar todas as atividades ao mesmo tempo, se tornou um desafio angustiante e que eu não poderia mais ignorar. A pressão de cumprir prazos, dar conta das demandas da faculdade e dos projetos extracurriculares começou a pesar intensamente, e detalhe, percebi estar começando a dormir tarde da noite por razões de conseguir realizar minhas atividades pendentes. Sentia-me mentalmente esgotado, como se estivesse sempre correndo contra o tempo, e onde já estava ficando louco, louco. Assim, precisei reorganizar melhor minha rotina e equilibrar meus compromissos. Essa reorganização foi fundamental para preservar minha saúde mental e realizar com eficiência meus compromissos.

Esse episódio turbulento contribuiu significativamente para a minha formação pessoal e profissional. O estágio, aliado a outras experiências, me mostrou que ser professor vai muito além de dominar o conteúdo, mas que exige resiliência e equilíbrio emocional.

Aqui segue o último registro com a turma, como pode ser observado na figura 3.

Figura 3 - Último registro com a turma.



Fonte: acervo pessoal (2025)

3 Conclusão

O estágio representou uma etapa essencial na minha formação. Foi um período bem marcante, pois tive a oportunidade de acompanhar a rotina da escola com visão de docente, como também ter a chance de aplicar minha primeira regência em sala de aula, e como afirma Paulo Freire (1996): “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para que o conhecimento se construa. E nesse sentido, reforcei meu ideal de pensamento, que mesmo o professor passando por inúmeras dificuldades no seu dia a dia. Ele, ainda assim, se mantém a principal ferramenta de transformação, colaborando para a formação do pensamento crítico do jovem brasileiro.

Por fim, aprendi que o estágio é um momento riquíssimo, que prepara o futuro professor, mostrando a autenticidade da realidade escolar, e conforme diz Zeichner (2009): “A prática reflexiva no estágio permite ao futuro professor compreender que ensinar é um processo dinâmico, contextual e contínuo de aprendizagem. Nesse processo, observei que cada sala é única, com suas próprias demandas e desafios.

Para encerrar minha narrativa, dedico esse agradecimento a todos os professores que fizeram parte dessa trajetória. Em especial ao professor e orientador de estágio Prof. Dr. Rafael Soares Silva, e aos supervisores Francisco Wilame e Brena Kesia, que, com paciência e carinho, compartilharam seus conhecimentos e me acompanharam com atenção ao longo dessa etapa para significativa.

Acredito que, quando estiver oficialmente na sala de aula, lembrarei de cada um com gratidão, por serem fundamentais no meu aprendizado e na minha formação como professor. E aos futuros docentes que chegarem a ler minha narrativa, quero primeiramente parabenizá-los por escolher essa linda profissão e dizer que às vezes, no início, não será totalmente como você esperava e que o caminho a ser percorrido não será fácil. Pode ser que, assim como eu no início, você comece levando tarefas do trabalho para casa e dormindo aulas horas da noite, mas nada que uma boa organização e dedicação não consiga resolver.

Com perseverança, cada desafio se tornará uma oportunidade de crescimento e realização. Nunca desista de seus sonhos, pois a educação transforma vidas — inclusive a sua! Obrigado às turmas de primeiro ano que me receberam com respeito e por fazerem, juntamente comigo, parte

dessa jornada. Algumas lembranças desse momento ficaram guardadas para sempre no meu coração.

Referências

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ZEICHNER, Kenneth M. Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades. Educação, Ciência e Cultura, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 27-40, 2009.

ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: O ESTÁGIO COMO PONTO DE VIRADA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM QUÍMICA

Francisco Bernardo Rodrigues Braga¹
Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“Dar voz ao professor é reconhecer
que sua história também é conhecimento.”
(Ivor Goodson)

Nunca imaginei que um dia diria isso, mas ser professor se tornou o meu maior sonho. Sempre repeti frases como: *“nunca serei professor”, “professor não tem futuro”*. No entanto, ao longo da minha trajetória na Licenciatura em Química, especialmente durante o estágio supervisionado no Ensino Fundamental e, com mais intensidade ainda, no Ensino Médio, compreendi que a docência vai muito além de simplesmente transmitir conteúdo. Ser professor é, acima de tudo, um ato de transformação social. É contribuir para a formação de sujeitos críticos, capazes de refletir sobre o mundo, buscar a verdade e tomar decisões com

- 1 Francisco Bernardo Rodrigues Braga é estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Atua como bolsista de iniciação à docência e tem interesse na área de ensino de Ciências, divulgação científica, práticas experimentais e inclusão escolar. Natural de Miraima/CE, possui experiência na Educação Básica e participou de projetos de extensão voltados à formação docente e da divulgação científica.
- 2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

base em conhecimento científico. Essa consciência foi despertada em mim à medida que entendi o poder do letramento científico como ferramenta para a emancipação dos estudantes.

Sou Francisco Bernardo Rodrigues Braga, nascido no interior do Ceará, em um contexto onde as oportunidades de acesso à educação de qualidade são muitas vezes escassas. Cresci observando a luta diária de professores e alunos em escolas públicas, o que me fazia acreditar, erroneamente, que ser professor não era um caminho viável ou valorizado. No entanto, ao ingressar no curso de Licenciatura em Química, percebi que minha trajetória até ali já era, de certa forma, um chamado para a educação. Sempre fui curioso, sempre gostei de explicar o que aprendia aos colegas e sentia prazer em ver alguém compreender algo por minha causa. Com o tempo, percebi que educar era mais do que ensinar fórmulas ou reagentes; era tocar vidas, provocar perguntas, despertar sonhos.

Antes de iniciar o estágio supervisionado, confesso que tinha uma visão limitada sobre o que ele representava. Achava que seria apenas mais uma disciplina obrigatória da graduação, uma etapa burocrática. Cheguei com medo, medo de falhar, de não saber lidar com os alunos, de não conseguir aproveitar a experiência ao máximo. Minha primeira vivência foi com uma turma do Ensino Fundamental barulhenta, aparentemente desinteressada pela disciplina de Química. Foi um desafio e tanto. Mas, ao invés de recuar, decidi transformar o desafio em aprendizado. Compreendi que o problema não estava nos alunos, mas nas estratégias utilizadas. Recordando os ensinamentos de Vygotsky, entendi que o conhecimento se constrói nas interações sociais e que cabe ao professor atuar como mediador entre o saber e o cotidiano do estudante.

A partir disso, passei a buscar metodologias ativas que despertassem o interesse da turma. Experimentos simples, sequências didáticas contextualizadas, recursos visuais e atividades práticas passaram a fazer parte do meu planejamento. Percebi que, ao ver, tocar, cheirar e ouvir, os alunos se envolviam mais. A Química, antes vista como distante e difícil, começou a ganhar vida na sala de aula. As perguntas aumentaram, o interesse cresceu e, principalmente, a relação entre nós se fortaleceu. Percebi que, mesmo em um curto período, era possível construir vínculos e fazer com que os alunos enxergassem sentido no conteúdo e em si mesmos.

Minha formação foi ainda mais enriquecida pela participação no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), que me colocou em contato direto com a realidade escolar desde os primeiros

semestres. Por meio do programa, atuei na produção de materiais didáticos, roteiros de videoaulas, podcasts, eventos escolares, apresentações científicas e sequências didáticas voltadas à popularização da Química. Essa vivência me deu uma base sólida para compreender a complexidade da profissão docente. Aprendi a lidar com prazos, a dividir tarefas com a equipe, a adaptar linguagens e metodologias conforme o público e, sobretudo, a refletir criticamente sobre minha prática. Não foram poucas as vezes em que precisei reorganizar meu tempo para conciliar estágio, PIBID, vida acadêmica e pessoal. Mas cada desafio enfrentado contribuiu para meu amadurecimento.

Escrever este capítulo é mais do que uma exigência curricular; é um exercício de memória, de afeto e de reconhecimento da importância do caminho percorrido. Narrar essa experiência é, de certa forma, eternizar tudo o que vivi, observei e aprendi ao longo do estágio supervisionado. Mais do que descrever ações, esta escrita busca refletir sobre o impacto que a prática docente teve (e tem) em minha formação. Ao final dessa etapa, saio convicto de que fiz a escolha certa. Ainda que minha jornada na educação esteja apenas começando, sinto-me preparado para os desafios que virão. Espero, no futuro, estar inserido no corpo docente de uma instituição, comprometido em formar sujeitos críticos, conscientes de seu papel no mundo, capazes de sonhar e transformar a realidade em que vivem.

2 Desenvolvimento

A Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Coronel Murilo Serpa está localizada na periferia da cidade de Itapipoca-CE. A unidade atende estudantes oriundos de diversas regiões periféricas, muitos dos quais enfrentam realidades marcadas pela baixa renda, criminalidade, ausência de estrutura básica e até situações de racismo ambiental. Foi nesse contexto desafiador, mas ao mesmo tempo cheio de potencial, que iniciei minha experiência de estágio supervisionado.

Fui acolhido com carinho por meu supervisor e pelo corpo docente da escola, que desde o primeiro contato se mostrou aberto, receptivo e disposto a colaborar com minha formação. Percebi que aquele espaço ia muito além de uma instituição de ensino: era um verdadeiro lugar de acolhimento, crescimento e transformação. Apesar das limitações estruturais comuns às redes públicas, a escola possui um ambiente limpo, organizado e conta com professores dedicados que lutam diariamente para garantir o

direito à educação de qualidade para todos os alunos. Os corredores, ainda que simples, são cheios de vida, e o clima entre os estudantes e professores é, em sua maioria, de respeito e cooperação.

Um dos espaços que mais me marcou foi o laboratório de Ciências. Embora não conte com uma estrutura de ponta, é funcional e bem cuidado. Foi nesse ambiente que pude aplicar experimentos, conduzir atividades investigativas e, principalmente, iniciar minha vivência docente de forma prática e significativa. Ali, os conteúdos teóricos ganhavam vida diante dos olhos curiosos dos alunos, e isso transformava o modo como eles percebiam a disciplina. O laboratório, para mim, tornou-se um verdadeiro refúgio criativo (Figura 1), onde me sentia livre para experimentar novas metodologias, desenvolver sequências didáticas, aplicar atividades interativas e, principalmente, escutar os estudantes.

Figura 1 – Laboratório da escola Murilo Serpa durante a preparação de uma aula prática.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Comecei a frequentar a escola por conta das obrigações do estágio e do PIBID, mas confesso que, com o tempo, ia por vontade própria, movido por um sentimento de pertencimento. A conexão com os alunos, com o espaço escolar e com os desafios cotidianos me fazia enxergar sentido em cada ida. Em muitos dias difíceis da rotina universitária, era naquele ambiente que eu encontrava motivação para continuar. Senti que, ali, eu estava construindo algo real. O envolvimento com os alunos me desafiava a sair da zona de conforto, a repensar práticas e buscar caminhos mais eficazes para ensinar Química de forma significativa. Passei a compreender

que o ensino exige muito mais do que domínio do conteúdo: exige empatia, criatividade e, acima de tudo, disposição para ouvir e se adaptar.

O laboratório também foi o ponto de partida para meu objetivo maior dentro da escola: desmitificar a ideia de que a Química é uma ciência difícil, distante e irrelevante para a vida dos estudantes, uma concepção ainda bastante comum (SANTOS & MORTIMER, 2002). Por isso, procurei sempre planejar aulas conectadas com o cotidiano dos alunos, utilizando exemplos próximos da realidade deles, como alimentos, cosméticos, produtos de limpeza e práticas do dia a dia. Essa estratégia me permitiu perceber que, quando o aluno se sente parte do processo, quando ele consegue se enxergar no conteúdo, a aprendizagem se torna mais leve, participativa e eficaz. Esse foi, sem dúvida, um dos maiores aprendizados que a escola me proporcionou.

Durante o estágio, planejei e apliquei diversas aulas que integravam conteúdos curriculares à realidade dos alunos. Busquei sempre utilizar recursos variados como slides, vídeos, material impresso, aplicativos de realidade aumentada e, principalmente, atividades práticas. Uma das sequências didáticas mais marcantes que desenvolvi teve como tema: “NÃO CONTÉM QUÍMICA”: O perigo da desinformação na sociedade e o papel da sequência didática na formação do pensamento crítico no Ensino de Química.

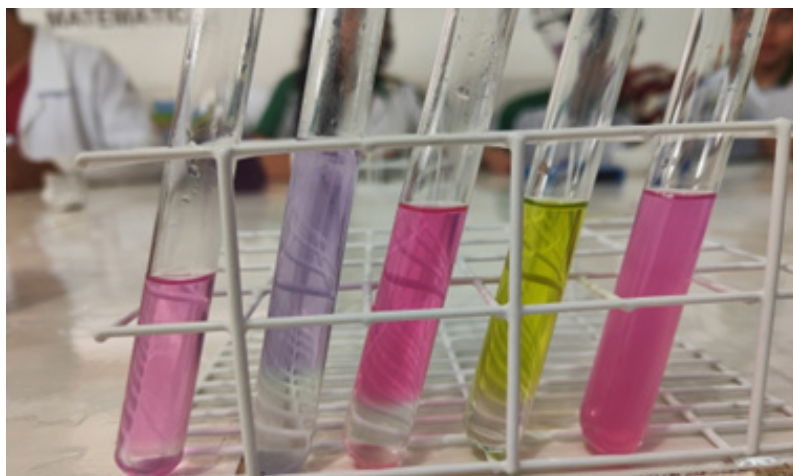
Esse projeto nasceu da observação de propagandas que afirmam que determinados produtos são “livres de química”, o que pode enganar o consumidor leigo ou com baixo letramento científico. Por meio de questionários, discussões e análises de rótulos, busquei sensibilizar os alunos e também seus familiares para o entendimento de que tudo ao nosso redor é constituído por substâncias químicas. Levamos à sala de aula questões como: “Você acredita que existe um produto 100% livre de química?” e ampliamos o debate para além dos muros da escola. Com isso, tentamos combater a ideia comum de que “química é coisa de laboratório e fórmula difícil”, uma percepção negativa alimentada pela forma como a ciência é representada socialmente.

Segundo Santos, Ribeiro e Ribeiro (2015), a imagem pública da Química costuma oscilar entre uma ciência central e útil e outra percebida como poluidora e hostil à saúde humana. Esse imaginário negativo, muitas vezes reforçado pela mídia e até por materiais didáticos, compromete a aceitação do conhecimento químico tanto na escola quanto na sociedade. Por isso, torna-se essencial o papel do professor em desconstruir

esses estereótipos, tornando a Química mais próxima do cotidiano e compreensível para todos.

Além dessa sequência, levei para minhas regências atividades que incluíram experimentos simples com indicadores naturais, como o uso de repolho roxo para demonstrar reações ácido-base (Figura 2). Ver a reação dos alunos ao observar a mudança de cor com vinagre e sabão foi um dos momentos mais marcantes do estágio. Os olhos se arregalaram, as perguntas surgiram e a curiosidade floresceu.

Figura 2 – Alunos observando a mudança de cor do indicador natural de repolho roxo.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Certa vez, um aluno comentou: “Eu não ligo pra Química. Só quero passar de ano e trabalhar com qualquer coisa. Decorar essas fórmulas não serve pra nada.” Essa fala, apesar de dura, me fez refletir profundamente. Decidi, então, planejar aulas que mostrassem como a Química está presente em tudo: na água potável, nos alimentos, na produção de bebidas, na respiração celular e até mesmo nos cosméticos. Trabalhamos temas como a importância do tratamento da água, a presença de sais minerais, a fermentação e a destilação. Com isso, tentei tornar o conteúdo mais próximo e útil para os alunos.

O estágio também me deu liberdade para integrar ações do PIBID com as aulas regulares. Gravamos vídeos curtos de divulgação científica, participamos de eventos como o Ceará Científico e elaborei resumos expandidos. Um dos trabalhos orientados por mim teve como tema: *“As concepções dos adolescentes da EEMTI Coronel Murilo Serpa sobre a relevância*

do acompanhamento familiar na jornada escolar.” A pesquisa envolveu entrevistas, vídeos, panfletos e a aplicação de questionários com alunos e responsáveis, buscando entender como a presença ou ausência da família impacta o desempenho escolar.

O estágio me revelou uma nova identidade: a de professor. Antes, eu dizia com firmeza que nunca seria docente. Hoje, afirmo com orgulho que encontrei na docência minha vocação. Enxergar a escola pelo olhar do professor e não mais como aluno foi transformador. Lidando com turmas numerosas, percebi o quanto o trabalho docente é exigente, principalmente quando se está no início da carreira. Trabalhar sob pressão foi inevitável, mas me trouxe maturidade e resistência.

Outro aprendizado importante foi sobre diversidade e inclusão. A realidade da escola me mostrou estudantes em situações diversas, desde alunos que faltavam por responsabilidades familiares até aqueles que dormiam na sala, possivelmente por privação de sono ou outros fatores sociais. Essas situações me fizeram refletir sobre minhas próprias atitudes enquanto estudante e, mais ainda, sobre a necessidade de acolhimento no ambiente escolar.

Percebi que não basta ensinar Química; é preciso ouvir, entender e adaptar. Um dos pontos altos do estágio foi perceber que cada aluno tem uma história, uma motivação (ou ausência dela), e que cabe ao professor criar pontes. Desenvolvi empatia, paciência e estratégias para lidar com os diferentes perfis dentro da sala de aula. Ao compreender as individualidades, a prática pedagógica se torna mais humana. Conforme destaca Vygostiky (1999):

Ao forçar sua lenta trajetória para cima, um conceito cotidiano abre o caminho para um conceito científico e o seu desenvolvimento descendente. Cria uma série de estruturas necessárias para a evolução dos aspectos mais primitivos e elementares de um conceito [...]. Os conceitos científicos, por sua vez, fornecem estruturas para o desenvolvimento ascendente dos conceitos espontâneos da criança em relação à consciência e ao uso deliberado (Vygotsky, 1999, p. 93-94 *apud* Oliveira, 2010, p.35).

Também aprendi a importância de construir o conhecimento de forma colaborativa. A inclusão não se limita a aspectos físicos ou cognitivos; ela também diz respeito à escuta, ao diálogo, ao respeito à cultura e às condições de vida dos alunos. A verdadeira inclusão acontece quando o aluno se sente parte do processo, e isso só é possível com afeto e compromisso. Como destaca Mortimer (2000), a aprendizagem em

Ciências precisa ser significativa e conectada ao universo do aluno e isso só acontece quando há diálogo entre o conhecimento científico e os saberes cotidianos.

Ao refletir sobre minha formação, percebo que a vivência prática do estágio, quando analisada sob a luz dos referenciais teóricos, assume um papel essencial na constituição da identidade docente. É na prática que os fundamentos da teoria ganham sentido e se concretizam, possibilitando novos níveis de pensamento pedagógico. Como nos lembra Maldaner (1999), o exercício da docência exige o desenvolvimento de saberes e habilidades que devem ser continuamente aprimorados, e é justamente na análise da experiência que esses conhecimentos se consolidam, tornando-se significativos e transformadores.

A atuação no grupo Tubo de Ensaio, voltado à divulgação científica por meio de teatro, experiências e intervenções escolares, também contribuiu imensamente para minha formação. Por meio desse projeto, tive a oportunidade de levar a ciência até escolas que não possuem laboratórios, feiras ou acesso a recursos científicos básicos. Com a proposta de unir arte e ciência, realizamos apresentações lúdicas e educativas, nas quais experimentos químicos ganham vida no palco, despertando a curiosidade de estudantes e professores. Nessas atividades, a Química deixa de ser uma disciplina temida para se tornar algo encantador, compreensível e divertido. Essa vivência me fez compreender que o papel do professor não se limita à sala de aula: a educação precisa ultrapassar os muros da escola, alcançar comunidades e atuar também em espaços não-formais, promovendo ciência cidadã.

Essa concepção também foi fortalecida na aplicação da sequência didática “Não Contém Química”, que desenvolvi e apresentei durante o I Colóquio Regional de Educação Química. O projeto buscou desmistificar a ideia de que existem produtos “livres de química”, provocando reflexões entre alunos e seus familiares sobre o uso equivocado de termos científicos na publicidade. Ao aplicar questionários, analisar propagandas e realizar experimentos simples, percebi o quanto a desinformação científica afeta o cotidiano das pessoas. O mais interessante foi notar que, ao envolver também os familiares, conseguimos romper com a barreira tradicional da sala de aula e promover debates relevantes na própria comunidade. Esse tipo de abordagem mostrou-se eficaz para desenvolver o pensamento crítico e ampliar o letramento científico, incentivando os alunos a questionar,

refletir e não aceitar passivamente tudo o que é dito dentro ou fora da escola.

Outro ponto marcante foi perceber o quanto os espaços como laboratórios escolares são importantes na formação dos estudantes. Na EEMTI Coronel Murilo Serpa, embora houvesse limitações, tive acesso a um laboratório simples onde pude aplicar experimentos seguros e eficazes com os alunos. A vivência nesse ambiente me ensinou também a importância das normas de segurança e da disciplina no uso de materiais químicos, algo que levei muito a sério durante as práticas. Percebi que muitos alunos, por nunca terem tido contato com experiências reais, demonstravam imenso entusiasmo mesmo com reações simples, como a efervescência do vinagre com bicarbonato ou o uso de indicadores naturais. Isso reforçou minha convicção de que o encantamento pela ciência nasce do contato direto, da vivência, do fazer e que o professor precisa criar essas oportunidades, mesmo diante das dificuldades da escola pública.

Concluo esta etapa com o coração cheio. O estágio supervisionado e minha vivência no PIBID foram fundamentais para minha formação inicial. Aprendi que ser professor é, antes de tudo, ser humano. É ter sensibilidade para entender os contextos dos alunos, criatividade para superar barreiras, paciência para ensinar e humildade para aprender. Saio dessa experiência mais preparado, mas acima de tudo, mais consciente da responsabilidade que a docência exige. Meu compromisso, a partir de agora, é com uma educação crítica, inclusiva, ética e transformadora. Uma educação que valorize a ciência, mas que também ensine com empatia, respeito e humanidade. E se antes eu dizia que nunca seria professor, hoje afirmo com orgulho: quero ser professor por toda a vida e quero ser um professor que faz a diferença.

3 Conclusão

Ao longo do estágio supervisionado, vivenciei situações que marcaram profundamente minha formação. Percebi que ensinar vai muito além de explicar conteúdos: é dialogar com diferentes realidades, acolher histórias e adaptar estratégias conforme as necessidades de cada turma. Aprendi que o planejamento é essencial, mas que a flexibilidade e a sensibilidade para ouvir os alunos são ainda mais importantes. Descobri também que a Química, quando ligada ao cotidiano e trabalhada de forma

prática e sensorial, deixa de ser vista como “difícil” e passa a despertar curiosidade e envolvimento.

Hoje, me reconheço como alguém preparado para os desafios da sala de aula. Ainda há muito a aprender, mas o estágio me deu uma base sólida sobre o que significa ser professor. Aprendi a ter empatia, paciência e compromisso com cada etapa do processo educativo. Passei a enxergar a educação como um projeto coletivo de transformação e, mais do que isso, como uma missão que exige entrega, estudo constante e escuta ativa. A experiência no PIBID e nas ações de divulgação científica também ampliou minha visão sobre os múltiplos papéis do professor, dentro e fora da sala de aula.

Encerro essa etapa com o coração cheio de gratidão e esperança. A vivência na escola me mostrou que, apesar das dificuldades, à docência é uma profissão potente, capaz de mudar trajetórias. Saio deste estágio com mais vontade de continuar e com o compromisso de ser um educador que respeita, acolhe, instiga e transforma. A formação docente é um processo contínuo, e espero seguir sempre com o olhar atento às necessidades dos alunos e ao contexto em que estou inserido.

Para os colegas que ainda vão vivenciar esse processo, deixo um conselho simples, mas sincero: abracem o estágio como uma oportunidade única de crescimento. Escutem, experimentem, observem e não tenham medo de errar. É nesse contato direto com a escola, com os alunos e com a prática pedagógica que a gente realmente entende o que significa ser professor. E posso afirmar, com convicção, que é uma escolha desafiadora, mas profundamente gratificante.

Referências

PAVAN, L. L.; TORTATO, U. A química como vilã: uma análise da imagem da química e do químico nas propagandas. *Revista Educação, Ciência e Cultura*, v. 25, n. 1, p. 10–19, 2020.

SANTOS, F. M.; MORTIMER, E. F. Uma análise da visão de estudantes do ensino médio sobre ciência e tecnologia. *Ciência & Educação*, v. 8, n. 2, p. 219–236, 2002.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

MALDANER, O. A. *A pesquisa como perspectiva de formação*

continuada do professor de química. *Química Nova*, vol.22, n.2, p.289-292, 1999.

MORTIMER, Eduardo Fleury. A importância do discurso no ensino de Ciências. *Ciência & Educação*, v. 6, n. 1, p. 69–84, 2000.

SANTOS, A. S.; RIBEIRO, A. T.; RIBEIRO, M. A. P. A imagem pública da Química apresentada nos artigos on-line da revista *Ciência Hoje*. *Revista Educação, Ciência e Cultura*, v. 6, n. 1, p. 49–67, abr. 2015.

SANTOS, F. M.; MORTIMER, E. F. Uma análise da visão de estudantes do ensino médio sobre ciência e tecnologia. *Ciência & Educação*, v. 8, n. 2, p. 219–236, 2002.

OLIVEIRA, Jane Raquel Silva de. A perspectiva sócio-histórica de Vygotsky e suas relações com a prática da experimentação no ensino de Química. *Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, v. 3, n. 3, p. 25-45, nov. 2010.

ENTRE VIDRARIAS E VOZES: O PROFESSOR QUE DESPERTEI EM MIM

Rodrigo Rodrigues de Oliveira¹

Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“A narrativa de vida é, ao mesmo tempo, memória e projeto.”
(Christine Delory-Momberger)

Algumas escolhas não começam como decisões conscientes, mas como intuições que ganham forma com o tempo. Antes de narrar minha trajetória na formação docente, é importante dizer quem sou e de onde venho. Meu nome é Rodrigo Rodrigues de Oliveira, sou natural de Uruburetama, interior do Ceará, e percorri toda a minha formação básica em escolas públicas. No início do ensino médio, meu envolvimento com os estudos - especialmente com a Química - era limitado, até que uma professora, com sua firmeza e sensibilidade, despertou em mim uma curiosidade que, com o tempo, se transformou em interesse genuíno. À medida que os conteúdos se tornavam mais claros, passei a ter um bom desempenho e, espontaneamente, comecei a ajudar colegas durante os intervalos. Embora ainda não me reconhecesse como professor, já havia ali

- 1 Rodrigo Rodrigues de Oliveira é estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Atua como bolsista de iniciação científica e tem interesse na área de ensino de Ciências, práticas experimentais e inclusão escolar. Natural de [cidade/estado], possui experiência na Educação Básica e participou de projetos de extensão voltados à formação docente.
- 2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

um primeiro gesto de aproximação com o ensino. /

Concluí o ensino médio em 2020 com a intenção de cursar Farmácia. Fui aprovado no mesmo ano para Ciências Ambientais na Universidade Federal do Ceará, mas decidi seguir estudando em 2021, com foco total no ENEM. Nesse intervalo, cheguei a iniciar o curso de Farmácia em uma universidade particular, mas cursei apenas o primeiro semestre. Ao final daquele ano, conquistei boa pontuação e fui aprovado para o Bacharelado em Química, embora continuasse em dúvida quanto ao meu verdadeiro percurso. Foi nesse momento que, incentivado por amigos e, sobretudo, pela professora que marcou minha história, inscrevi-me nos minutos finais do prazo primeiro lugar. Com o tempo, compreendi que minha relação com a docência já vinha sendo construída muito antes de eu sequer cogitar essa possibilidade.

1.1 Vivências e aprendizados construídos na disciplina de estágio supervisionado no ensino médio

A ideia de abordar minha trajetória acadêmica até o presente momento advieram das aulas ministradas na disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Médio com o professor Dr. Rafael Soares Silva. Antes de chegar à disciplina de estágio, já havia tido outras experiências na sala de aula. Surgiu a oportunidade de realizar o PIBID química no ensino fundamental quando estava no 3º semestre da graduação. Tive oportunidade de também ser professor de maneira temporária durante um ano em uma instituição particular do ensino fundamental. Mas essa é a questão: Sempre tive o desejo de conhecer a dinâmica do ensino médio na disciplina na qual estou graduando, a química, pois anteriormente ao estágio supervisionado no ensino médio, minhas experiências foram vivenciadas apenas na disciplina de ciências no ensino fundamental anos finais. Foi somente pela interrelação entre a disciplina de estágio e o PIBID no ensino médio que consegui perceber que o ensino é muito mais do que apenas planejar a aula, Existe uma gama de percepções que estão por trás do cotidiano docente que só percebi durante as aulas do estágio supervisionado. Dessa maneira, para mim, as aulas de estágio supervisionado representaram uma ampliação do meu campo de visão enquanto professor. Estava com expectativas moderadas com relação à disciplina. Esperava apenas a prática, e recebi uma dose de conceitos pedagógicos essenciais.

Desse modo, esse trabalho de teor autobiográfico surge da necessidade de trazer uma sequência de fatos vivenciados na universidade, tomando como ponto de partida para uma abordagem mais profunda, as vivências e reflexões realizadas na disciplina de estágio supervisionado no ensino médio, elencando planejamentos, reflexões acerca da escola campo, aulas ministradas, materiais utilizados e situações que resultaram em reflexões profundas acerca da prática docente e como ela se aplica mediante o sistema educacional. Para mim, realizar uma pesquisa autobiográfica foi como olhar para mim mesmo sob uma perspectiva analítica, como se decodificasse cada configuração existente no meu eu docente. Passeggi (2008) aponta que a escrita de si é uma forma de conhecer-se, de reconhecer-se e de projetar-se, e foi exatamente isso que senti ao longo dessa construção.

2 Desenvolvimento: a escola e o cotidiano de estágio

2.1 A escola campo

Realizei meu estágio supervisionado em paralelo com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola de Ensino Médio Joaquim Magalhães, localizada na cidade de Itapipoca – CE. A instituição, situada na região central do município, atende a um número expressivo de estudantes nos turnos matutino e vespertino, o que exige uma estrutura robusta de pessoal docente e administrativo. Apesar do alto quantitativo de alunos por turma, a escola mantém um corpo de professores capacitado e comprometido, o que se reflete na condução responsável do processo de ensino-aprendizagem. Essa realidade, contudo, impõe desafios à prática docente, especialmente no que diz respeito à individualização do ensino e à gestão do tempo em sala de aula.

Em relação às condições de trabalho na área específica da Química, a escola dispõe de um laboratório didático funcional, que, embora de tamanho modesto, atende de forma satisfatória às necessidades da disciplina. O espaço conta com boa variedade de substâncias, vidrarias e utensílios, permitindo a realização de aulas práticas que enriquecem o processo de ensino e despertam o interesse dos estudantes. Ainda que a elevada quantidade de alunos represente um desafio constante, sobretudo quando se busca promover experiências mais ativas e experimentais, observa-se um esforço institucional para manter a qualidade da formação oferecida, com iniciativas que valorizam a prática e o protagonismo estudantil. Na figura

1 está fixada uma imagem referente a fachada da escola de atuação no estágio supervisionado

Figura 1 – Registro da fachada da instituição



Fonte: arquivos Google

2.2. Processo de ambientação

A escolha pela Escola de Ensino Médio Joaquim Magalhães também se deu por uma razão prática: por estar localizada no centro da cidade de Itapipoca, facilitava o deslocamento entre a universidade e a escola, bem como o retorno para minha cidade de residência. Esse fator logístico foi determinante para a viabilidade do estágio, especialmente considerando minha rotina intensa de estudos e a dependência de transporte público. Nos primeiros dias, no entanto, enfrentei algumas incertezas naturais de quem está ingressando em um novo ambiente: não conhecia os horários de funcionamento da instituição, tampouco as normas internas, as atividades que realizaria ou mesmo qual professora me supervisionaria. Aos poucos, esse cenário começou a se transformar a partir do momento em que fui apresentado à supervisora responsável pelas orientações do estágio. Sua postura acolhedora, marcada por um momento inicial de apresentação e escuta antes mesmo da definição das tarefas, teve um papel essencial na minha ambientação. Ela compartilhou comigo o cronograma cuidadosamente elaborado para os meses seguintes e, ao longo das semanas, manteve diálogos constantes sobre a realidade da escola, o perfil dos estudantes e estratégias pedagógicas adequadas para o contexto. A abertura

para essas conversas, em tom de partilha e orientação, foi fundamental para que eu me sentisse pertencente ao espaço. Além disso, tive a oportunidade de observar suas aulas, o que me permitiu compreender de forma mais concreta o funcionamento da sala de aula, os desafios do cotidiano docente e as possibilidades de intervenção pedagógica. Esse processo de escuta, observação e diálogo contribuiu de maneira significativa para minha formação inicial, fortalecendo minha confiança e meu compromisso com o percurso que estou construindo na docência. Na figura 2 se encontra um registro de um momento com uma turma do 2º ano.

Figura 2 - Sala de aula em resolução de questões



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

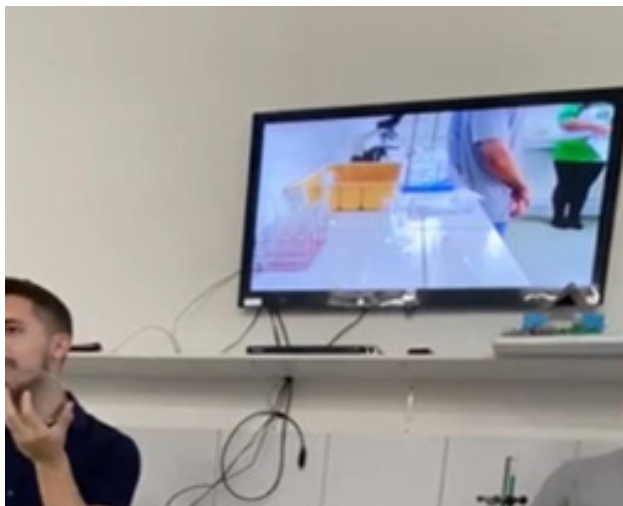
2.3 Aula prática: conhecendo as vidrarias de laboratório

Uma das experiências que mais marcaram minha vivência como professor em formação foi a aula sobre vidrarias, condutas e manuseio de equipamentos de laboratório. Essa aula foi cuidadosamente planejada com o objetivo de apresentar aos estudantes noções fundamentais sobre o ambiente laboratorial, desde o reconhecimento dos materiais até as boas práticas de segurança. Embora a atividade tenha ocorrido em grupo, encarei o momento como uma oportunidade de atuação autônoma, buscando

desenvolver minha postura pedagógica, minha capacidade de conduzir explicações com clareza e de acompanhar o processo de aprendizagem dos estudantes com atenção e escuta.

O planejamento seguiu uma abordagem tradicional, com o apoio de uma câmera instalada no laboratório e conectada a uma televisão suspensa, recurso que permitiu ampliar a visibilidade das demonstrações para os alunos posicionados mais ao fundo da sala. A primeira parte da aula foi conduzida por meio da metodologia expositiva dialogada, abordando os erros mais comuns em ambiente de laboratório, as condutas adequadas, o uso correto dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e as boas práticas no manuseio de substâncias e vidrarias. Ao apresentar cada item, procurei provocar os alunos com perguntas simples, incentivando-os a refletir sobre situações cotidianas e a importância da segurança no contexto escolar e científico. Na figura 3 encontra-se um registro do momento inicial da aula.

Figura 3 – Momento inicial: introdução ao laboratório de química



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Na etapa seguinte, propus uma prática de medidas de precisão utilizando vidrarias como béquer, erlenmeyer, bureta e balão volumétrico. Os alunos receberam um roteiro com orientações claras e foram organizados em grupos pequenos para realizar os procedimentos. Acompanhando cada grupo, pude observar diferentes reações: alguns estudantes demonstravam entusiasmo e curiosidade, enquanto outros se mostravam inseguros,

hesitando ao tocar nas vidrarias ou ao manipular a água – substância utilizada na atividade. Houve, inclusive, quem confundisse a água com algum tipo de ácido, o que exigiu de mim intervenções mais diretas para esclarecer dúvidas e tranquilizar os participantes. Ao longo da prática, percebi como o clima da sala foi se transformando. O receio inicial deu lugar ao envolvimento ativo, e os estudantes passaram a interagir mais livremente, fazendo perguntas, comentando entre si e demonstrando interesse genuíno pela atividade. A aula se tornou um espaço de troca, em que o conteúdo deixou de ser apenas explicado e passou a ser construído coletivamente, com base nas experiências que surgiam a partir do fazer. Esse movimento reforçou em mim a convicção de que a prática pedagógica, especialmente no ensino de Química, pode ser profundamente formativa quando oportuniza ao aluno a vivência direta com o conhecimento. Na Figura 4 encontra-se um registro do momento de diálogo e experimentação.

Figura 4 – Desdobramento da aula por meio da experimentação



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

2.4 Formação para a cidadania: primeiro emprego, juventude e concursos públicos

Durante o período de estágio, uma experiência especialmente marcante ocorreu fora da disciplina específica de Química, mas em uma

área e em um posto que, em algum momento, grande parte dos professores dessa área tende a assumir: a posição de professor diretor de turma e a responsabilidade de ministrar aulas diversificadas e contextualizadas no âmbito da cidadania, dentro do componente curricular de Formação Cidadã. A atividade surgiu a partir de um convite da professora titular do 3º ano, que sinalizou à nossa supervisora o interesse em contar com formações voltadas à cidadania, já que muitos dos alunos daquela turma demonstravam pouca perspectiva em relação ao futuro profissional ou acadêmico. A coordenadora do projeto posteriormente ponderou que havíamos avançado além do previsto em termos de regência, mas, mesmo assim, encarei a situação como uma oportunidade de crescimento. A figura 5 apresenta um registro do momento.

Figura 5 - Formação para a Cidadania: juventude, primeiro emprego e concursos públicos



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

No dia da aula, minha dupla de trabalho não pôde comparecer, o que me fez refletir se deveria manter a proposta. Ainda assim, decidi seguir sozinho. Estava ansioso e carregava comigo os comentários que ouvi sobre o perfil desafiador da turma. Internamente, disse a mim mesmo: “não se pode julgar o que ainda não se conhece”. Entrei na sala com um planejamento simples, em formato de slides, abordando a temática: Formação para a Cidadania: juventude, primeiro emprego e concursos públicos. A princípio, o ambiente era bastante ruidoso, com mais de 35 estudantes, mas a professora responsável contribuiu para acalmar a turma. Iniciei a aula com tensão, mas, aos poucos, à medida que abordava temas

pouco discutidos no contexto escolar, como estratégias para o primeiro emprego, cursos técnicos como alternativas à universidade, informações sobre concursos públicos e comportamento em processos seletivos, percebi que os alunos estavam atentos e participativos.

Foi surpreendente observar o interesse e o engajamento daquela turma, que, até então, carregava o estigma de desmotivação. As perguntas surgiam em sequência, num verdadeiro “bate-bola” entre mim e os estudantes, que buscavam compreender suas possibilidades, seus caminhos, suas chances. Alguns queriam saber como iniciar um curso técnico, outros perguntavam sobre concursos, ou mesmo sobre empregos disponíveis na cidade de Itapipoca. O que mais me marcou foi perceber que, mesmo com uma aula de abordagem tradicional, o fator decisivo para o êxito foi a escuta ativa e a liberdade de diálogo. Entendi, naquele dia, que uma boa aula não está necessariamente na quantidade de recursos utilizados, mas na capacidade de tocar o aluno, despertar sua autonomia e provocar reflexões. Foi, sem dúvida, um momento que levarei como aprendizado e inspiração para minha futura prática docente.

Essa vivência, ainda que fora do escopo direto da disciplina de Química, ampliou minha compreensão sobre o papel do professor na formação integral dos estudantes. Percebi que, muitas vezes, somos chamados a assumir funções que ultrapassam o conteúdo curricular, contribuindo para a construção de cidadania, autoestima e perspectivas de futuro. Estar diante de jovens que, por vezes, desacreditam de seus próprios potenciais me fez repensar o lugar da educação como espaço de ressignificação. Ao compartilhar informações sobre possibilidades profissionais, senti que, mais do que ministrar uma aula, estava estabelecendo um diálogo real com suas inquietações. Essa experiência reafirmou em mim o desejo de ser um educador comprometido não apenas com fórmulas e conceitos, mas também com pessoas e suas trajetórias.

2.5 Reflexões sobre formação docente e inclusão

O estágio supervisionado foi, sem dúvida, um divisor de águas na construção da minha identidade docente. Mais do que uma exigência da faculdade, acabou se tornando uma oportunidade concreta de me ver, e me reconhecer, na figura de professor. Como destaca Josso (2004), ao refletirmos sobre nossas experiências, revisitamos nossa trajetória e reconstruímos nossa identidade, em um constante processo de reinvenção

de si mesmo como educador. Dessa maneira, o olhar para si, as vivências construídas durante o estágio e registradas nessa pesquisa autobiográfica me fazem repensar a minha postura e meus métodos como educador em formação. A cada aula observada, a cada troca com a supervisora, e principalmente nas vivências em que atuei diretamente com os alunos, fui percebendo que ensinar exige muito mais do que dominar o conteúdo: é preciso sensibilidade, escuta e disposição para aprender junto. Aquela imagem do professor que apenas transmite conhecimento foi dando lugar a uma visão mais humana, em que o educador também erra, pergunta, acolhe.

Nesse processo, fui lembrando bastante da minha própria trajetória como aluno. Vindo do interior e tendo estudado a vida toda em escola pública, sempre tive na educação a esperança de abrir caminhos, mesmo quando parecia difícil. Essas memórias me acompanharam durante o estágio e me fizeram olhar para os estudantes com mais empatia. Estar numa sala com alunos tão diferentes entre si me fez entender que inclusão não é só aceitar todo mundo, mas saber lidar com cada realidade que entra em sala. Diversidade não é um desafio apenas pedagógico, mas humano. E o professor precisa estar atento a isso, dia após dia.

Em algumas situações, principalmente nas turmas grandes, percebi como é difícil dar atenção a todos de forma justa. Em uma aula prática, por exemplo, vi que alguns alunos tinham medo até de pegar em uma vidraria simples. Já em uma aula de formação para a cidadania, outros pareciam desacreditados de que conseguiriam um emprego ou ingressar na universidade. Nesses momentos, recordei como me senti no início da faculdade, cheio de dúvidas e inseguranças, e tentei trazer isso para a sala, para mostrar que é possível sim, que existe caminho, mesmo que o ponto de partida seja diferente para cada um.

A aula na formação cidadã foi talvez uma das mais marcantes. Não era uma aula de Química em si, mas envolvia algo que todo professor da área provavelmente vai experimentar um dia: assumir o papel de professor diretor de turma e ministrar aulas diversificadas e contextualizadas no componente de formação cidadã. Estava sozinho, já que minha dupla faltou, e ainda era uma turma conhecida por ser “difícil”. Entrei apreensivo, sem esperar muito resultado. Mas o que vi foi o contrário. Aos poucos, com uma aula simples em slides, conseguimos construir um momento de conversa. Abordei temas como primeiro emprego, concursos públicos, cursos técnicos e alternativas de carreira. E me surpreendi com o interesse

dos alunos. A aula, que comecei com medo, terminou sendo uma das mais significativas que vivi. Mais do que uma aula, virou uma roda de conversa, em que eles perguntavam, argumentavam, refletiam.

Essa e outras experiências me mostraram que ser professor é estar presente, de verdade. Não só para ensinar fórmulas ou conceitos, mas para ouvir, orientar e muitas vezes apenas estar ali disponível. Vi que não basta ter uma boa explicação, é preciso também ter paciência, sensibilidade e coragem. Vi que o professor precisa entender que nem sempre vai dar conta de tudo, mas que, mesmo assim, pode fazer a diferença na vida de alguém. Aprendi que ensinar também é aprender, e que isso torna a profissão ainda mais bonita.

Outra coisa que o estágio me ensinou foi que a formação docente não termina na universidade. Ela acontece no cotidiano, nas conversas, nos erros e acertos. Cada aula, cada desafio, cada olhar dos alunos me fizeram crescer um pouco. Houve momentos em que me senti inseguro, mas também outros em que me senti útil, parte de algo maior. E isso não tem preço. Quando um aluno me chamou de “professor” pela primeira vez, sem hesitar, entendi que eu estava no caminho certo, mesmo com tantas dúvidas ainda.

Por tudo isso, saio do estágio com mais perguntas do que respostas, mas também com mais vontade de continuar. Quero ser um professor que escuta, que acolhe, que provoca reflexões e que acredita na educação como um ato de esperança. Como disse Paulo Freire (1996), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” E é isso que quero levar comigo: a coragem de seguir aprendendo, com os outros e apesar de tudo.

3 Conclusão

Concluir o estágio supervisionado é como encerrar uma travessia que, embora curta no papel, foi imensa na vivência. Foi nesse percurso que descobri, na prática, o que significa estar diante de uma turma, não apenas para ensinar conteúdos, mas para ser presença, escuta, referência. Cada atividade planejada, cada receio antes de entrar em sala, cada sorriso ou silêncio dos alunos me mostraram que o papel do professor vai muito além daquilo que costumamos imaginar nas primeiras disciplinas da licenciatura.

Uma das maiores lições foi entender que o improviso, às vezes, faz parte e que tudo bem não sair como planejado. Houve aula que eu esperava mais participação e quase ninguém falou. Em outras, pensei que não daria conta, mas saí de lá com um sentimento bom, meio difícil de explicar. Aquelas dúvidas que surgem no caminho, os olhares atentos ou dispersos, tudo isso ensina. E ensina muito. Levo comigo a certeza de que, mais do que dominar um conteúdo, o professor precisa desenvolver sensibilidade, escuta ativa e coragem para recomeçar quantas vezes for preciso.

Hoje, olho para mim com mais gentileza. Sei que ainda tenho muito a aprender, mas também percebo o quanto cresci. Já não me assusto tanto com o imprevisto, já consigo enxergar nas pequenas interações, uma pergunta, um comentário, até mesmo um aluno que decide tentar fazer o experimento pela primeira vez, sinais de que a educação acontece. Não dá forma perfeita, mas de maneira viva. Sinto que, aos poucos, fui deixando de me ver como “alguém que está tentando ser professor” e passei a me reconhecer como professor em formação. Essa compreensão remete ao que Paulo Freire (1996) afirma sobre a prática educativa ser um exercício permanente de amorosidade, humildade e compromisso com a transformação do outro e de si.

Para quem ainda vai passar por esse processo, só posso dizer: vá com medo mesmo, mas vá inteiro. Esteja presente, permita-se errar, aprender e até se emocionar. O estágio é um capítulo que muda a gente. Às vezes, a mudança é sutil, outras vezes, ela sacode mesmo. Mas o importante é viver isso de verdade, com o coração aberto. No fim das contas, é ali, no encontro com a escola, com os estudantes e com a gente mesmo, que começamos a entender de fato o que é ser professor.

Referências

JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

PASSEGGI, M. da C. *Escrever a própria história: a invenção de si como professor*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 145-160, jan./abr. 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ENTRE TEORIAS E PRÁTICAS: A JORNADA DA MINHA FORMAÇÃO COMO PROFESSORA DE QUÍMICA

Kaele Vânia de Sousa Alves¹

Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“As experiências vividas não passam,
elas se transformam em experiências formadoras.”
(Marie-Christine Josso)

Meu nome é Kaele Vânia de Sousa Alves, natural do município de Tururu-CE, neste capítulo relato minhas experiências no estágio supervisionado. Antes de entrar na química, eu estudava mecânica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE Campus de Itapipoca. Em 2020 eu iniciei a graduação em Química na Universidade Estadual do Ceará - UECE, na qual estou até hoje. De início eu queria ciências sociais, mas fui em direção à química porque sempre tive curiosidade em entender como as coisas funcionam no mundo ao meu redor. Desde os primeiros contatos com a disciplina na escola, me

- 1 Kaele Vânia de Sousa Alves é estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Atua como bolsista de Extensão no Grupo Tubo de Ensaio e tem interesse na área de ensino de Ciências, práticas experimentais e inclusão escolar. Natural de Tururu - CE, participou de projetos de extensão voltados à formação docente como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Participou como bolsista de Iniciação Artística no Núcleo de Artes Cênicas da Facedi (NACE).
- 2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

encantei com as transformações, reações e experimentos que explicavam fenômenos do dia a dia. Além disso, percebi que a Química tem um papel essencial na saúde, na indústria, no meio ambiente e na vida cotidiana. Isso despertou em mim o desejo de aprofundar meus conhecimentos e, mais do que isso, compartilhar esse saber com outras pessoas. Por isso, optei pela licenciatura: quero ser um agente de transformação na educação e mostrar que a Química vai muito além das fórmulas.

Antes de iniciar o estágio supervisionado, eu nutria grandes expectativas quanto à oportunidade de vivenciar, de forma mais próxima e concreta, a prática docente. Acreditava que o estágio seria um momento essencial para colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso, permitindo uma compreensão mais ampla sobre o cotidiano escolar e os desafios que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. Minha expectativa era também observar de perto a atuação de professores experientes, com o intuito de aprender diferentes estratégias metodológicas, formas de gestão de sala e maneiras eficazes de lidar com as particularidades de cada turma. Via o estágio como um espaço formativo para aprimorar minhas próprias práticas e consolidar minha postura profissional enquanto futura educadora.

Esperava, ainda, que a experiência me proporcionasse um contato mais humano com os alunos, permitindo construir vínculos e entender melhor suas realidades e necessidades. Acreditava que, por meio da convivência diária com os estudantes, poderia desenvolver habilidades socioemocionais importantes para o exercício da docência, como empatia, escuta ativa e sensibilidade pedagógica. Via o estágio supervisionado como uma etapa fundamental para refletir sobre minha identidade docente. Imaginava que, ao enfrentar os desafios reais da profissão, teria a oportunidade de me conhecer melhor como professora em formação, identificar minhas potencialidades e também os pontos que ainda precisariam ser desenvolvidos para me tornar uma profissional mais preparada e consciente do meu papel na educação.

Paulo Freire nos faz lembrar que o Brasil tem uma história da educação importante, que, na evolução dessa história, educadores, representando tendências diferentes até contraditórias, se defrontaram. Paulo Freire nos faz lembrar que toda condição de vencido também é histórica, como as ideias (COMITÊ EDITORIAL, 1979, p. 3).

A experiência do estágio supervisionado em forma de narrativa é essencial para refletir de maneira crítica sobre o processo de formação

docente. Esse tipo de escrita permite revisitar práticas, reconhecer aprendizados e dar sentido às vivências, promovendo uma compreensão mais profunda do próprio desenvolvimento profissional. Além disso, valoriza a dimensão subjetiva da experiência, expressando sentimentos, desafios e descobertas que vão além dos registros formais. A narrativa também contribui para a construção da identidade docente, ao permitir que o estagiário compreenda melhor seu papel como educador e suas práticas pedagógicas. Compartilhar essas vivências pode inspirar outros estudantes e fortalecer o diálogo entre teoria e prática, promovendo uma formação mais humana, reflexiva e colaborativa no campo da educação.

O estágio supervisionado é uma etapa essencial no processo de formação docente, pois possibilita ao licenciando a vivência direta com a realidade escolar, promovendo a articulação entre teoria e prática. Essa experiência proporciona o desenvolvimento de competências pedagógicas, metodológicas e interpessoais, fundamentais para a construção da identidade profissional do futuro educador. Através da observação, da participação e da regência de aulas, o estagiário tem a oportunidade de refletir sobre sua atuação, compreender os desafios da profissão e buscar estratégias que favoreçam uma prática educativa mais significativa, inclusiva e transformadora.

Este capítulo tem como objetivo apresentar as experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado obrigatório realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Joaquim Magalhães, localizada na cidade de Itapipoca, Ceará. A produção deste capítulo representa não apenas o cumprimento de um requisito acadêmico, mas, sobretudo, um exercício de análise crítica sobre a prática docente e sobre o papel do professor na formação integral dos estudantes.

2 Desenvolvimento

A Escola Estadual de Ensino Médio Joaquim Magalhães está localizada na zona urbana da cidade de Itapipoca, no estado do Ceará (Figura 1), e atende a uma significativa quantidade de estudantes provenientes da região serrana. A instituição desempenha um papel fundamental no processo educacional local, promovendo o acesso à aprendizagem e contribuindo para a formação acadêmica e cidadã dos jovens. Durante minha passagem por essa instituição, fui calorosamente recebida pelo professor Francisco Gleison do Nascimento, responsável por

atividades com as turmas do 1º ano, bem como pelos próprios alunos, que demonstraram simpatia, respeito e interesse. A acolhida evidenciou o ambiente positivo e colaborativo que marca o cotidiano escolar, reforçando a importância do vínculo entre educadores, estudantes e a comunidade escolar.

Figura 1: EEM Joaquim Magalhães



Fonte: Reprodução da Internet

Ao chegarmos à escola para o início do estágio, meus colegas e eu nos reunimos com o objetivo de encontrar um professor da área de Química que atuasse com turmas do 1º ano do Ensino Médio. Essa etapa era essencial, pois necessitávamos de um docente que pudesse nos orientar e supervisionar durante todo o processo formativo. Diante disso, iniciamos a procura por um profissional que estivesse disposto a nos acompanhar, fornecendo suporte pedagógico e contribuindo com sua experiência em sala de aula. Acreditávamos que a presença de um orientador comprometido seria fundamental para o bom desenvolvimento de nossas atividades.

Durante nossa busca, entramos em contato com o professor Gleison, que lecionava Química para as turmas do 1º ano. Apresentamos a ele nossa proposta de estágio supervisionado, explicando nossos objetivos e a importância da sua colaboração no processo. O professor mostrou-se receptivo e, com bastante disposição, aceitou o convite para ser nosso orientador. Sua aceitação representou um passo importante para o início das

atividades, garantindo o apoio necessário para que pudéssemos vivenciar a prática docente de forma responsável e orientada.

O ambiente escolar mostrou-se bastante acolhedor e propício à aprendizagem. Tive a oportunidade de conviver diretamente com os alunos em sala de aula, o que me permitiu observar de perto a dinâmica escolar e o comportamento dos estudantes frente às atividades propostas pelos docentes. Durante o período em que estive na escola, também conheci espaços importantes para o processo educativo, como o laboratório de Ciências e a sala de planejamento pedagógico. Esses ambientes reforçam o compromisso da instituição com uma educação de qualidade, oferecendo suporte tanto para os professores quanto para os alunos.

Fui bem recebida por toda a equipe escolar, o que contribuiu significativamente para minha integração ao ambiente e para o bom andamento das observações realizadas. A receptividade e o respeito demonstrados tornaram a experiência ainda mais enriquecedora. Nas observações realizadas em sala de aula, pude perceber o envolvimento de boa parte dos alunos nas atividades. Muitos demonstram interesse e participação ativa durante as aulas. No entanto, também foi possível notar que alguns estudantes apresentam certo desinteresse, o que evidencia a diversidade de perfis e motivações existentes no contexto escolar. Nas Figuras 2 e 3 eu fiz o registro das minhas últimas regências.

Figura 2 : Momento de encerramento da regência no 1º “ N ”.



Fonte: Acervo de Pesquisa. (2025)

Figura 3 : Momento de encerramento da regência no 1º “A”.



Fonte: Acervo de Pesquisa. (2025)

a) Vivências, planejamentos e práticas pedagógicas

A aula foi realizada no laboratório e teve como tema central as normas de segurança nesse ambiente. No início da atividade, foram feitas perguntas introdutórias aos alunos, como: “Vocês já estiveram em um laboratório?” e “Conhecem algumas vidrarias?”, com o objetivo de despertar o interesse e ativar conhecimentos prévios. Em seguida, foram abordadas as principais normas de segurança, com explicações sobre sua importância e aplicabilidade no cotidiano das práticas laboratoriais. Após esse momento, os estudantes receberam uma folha ilustrada contendo exemplos de vidrarias, conforme apresentado na figura 4, para facilitar a identificação e compreensão dos materiais mais comuns utilizados em experimentos. Finalizando a aula, foi realizada uma atividade prática: o experimento denominado “Camaleão Químico”, conforme apresentado na figura 5, que proporcionou uma vivência dinâmica e contextualizada dos conteúdos abordados, reforçando a importância da segurança aliada ao conhecimento científico.

Figura 4 : Atividade entregue aos alunos.



Fonte: Reprodução da Internet.

Figura 5: Alunos do 1º “N”, estamos realizando o Experimento “Camaleão Químico”.



Fonte: Acervo de Pesquisa. (2025)

Para a realização do experimento conhecido como “Camaleão Químico”, iniciei a atividade preparando previamente as soluções necessárias. Em seguida, fiz a demonstração do experimento para toda a turma, explicando o procedimento e os princípios envolvidos. Após a explicação, organizei os estudantes em quatro grupos e convidei um representante de cada grupo para executar o experimento diante da turma, favorecendo a participação ativa e a observação coletiva.

Durante a aula, foram utilizados diversos recursos e materiais didáticos, como as vidrarias disponíveis no laboratório, conforme a figura 6. Folhas impressas com ilustrações e nomes das principais vidrarias, além de reagentes químicos essenciais para o experimento. Também foram apresentados slides explicativos, conforme a Figura 7. Os slides foram exibidos na televisão instalada no laboratório, contribuindo para o suporte visual da explicação. Durante o preparo das soluções, os discentes acompanharam o processo em tempo real por meio da televisão, que estava conectada a uma câmera focalizada na bancada. Esse recurso tecnológico possibilitou a observação segura e detalhada dos procedimentos, reforçando o aprendizado prático e teórico acerca das normas de segurança, do manuseio das substâncias e da correta utilização dos materiais de laboratório.

Figura 6 : Vidrarias Mostradas para os discentes.



Fonte: Acervo de Pesquisa. (2025)

Figura 7 : Slides utilizados.



Fonte: Acervo de Pesquisa (2025)

Durante as regências realizadas em todas as turmas, observei uma participação ativa e entusiasmada por parte dos alunos, especialmente nos momentos de interação, com as perguntas e durante a execução dos experimentos. Essa atitude colaborativa demonstrou o interesse dos estudantes pelo conteúdo e a disposição em se envolver de forma mais profunda no processo de aprendizagem.

Essa capacidade exige um rigor metodológico, que combine o “saber da pura experiência” com o “conhecimento organizado”, mais sistematizado. O seu principal objetivo é fazer com que as pessoas e as classes oprimidas, que aceitam esse desafio, possam pensar certo e se constituírem como sujeitos históricos e sociais, que pensam, criticam, opinam, têm sonhos, de comunicam e dão sugestões (2010, p. 97).

Durante o experimento, inicialmente escolhi quatro alunos, um de cada grupo, para representar suas equipes na realização prática. No

entanto, outros estudantes também manifestaram o desejo de participar, motivados pela curiosidade e pelo interesse despertado pela atividade. Como ainda havia soluções disponíveis, autorizei e orientei esses alunos a realizarem o experimento, garantindo a segurança e o correto manuseio dos materiais. Essa experiência foi especialmente gratificante, pois evidenciou o impacto positivo da atividade prática no engajamento dos discentes. Ver o entusiasmo e a curiosidade sendo despertados durante a aula reforçou a importância de metodologias ativas no ensino de Ciências, bem como o papel do professor como facilitador do conhecimento e incentivador da descoberta.

As atividades desenvolvidas durante a aula incluíram a realização do experimento do Camaleão Químico, seguido por uma proposta de interação entre as equipes. Após a finalização do experimento, cada grupo deveria escolher uma a três vidrarias, dentre as ilustradas nas folhas previamente distribuídas, e questionar as demais equipes sobre a utilidade desses materiais no contexto laboratorial. Essa dinâmica teve como objetivo reforçar o conhecimento sobre as funções das vidrarias, promovendo a troca de saberes entre os estudantes de forma participativa e colaborativa. No entanto, em algumas turmas não foi possível concluir todas as etapas da atividade, devido à limitação do tempo disponível em aula. Apesar disso, a proposta demonstrou ser eficaz no estímulo à curiosidade e à interação entre os discentes, conforme a Figura 8. Contribuindo significativamente para a compreensão dos conteúdos abordados.

Figura 8: Momento de interação com os discentes.



Fonte: Acervo de Pesquisa. (2025)

b) Reflexões sobre formação docente e inclusão

O estágio é uma etapa fundamental na formação docente, pois permite vivenciar na prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação. No meu caso, o estágio revelou aspectos importantes da minha identidade como futura educadora. Percebi que ser professora vai muito além da transmissão de conteúdos: envolve empatia, escuta ativa, adaptação às diferentes realidades dos alunos e compromisso com a aprendizagem.

Durante essa vivência, compreendi melhor o meu papel como mediadora do conhecimento e como agente transformadora na vida dos estudantes. Aprendi a valorizar o planejamento, a importância de refletir sobre as práticas pedagógicas e a necessidade de estar em constante formação. O estágio também me fez enxergar minhas potencialidades e desafios, ajudando a consolidar minha vocação e fortalecer minha identidade como docente comprometida, sensível às necessidades da comunidade escolar e aberta ao diálogo e à construção coletiva do saber.

Nas turmas em que realizei as regências, não foram identificados alunos com deficiência ou com necessidades educacionais especiais. Contudo, procurei adotar práticas pedagógicas que promovessem a inclusão e respeitassem a diversidade presente no ambiente escolar. Para isso, utilizei recursos didáticos acessíveis, com slides limpos e imagens ilustrativas, visando facilitar a compreensão dos conteúdos por todos os estudantes, independentemente de suas particularidades. Ainda que não houvesse casos específicos de inclusão, mantive uma postura acolhedora e sensível às diferentes realidades socioculturais dos alunos, incentivando o respeito mútuo, a escuta ativa e a participação coletiva. Assim, busquei contribuir para a construção de um ambiente educacional mais justo, democrático e comprometido com a equidade no processo de ensino-aprendizagem.

Durante o estágio, vivenciei situações que contribuíram significativamente para a construção da minha identidade docente. Uma das principais aprendizagens foi a importância do planejamento pedagógico bem estruturado, mas também flexível, capaz de se adequar às necessidades e ao ritmo de aprendizagem de cada turma. Essa prática me ensinou que o ensino eficaz exige organização, intencionalidade e constante revisão das estratégias adotadas. Outra aprendizagem relevante foi a percepção de que o ambiente escolar deve ser pautado pelo acolhimento, respeito e escuta ativa. O estágio reforçou a importância do vínculo afetivo entre professor

e alunos como elemento essencial para promover um espaço seguro e estimulante à aprendizagem. Compreendi que a postura do educador influencia diretamente no engajamento e no desempenho dos estudantes.

Além disso, aprendi a valorizar a diversidade presente na sala de aula e a reconhecer os diferentes contextos socioculturais dos alunos como elementos enriquecedores do processo educativo. Mesmo sem a presença de alunos com necessidades educacionais especiais nas turmas em que atuei, busquei promover uma abordagem inclusiva, utilizando recursos acessíveis e práticas que favorecessem a participação de todos. Por fim, levo comigo a certeza de que ser professora vai muito além de repassar conteúdo. É necessário atuar com sensibilidade, empatia, ética e compromisso com a formação integral dos educandos. O estágio consolidou minha vocação para a docência e reforçou o desejo de seguir aprendendo, inovando e contribuindo para uma educação mais justa, democrática e transformadora.

Figura 9: Aluna do 1º “N” realizando o Experimento “Camaleão Químico”.



Fonte: Acervo de Pesquisa (2025)

Figura 10: Preparo das soluções, na solução 1 Permanganato de Potássio + Água, e na solução 2 H_2O + NaHO + Glicose.



Fonte: Acervo de Pesquisa. (2025)

3 Conclusão

O estágio proporciona uma vivência prática essencial para consolidar os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação. Ao atuar em situações reais, o estagiário aprende a aplicar conteúdos acadêmicos de forma contextualizada, desenvolvendo um olhar mais crítico e reflexivo sobre sua área de atuação. Além disso, o estágio contribui significativamente para o aperfeiçoamento técnico, metodológico e ético, sendo uma oportunidade de aprender com os erros, aprimorar estratégias e entender as exigências do campo profissional. Outro aspecto importante é o desenvolvimento de habilidades interpessoais e comportamentais. A convivência com diferentes profissionais e contextos favorece a comunicação, o trabalho em equipe, a empatia e a gestão de conflitos.

O estágio também possibilita o amadurecimento pessoal, à medida que o estagiário enfrenta desafios, reconhece suas limitações e potencialidades, e aprende a lidar com responsabilidades e pressões próprias do ambiente profissional. Essa experiência, portanto, é fundamental para a formação integral e a construção da identidade profissional.

Me percebo mais preparada e confiante em relação à carreira docente. As experiências vivenciadas durante o estágio contribuíram significativamente para o desenvolvimento de competências pedagógicas, como o planejamento de aulas, a gestão de sala e a comunicação com os alunos. Compreendi melhor a importância da intencionalidade nas práticas educativas e da escuta sensível às necessidades dos estudantes, reconhecendo o papel do professor não apenas como transmissor de conteúdos, mas como mediador do conhecimento e agente de transformação social. Além disso, sinto que amadureci profissionalmente ao lidar com os desafios cotidianos do ambiente escolar. Aprendi a valorizar o trabalho colaborativo com colegas e equipe pedagógica, e a buscar estratégias que tornem o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e inclusivo. Hoje, enxergo à docência como uma escolha sólida e consciente, que exige dedicação contínua, sensibilidade e compromisso com a formação integral dos estudantes.

Aos estudantes que em breve iniciarão o estágio, deixo como conselho que vivenciem essa etapa com comprometimento, curiosidade e disposição para aprender. O estágio é muito mais do que uma exigência do curso: é uma oportunidade concreta de conhecer a realidade da sala de aula, observar o funcionamento da escola e começar a construir sua prática docente com base em vivências reais. É importante experimentar métodos de ensino, testar abordagens diferentes e refletir sobre o que funciona ou não. Não tenham receio de errar ou de pedir ajuda, estágio é justamente o momento para crescer, aprender com os desafios e desenvolver suas habilidades. Ouvir professores mais experientes, trocar ideias com colegas e estar atento às reações dos alunos são atitudes que enriquecem muito essa experiência.

A presença no ambiente escolar durante o estágio permite compreender que o papel do professor ultrapassa a simples transmissão de conhecimento. Educar envolve escutar, acolher, planejar com intencionalidade e buscar maneiras criativas de ensinar. Cada desafio enfrentado será uma oportunidade de amadurecimento profissional e pessoal, contribuindo para formar uma postura mais segura e consciente

diante da carreira docente. Por fim, encarem o estágio como uma fase transformadora da formação. Participem ativamente, busquem aprender com cada experiência e valorizem cada oportunidade de atuação. Ao final dessa jornada, vocês perceberão o quanto esse processo contribui para a construção de uma identidade profissional sólida e o quanto o professor pode fazer diferença na trajetória dos estudantes.

Referências

COMITÊ EDITORIAL. Editorial: Ilusão política, desilusão pedagógica. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 1, n. 4, p. 3-4, 1979.

MOREIRA, C. E. Criticidade. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *7 aulas de L. S. Vigotski: sobre os fundamentos da pedologia*. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais Ltda., 2017.

ZITKOSKI, J. J. Humanização/Desumanização. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010b.

AINDA ERA LICENCIATURA, MESMO QUANDO EU HAVIA ESQUECIDO

Gabriely de Sousa Rodrigues¹

Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“Dar voz ao professor é reconhecer que sua
história também é conhecimento.”
(Ivor Goodson)

Sou Gabriely de Sousa Rodrigues, natural de Uruburetama/Ceará. Graduada em Licenciatura em Química pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI). Cursar licenciatura sempre foi um sonho desde pequena, para ser mais exata aos cinco, seis anos de idade. Sabe quando a gente está na escola e a professora pergunta para a turma: “*O que vocês querem ser quando crescer?*” Pois é. Enquanto alguns diziam: médica, policial, jogador de futebol, advogado... eu falava com toda certeza: “Eu quero ser professora”. Lembro que naquela época observava minhas professoras com admiração, com carinho, o brilho nos olhos pelo ensino, havia algo mágico ali. E eu sabia naquele momento o que eu queria para mim: a licenciatura.

- 1 Gabriely de Sousa Rodrigues é estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Atua como bolsista de iniciação científica e tem interesse na área de ensino de Ciências, práticas experimentais e inclusão escolar. Natural de Uruburetama/Ceará, possui experiência na Educação Básica e participou de projetos de extensão voltados à formação docente.
- 2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

Mas a vida, com seus caminhos, desvios e incertezas, me levou por outras direções. E aos poucos, mesmo sem perceber, fui me distanciando daquele desejo. Surgindo outras prioridades, outros medos, outras possibilidades. Quando percebi, já havia deixado aquele sonho guardado numa gaveta, em silêncio... esquecido...

Foi então que no ensino médio, diante de todas as cobranças, inseguranças e medo do futuro, fiz o ENEM, como tantos outros fazem, empurrada mais pela necessidade de tentar algo do que pela certeza de que eu queira. Cursar uma faculdade não estava nos meus planos. Então, estudei o que pude, sem muitas expectativas. Quando saiu o resultado, consegui uma boa pontuação e, para minha surpresa, passei em Licenciatura em Química. Naquele momento, confesso que Química era algo distante do que eu gostaria de fazer, apesar de que no ensino médio era uma disciplina que me encantava, tinha total admiração pelas professoras nessa área, o domínio e clareza que tinha pelos assuntos, era surreal. Tanto que até estava nos meus planos ser monitora da disciplina, nunca consegui. Mas esse desejo sempre se manteve ali, guardado.

Mas apesar da admiração pela Química, seguir a carreira nunca foi algo que eu tinha em mente. Eu sabia de alguma maneira que o que me movia era outra coisa, era o ensinar. E foi quando passei em Licenciatura em Química, senti que era mais que uma escolha minha, era a licenciatura que me escolheu, novamente. Mesmo quando havia esquecido, era a licenciatura que ainda se lembrava de mim. A Química me encontrou e foi como uma ponte para o caminho, para a licenciatura. E eu atendi a esse chamado, mesmo com o coração apertado, sem compreender completamente. Porque no fundo, uma parte de mim sabia, que era a licenciatura que me chamava de volta. Era mais que uma escolha acadêmica, era o reencontro do meu sonho de infância.

Assim, ao iniciar o estágio supervisionado, confesso que estava muito nervosa. Era o meu primeiro contato direto com uma turma do ensino médio, mais do que isso, era a primeira vez que eu voltava a uma sala de aula não como aluna, mas como futura professora. A sensação era nova, desafiadora, e ao mesmo tempo carregada de expectativa. Eu não sabia exatamente o que encontraria. Esperava encontrar desafios reais, situações com as quais talvez eu ainda não soubesse lidar. Sabia que, em muitos momentos, poderia me sentir insegura, com dúvidas sobre o que fazer ou como agir. Mesmo assim, acreditava que essa experiência seria essencial. Tinha a consciência de que o estágio supervisionado é parte

fundamental da formação docente. Freire (1996) lembra que ensinar não é um ato neutro: exige disposição para escutar, refletir e se transformar com o outro. Essa ideia me acompanhou durante todo o processo, reforçando que a formação se constrói também no improviso, no afeto e na escuta de quem está diante de nós. É ali, no contato com os alunos, na preparação das aulas, na observação, que começamos a construir nossa identidade profissional. Eu esperava aprender muito, com os erros, com as dúvidas, com os acertos, e esperava, acima de tudo, me encontrar ainda mais como educadora.

Outrora, é importante registrar as experiências vividas no estágio em forma de narrativa, pois possibilita a consolidação da formação e da autoformação, sendo uma ferramenta potente como um gesto de reencontro. Passeggi (2008, p. 146) afirma que “a escrita autobiográfica é um dispositivo de formação que favorece a invenção de si como professor”. Ao escrever sobre minha trajetória, compreendi que esse gesto não é apenas memória, mas um modo de me formar. É na escrita que vou me tornando professora. Pimenta (1999) complementa esse pensamento ao dizer que o professor necessita refletir sobre sua prática para realmente se formar. Ao descrever as vivências, os anseios, medos e descobertas durante o estágio supervisionado, deixo de ser apenas uma estudante cumprindo um estágio obrigatório da grade curricular. Logo, passando a ser sujeita à minha própria formação docente.

2 Desenvolvimento

a) A escola e o cotidiano do estágio

A Escola Estadual de Educação Profissional Maria Auday Vasconcelos Nery está situada na Rodovia CE 243/km 01, Bairro Itamaraty, no Município de Uruburetama-CE, a aproximadamente 120 km de Fortaleza. Atendendo estudantes majoritariamente de famílias agricultoras, de Uruburetama e regiões próximas, como São Joaquim, Umirim e Tururu. Foi nessa escola, como mostra a figura 1, que fui bem recebida pelo núcleo gestor, com um sorriso no rosto. E também estava com um sorriso no rosto, por estar voltando às origens, à escola em que estudei durante todo o ensino médio.

Figura 1 – Fachada da escola



Fonte: mariaauday. blogspot (2015)

O primeiro contato com a escola, como estagiária, foi marcado por uma mistura de expectativas e familiaridade. Retornar à escola, na qual havia sido aluna, trouxe uma sensação reconfortante, voltando como futura professora. No dia em que fui me apresentar na escola, levei em mãos a carta de apresentação. Fui bem recebida com atenção pela coordenação, que se mostrou acolhedora e atenciosa desde o início. Ficou empolgada com a ideia de receber uma ex-aluna da escola, que estava retornando como estagiária. Em nossa conversa, a coordenadora explicou como funcionava o estágio na instituição, detalhou os procedimentos para a realização das observações e futuras regências, esclarecendo que seria necessário conversar diretamente com os professores da área para verificar os horários. A conversa em si fluiu de maneira tranquila. Tornando-se fundamental para estabelecer uma relação de confiança com a gestão da escola.

Logo que cheguei ao ambiente da escola, o espaço não me era estranho. Voltar ao mesmo lugar, mas com outros olhos, para o ambiente escolar que é colaborativo, organizado e comprometido com o processo de ensino-aprendizagem. Assim, a instituição na qual realizei meu estágio é uma escola técnica de ensino médio, de tempo integral. Que atende turmas de 1º, 2º e 3º ano, a escola oferece formação geral e cursos técnicos integrados. A estrutura física é composta por 12 salas de aula, auditório, possui laboratórios bem equipados de Química, Biologia, Informática e Matemática, quadra esportiva, biblioteca, bloco pedagógico administrativo e espaços de convivência. Sendo esses ambientes fundamentais para o desenvolvimento das práticas pedagógicas. Além disso, ao observar as condições de trabalho, percebi que a rotina docente demanda muita organização, dedicação e preparo. Os professores atuam em diversas áreas desde regências a acompanhamento técnico. Dessa forma, observei que

a gestão, os professores e os demais funcionários apresentam um forte comprometimento, com a aprendizagem.

b) Vivências, planejamentos e práticas pedagógicas

Uma das experiências mais marcantes foi a regência sobre destilação: simples e fracionada. Desde o planejamento, meu desejo era que aquela aula não fosse apenas mais uma explicação de conteúdo, mas uma ponte entre a Química e o cotidiano dos alunos. Queria que eles se enxergassem naquilo. Comecei com uma pergunta simples, mas carregada de intenção: *“Vocês já foram à praia? Já perceberam como a água do mar é salgada? Mas... já pararam para pensar em como seria possível separar essa água?”*. A partir das respostas que surgiram, fui construindo junto com a turma o entendimento dos dois tipos de destilação. Desenhei os esquemas na lousa, expliquei cada passo dos processos e trouxe exemplos próximos da realidade, como a dessalinização da água e a separação do petróleo. Compartilhei também algumas curiosidades sobre o tema, porque acredito que é nos detalhes inesperados que o interesse cresce. Finalizei a aula com perguntas que ajudaram a reforçar os conceitos.

Outra regência que me marcou foi sobre os modelos atômicos, um tema que, à primeira vista, pode parecer abstrato, mas que eu quis tornar palpável. Organizei no quadro uma linha cronológica, desde as ideias de Demócrito e Leucipo, até o modelo proposto por Rutherford. Ao explicar cada modelo, procurava destacar o que havia de essencial em cada um, mostrando como o conhecimento científico é algo construído, passo a passo, com erros e acertos. Para deixar a aula mais significativa, iniciei com uma atividade prática e simbólica: distribuí pedaços de papel e pedi que fossem cortando até não conseguirem mais. Expliquei que, para os primeiros filósofos, o átomo era indivisível, e aquilo que restava nas mãos deles representava justamente essa ideia. Os alunos se envolveram com a dinâmica, participaram, fizeram perguntas. Foi uma troca bonita. Finalizei com questões reflexivas, buscando não só verificar a aprendizagem, mas estimular o pensamento.

Durante o planejamento das regências que executei ao longo do estágio supervisionado, busquei utilizar diferentes materiais didáticos que contribuíssem para o processo de ensino-aprendizagem e tornassem as aulas dinâmicas e acessíveis aos alunos. Mais do que apresentar conteúdos, compreendi que era necessário pensar em estratégias que favorecessem o

envolvimento da turma e a construção de sentido a partir daquilo que se ensinava. Mortimer e Machado (2007) ressaltam que o ensino de Ciências precisa criar oportunidades para que os estudantes se apropriem do conhecimento de forma ativa, conectando teoria e vivência. Foi com esse entendimento que busquei planejar cada aula como um espaço de diálogo, onde aprender fosse também experimentar, questionar e descobrir.

Fiz uso de slides como recurso visual para organizar e apresentar os conteúdos de forma clara e atrativa. Esses materiais me ajudaram a manter a sequência lógica da aula e a destacar os pontos mais importantes de cada tema. Também ocorreram atividades no laboratório da escola, o que possibilitou a vivência mais concreta de conceitos químicos vistos em sala. Utilizei recursos tradicionais, como a lousa e o pincel, que me auxiliaram na construção do conhecimento, especialmente durante explicações passo a passo, como no conteúdo de modelos atômicos. Em atividades práticas e dinâmicas, usei folhas de papel, recortadas em pequenos pedaços, para representar a ideia de indivisibilidade do átomo, o que tornou o conceito mais tangível e próximo da realidade dos estudantes.

Em uma das regências que realizei durante o estágio, tive a oportunidade de conduzir uma aula prática no laboratório sobre o modelo atômico de Bohr, com foco nos saltos quânticos e na emissão de luz por diferentes elementos. Foi uma experiência muito significativa, pois ali eu não apenas ensinava um conteúdo teórico, mas também despertava o encantamento dos alunos pelo fenômeno que acontecia bem diante dos seus olhos. A proposta da aula era simples, mas poderosa: permitir que os alunos identificassem a composição elementar de algumas substâncias através da coloração da chama, associando o que viam na prática ao que já havíamos discutido em sala. Comecei relembando com a turma os pontos principais do modelo de Bohr, principalmente a ideia de que, ao receber energia, os elétrons saltam para níveis mais externos e, ao retornarem, liberam energia na forma de luz, o que explicaria as diferentes cores que observaríamos a seguir.

Em seguida, propus a realização da experiência. Utilizamos três pedaços de algodão dispostos sobre vidros de relógio. Cada grupo adicionou 4 mL de etanol, distribuídos em duas partes, e depois 5 g de uma das substâncias: cloreto de sódio (NaCl), cloreto de potássio (KCl) e sulfato de cobre (CuSO₄). Com o auxílio de um fósforo, cada sistema foi cuidadosamente aquecido, e então a mágica aconteceu como mostra na figura 2.

Figura 2 – Experimento teste da chama



Fonte: arquivo pessoal do autor (2025)

Os olhos dos alunos brilhavam ao ver as cores surgirem: o amarelo intenso do sódio, o lilás do potássio, o verde-azulado do cobre. Cada chama contava uma história diferente. E, naquele instante, percebi que a Química podia, sim, encantar e mais do que isso, fazer sentido. Após a prática, propus algumas questões reflexivas para fixar os conteúdos discutidos e relacionar teoria e prática. Os alunos participaram ativamente, trazendo suas percepções e dúvidas, o que tornou o momento ainda mais rico.

Um dos momentos mais marcantes da minha trajetória aconteceu logo após minha primeira regência que realizei com uma turma do 1º ano do ensino médio. Preparei aquela aula com dedicação, tentando encontrar formas de tornar o conteúdo mais leve, acessível, próximo da realidade dos alunos. Dei o meu melhor, com certo nervosismo por ser o primeiro contato com uma turma de ensino médio, sem saber o quanto aquilo poderia, de fato, tocar alguém. Alguns dias depois, talvez uma semana, eu estava indo para casa quando vi uma aluna. Nos encontramos pelo caminho, e ela me reconheceu. Com um sorriso espontâneo, falou comigo: “Oi, tia, a gente fez a prova de Química, né? E eu só lembrei da sua aula. Se não fosse a sua aula, eu não teria lembrado.”

Naquele instante, algo dentro de mim se acendeu. Pode parecer simples para quem ouve de fora, mas para mim, foi imenso. Foi como se, em poucas palavras, ela confirmasse que eu estava exatamente onde deveria estar. Aquele momento me tocou profundamente, e eu sei que vou

levá-lo para a vida inteira. Porque ensinar, às vezes, é isso, tentando fazer a diferença em silêncio, sem alarme, mas com impacto real. E, naquele dia, eu entendi que a minha presença em sala de aula tinha deixado marca. Não só no conteúdo da prova, mas no coração daquela aluna e com certeza, no meu também. Pois, ser lembrada durante a construção da identidade do aluno também contribui para o meu processo de formação enquanto futura professora.

Dentre as experiências vividas ao longo do meu estágio, uma das mais marcantes foi a oportunidade de participar como avaliadora na Olimpíada Interna de Química promovida pela escola. Fui convidada pela professora supervisora do estágio, que gentilmente me incluiu na organização do evento e me confiou a responsabilidade de avaliar os grupos participantes. Foi um momento especial, pois me senti reconhecida não apenas como estagiária, mas como futura profissional da educação. A Olimpíada foi organizada de forma muito dinâmica e envolvente. Durante três dias, alunos do primeiro, segundo e terceiro anos participaram das atividades, organizados em grupos mistos compostos por estudantes dos cursos técnicos de Administração, Comércio, Informática e Agropecuária.

Cada grupo deveria executar uma prática experimental diferente no intervalo de almoço, o que exigia deles tanto dedicação quanto organização para lidar com o tempo reduzido e com a própria divisão de tarefas. O que mais me chamou atenção foi o empenho dos alunos. Eles se envolveram verdadeiramente com as atividades, discutindo entre si, colocando a mão na massa e, acima de tudo, aprendendo na prática, como mostra na figura 3. Para mim, como estagiária, foi enriquecedor observar e fazer parte desse processo. Pude exercitar meu olhar avaliativo, refletir sobre critérios justos de análise e, ao mesmo tempo, trocar experiências com os demais envolvidos. Foi uma atividade que reforçou minha certeza sobre o poder das práticas experimentais na construção do conhecimento e no despertar do interesse dos estudantes pela Química.

Figura 3 – avaliação das olimpíadas internas de Química



Fonte: acervo pessoal do autor (2025)

c) Reflexões sobre formação docente

O estágio contribuiu para minha formação, uma vez que revelou traços da minha identidade docente que, por muito tempo, estavam adormecidos, calados pelas incertezas da vida e pelas prioridades que mudam ao longo do caminho. Antes do estágio, eu tinha dúvidas se realmente conseguiria estar naquele lugar: o de professora. Mas, conforme as regências, os planejamentos aconteciam, os olhares se encontravam e os retornos dos alunos chegavam de forma tão singela e verdadeira, fui me dando conta de que essa identidade sempre esteve ali, dentro de mim, mesmo quando esquecida. Mas sempre comigo, e com a ajuda da disciplina de estágio, eu pude resgatar essa certeza. O estágio se revelou uma vivência essencial para a construção da minha formação docente.

Também, essa experiência demonstrou que ser professora, para mim, não é um papel a ser desempenhado, mas sim a ser construído, como um modo de existir. Um modo que exige escuta, atenção, presença, cuidado e sensibilidade. Foi possível descobrir que minha identidade docente carrega afeto, criatividade e também a coragem de tentar, de errar, de refazer inúmeras vezes. Revelou que não sou apenas transmissora de

conteúdos, mas alguém que constrói relações, que olha para cada estudante como alguém que também ensina. E, acima de tudo, me mostrou que a professora que me tornei não é perfeita, que erra às vezes, mas é verdadeira. E é com essa verdade que quero continuar trilhando meu caminho para a futura educadora que estou me tornando.

Levo comigo muito mais do que planos de aula e conteúdos ensinados. Levo marcas, das vivências, partilhas e trocas, das dúvidas sinceras dos alunos e das respostas que precisei aprender a construir junto com eles. Eu aprendi que ensinar não é repetir fórmulas prontas, ou memorizar porque determinado assunto vai cair na prova, mas criar pontes entre o conteúdo e o cotidiano, entre a teoria e o que faz sentido para os alunos. Levo comigo a importância de ouvir os estudantes, de considerar seus contextos, suas falas e silêncios. Também levo o cuidado com o planejamento, mas também a flexibilidade de mudar o percurso, de adaptar estratégias quando necessário. Levo a certeza de que uma explicação simples pode abrir várias portas, e que uma aula que começa com uma pergunta pode terminar com uma descoberta que ninguém esperava.

O valor da empatia, da escuta e do respeito pelo tempo de cada um. Aprendi que nem sempre todos compreendem no mesmo ritmo, nem da mesma forma, mas que está tudo bem. Levo na consciência de que ser professora é também ser aprendiz o tempo inteiro, estar sempre disposta a aprender consigo mesma, com os alunos, em uma troca mútua. Além disso, é essa troca constante entre ensinar e aprender que sustenta o sentido da docência. Mais do que tudo, levo a coragem de seguir sendo essa professora em construção. Uma professora que pode errar, mas que aprende com os erros e segue em frente. Que não se preocupa apenas com o conteúdo, mas com o ser humano que está aprendendo diante dela, com a vivência, a sua realidade.

3 Conclusão

Como resultado, as principais aprendizagens durante esse período de estágio foram a oportunidade dessas vivências, que me reafirmaram que ensinar é mais do que transmitir conteúdo, é criar conexões, despertar curiosidades e tocar realidades. O estágio supervisionado 1 não foi apenas uma etapa obrigatória da graduação. Foi, para mim, um lugar de descobertas profundas, onde aprendi muito mais do que qualquer manual de instruções poderia ensinar. Estar dentro da escola, de uma sala de aula,

como futura professora, agora eu vejo com outros olhos. Aprendi que o planejamento é importante, sim. Aprendi que nem toda explicação atinge da mesma forma cada aluno, e que o desafio maior está em encontrar caminhos que toquem, que despertem os alunos.

Descobri que não basta apenas saber o conteúdo, é preciso saber chegar até o outro com esse conteúdo, respeitando o tempo de cada um, o contexto e a bagagem de cada estudante. Aprendi que a didática se constrói na prática, nos erros, nos acertos e, muitas vezes, no improviso. E talvez a lição mais valiosa de todas seja aprender consigo mesma, se autoconhecendo. Para a minha futura eu, professora, que já existia em mim desde criança, mas que o tempo havia silenciado e esquecido. No estágio, se despertou. Não como uma certeza pronta, mas como uma presença firme. O estágio me ensinou que a docência é viva, repleta de afeto, coragem e desafios. E acima de tudo, que a escola é um lugar de formação mútua e contínua.

Hoje, depois de tudo o que vivi, não enxergo mais a docência apenas como uma profissão, como costumava imaginar nos tempos em que responder “quero ser professora” era quase uma brincadeira de criança. Agora, vejo essa escolha com a profundidade de quem já sentiu na pele o que é estar diante de uma turma, entre desafios reais, olhares curiosos, silêncios cheios de significados e aprendizados que ultrapassam qualquer planejamento. Não é sobre saber tudo, mas sobre estar disposta a aprender todos os dias com os alunos, com os erros, com os imprevistos, com a escola. Ser professora é, hoje, aquilo que me devolve a mim mesma. É onde percebo que minhas inseguranças também fazem parte da formação, e que a coragem de tentar, mesmo sem certezas, é o que sustenta o compromisso com o ensinar. Como lembra Nóvoa (1982), “ninguém se forma professor sem se formar como pessoa”. Essa compreensão se evidenciou em cada vivência do estágio, onde ensinar e aprender se entrelaçaram como parte de quem sou e da educadora que estou me tornando. Ser professora, agora, não é mais uma dúvida: é uma certeza que pulsa.

Para finalizar, uma mensagem para outros estudantes que vão vivenciar esse processo, aproveitem ao máximo a oportunidade de vivência durante o estágio, é o momento de se encontrar e reencontrar durante a licenciatura. Mesmo que possa parecer assustador no início, o importante é não desistir e entrar na sala de aula com o coração aberto, disposto a errar, a tentar de novo e escutar. Por mais que se sinta perdido(a), com lacunas e incertezas, está tudo bem, isso que é formação, aprender em meio aos desafios. Porque o que transforma uma simples regência em aprendizado é

o quanto você se permite viver aquilo. Que você sinta, no silêncio de um aluno prestando atenção, ou em uma “tá, eu entendi!” dito com alegria, que a docência vale sim a pena. Que ser educador é mais do que ensinar, é tocar vidas. Inclusive a sua.

Referências

- EEEP MARIA AUDAY VASCONCELOS NERY. Blog da EEEP Maria Auday Vasconcelos Nery. Disponível em: <https://mariaauday.blogspot.com/?m=1>. Acesso em: 09 de jul. de 2025.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MORTIMER, E. F.; MACHADO, A. H. A didática das ciências: construindo caminhos. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- NÓVOA, A. (Org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- PASSEGGI, M. da C. Escrever a própria história: a invenção de si como professor. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 145-160, jan./abr. 2008.
- PIMENTA, S. G. Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil. São Paulo: Cortez, 1999.

ENTRE EXPERIMENTOS, QUIZ E EMOÇÕES: APRENDIZADOS NA PRÁTICA DOCENTE

Izabel Matias Fernandes¹

Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“Todo relato de estágio é também um relato de identidade em construção.”

(Elizeu Clementino de Souza)

Prazer, eu sou a Izabel, tenho 21 anos, nasci na cidade de Itapipoca-CE e cresci no distrito de Miraíma-CE, tive uma infância excelente, sem celular, redes sociais, e com muitas brincadeiras boas, desde criança, sempre soube que queria ter uma carreira universitária, almejava muito isso, tanto que sempre tentei ser uma excelente aluna no ensino fundamental e médio, porque tinha consciência de que isso abriria portas, cresci no interior, onde as limitações e os desafios são muitos, mas sempre fui determinada em relação às minhas metas e sonhos, sou o tipo de pessoa que, quando decide começar algo, vai até o fim mesmo quando surgem dúvidas ou a vontade de desistir, o que me fortalece e me encoraja a seguir em frente é, acima de tudo, minha fé em Deus e o apoio incondicional

1 Izabel Matias Fernandes é estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Atua como bolsista do projeto PIBID e tem interesse na área de ensino de Ciências e práticas experimentais. Natural de Itapipoca-ce, possui experiência na Educação Básica e participou de projetos de extensão voltados à formação docente.

2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

dos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado, eu estava no 3º ano do ensino médio quando minha escola me convidou para participar do vestibular da UECE, mesmo em um período desafiador, marcado pela pandemia da Covid-19, decidi me inscrever e fazer a prova, não sabia exatamente como o processo funcionava, mas fui lá e encarei o vestibular.

Apesar de sempre ter sido uma aluna dedicada, não tinha muita confiança de que passaria estava, inclusive, um pouco desacreditada. concluí o ensino médio e, alguns meses depois, saiu o resultado: eu havia sido aprovada, no entanto, a licenciatura em Química não era, nem de longe, minha primeira escolha, nunca me imaginei atuando como professora, havia acabado de sair da escola e ainda estava indecisa sobre qual caminho seguir, mas, como sempre gostei de Química, da área de Exatas, e sonhava em ser cientista, resolvi arriscar. Escolhi cursar Licenciatura em Química na UECE e me joguei de cabeça, sem saber exatamente o que me esperava.

O início foi bastante difícil, mas aos poucos fui me apaixonando pelo curso, especialmente pelas aulas práticas e pelas experiências como professora em formação. Pensei muitas vezes em desistir e ainda penso, mas costumo dizer que esse curso me escolheu e aprendi a gostar muito dele. Minha trajetória pode ser compreendida como uma (auto)biografia em construção, pois, ao narrar minhas vivências, estou também refletindo sobre meu percurso formativo, como afirmam Silva e Mendes (2009, p. 8), a (auto)biografia remete à escrita da própria vida, sendo uma forma de construir um conhecimento de si mesmo na interrelação entre o individual e o coletivo, característica essencial no processo de formação docente.

Estou no sétimo semestre e ingressei no programa PIBID, para aperfeiçoar minha prática docente, conhecer meus interesses como professora, realmente vivenciar e praticar a docência. antes de iniciar o estágio supervisionado do ensino médio, tinha algumas expectativas, como: me ver e sentir na pele atuando como professora em uma sala de aula, sair da zona de conforto da faculdade e de fato encarar a realidade, esperava que seria algo bem difícil para mim, primeira vez ministrando aula, enfrentando o medo, o receio de dar errado, mais com muita certeza que eu seria mais forte, mais capaz, mais preparada, mais experiente.

Segundo Josso (2004) e Cunha (2009, p. 10), a pesquisa narrativa pode se constituir em um processo emancipatório, pois possibilita que o sujeito reflita sobre sua trajetória formativa.

Como destacam os autores:

De fato, acreditamos que a pesquisa narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao 'ouvir' a si mesmo ou ao 'ler' seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo emancipatório em que o sujeito aprende a produzir a sua própria formação determinando a sua trajetória" (CUNHA, 2009, p. 10).

Registrar essa experiência em forma de narrativa é essencial porque se trata de algo único vivenciamos o início do estágio apenas uma vez na vida, esse relato permite compartilhar momentos marcantes de felicidade, aprendizado, nervosismo e realização pessoal, além de proporcionar crescimento individual, intelectual e científico, a narrativa pode motivar outros graduandos de licenciatura, despertando identificação e valorizando a trajetória de formação docente.

2 Desenvolvimento

a) A escola e o cotidiano do estágio

A Escola de Ensino Médio Joaquim Magalhães, localizada em Itapipoca-CE, é uma instituição pública regular que apresenta uma estrutura física adequada, situada no centro da cidade, atende a estudantes tanto da zona urbana quanto da zona rural, desde minha chegada, fui muito bem recebida por toda a equipe escolar, incluindo os funcionários, o professor supervisor das turmas de 1º ano de Química, bem como pelos alunos, os demais professores também demonstraram cordialidade e receptividade.

O ambiente escolar é bem preservado e organizado, todas as salas de aula são climatizadas, encontram-se limpas e sem pichações nas paredes, o ambiente é agradável e contribui positivamente para o processo de ensino-aprendizagem, a sala dos professores e o espaço destinado ao planejamento são confortáveis, proporcionando um bom ambiente para o trabalho docente, no entanto, foi possível observar que algumas áreas da escola, como os banheiros, necessitam de manutenção. Durante o período em que estive na instituição, percebi que os professores, em sua maioria, utilizam apenas o quadro branco em suas aulas, o que pode indicar uma possível ausência de projetores ou de outros recursos tecnológicos.

A escola dispõe de uma sala destinada ao planejamento docente, equipada com mesas e cadeiras, onde os professores se reúnem

obrigatoriamente para organizar suas atividades pedagógicas, a sala de professores, embora funcional, é relativamente pequena e, por vezes, não comporta confortavelmente todos os docentes, a equipe escolar conta com acesso à internet e dispõe de livros didáticos, além de um laboratório voltado para as práticas de Ciências, no entanto, a limitação de recursos no laboratório representa um desafio para a realização de atividades experimentais mais completas, as salas de aula possuem uma elevação próxima ao quadro, o que facilita a visualização por parte dos alunos e o deslocamento do professor durante as aulas, em relação à gestão, a coordenação demonstra ter uma boa comunicação com os professores e parece realizar um trabalho eficiente na orientação pedagógica, apesar das cargas horárias serem extensas, elas permanecem dentro dos padrões estabelecidos, de modo geral, as condições de trabalho oferecidas pela instituição são adequadas, ainda que existam aspectos pontuais que podem ser aprimorados para favorecer ainda mais o desempenho profissional e o processo de ensino-aprendizagem.

b) Vivências, planejamentos e práticas pedagógicas

Depois do período de observação, que foi cheio de descobertas e avaliação interna e externa, conversei com o supervisor e planejamos as aulas, ele propôs de as aulas serem no laboratório de ciências, planejei uma aula sobre normas de laboratório e vidrarias e suas funções, o supervisor sugeriu que a aula fosse de 100 minutos, duas aulas de 50 minutos continuas, onde eu explicaria as normas e as vidrarias do laboratório, e para finalizar um experimento, marcamos um dia para testar o experimento, que foi o camaleão químico, reação de oxirredução, nesse experimento observa-se uma mudança gradual de cores em uma solução, simulando o comportamento de um camaleão que muda de cor, a sequência típica das cores pode incluir o violeta, verde, amarelo e em alguns casos, até incolor, dependendo da variação do experimento, diante disso o desenvolvimento planejado da minha aula foi o seguinte conforme apresentado no quadro 1.

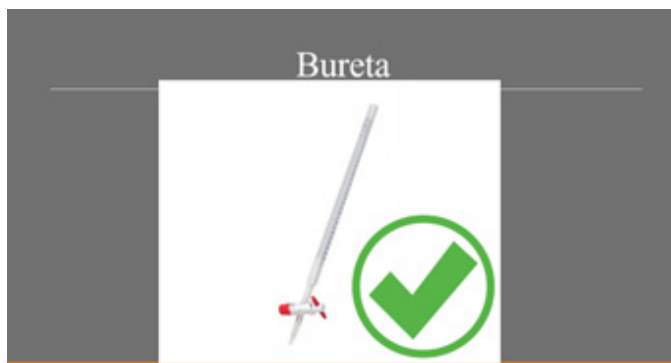
Quadro 1 – Planejamento da minha aula

Introdução e sondagem • Perguntar aos alunos se já estiveram em laboratórios. • Apresentar o tema da aula e os objetivos. Normas de segurança – Aula dialogada com slides • Exibir slide com cada norma + imagem. • Fazer perguntas antes de explicar Vidrarias – Identificação com imagens e objetos reais • Exibir slide com imagem da vidraria e perguntar: “Alguém sabe o nome dessa peça?” “Para que vocês acham que serve?” • Mostrar a vidraria real após a imagem.	REALIZAR EXPERIMENTO – Camaleão químico – Reação de Redox com Mudança de Cor • Objetivo: Realizar um experimento Químico de forma didática, fazendo alusão aos conteúdos de soluções e misturas. Explicar sobre o experimento na lousa. APLICAR QUIZ – Identificar as vidrarias apresentadas na aula • Formar equipes • Mostrar imagem de três vidrarias diferentes e perguntar: Qual entre esses é a bureta? • Em seguida, revelar qual é a certa!
---	--

Fonte: arquivo pessoal do autor (2025)

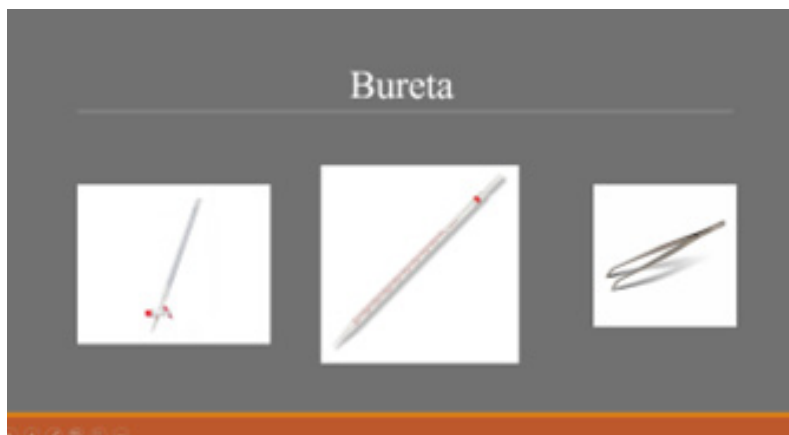
Como forma de avaliação e atividade, realizei um quiz com os alunos, buscando algo que fosse ao mesmo tempo divertido e competitivo, despertando neles a curiosidade e a vontade de participar do jogo. Para isso, criei o “Quiz das Vidrarias”, que consistia em mostrar imagens e perguntar, por exemplo: Qual dessas é o bquer? Utilizei o próprio slide da aula para inserir o quiz, como pode ser observado na figura1 e 2:

Figura 1” - jogo “ quiz das vidrarias”



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 2 - jogo "quiz das vidrarias"



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Nessas aulas tentei interagir bastante com os alunos, usando uma estratégia chamada (técnica de questionamento), no que consiste exatamente fazer perguntas ao longo da aula, saber quais as dúvidas deles e prever hipóteses dos alunos, fiz meus slides, desenvolvi meu roteiro da prática e finalizei meu plano de aula, estava me sentindo um tanto preparada, como o supervisor propôs de planejamos apenas essa aula, que seria ministrada em várias turmas do primeiro ano, eu fiquei com o 1º L, 1º P e 1º G, ao todo foram 5 regências.

Minha primeira vez ministrando aula foi no 1 “L” no horário da tarde, essa turma era calma, e alguns alunos gostavam de interagir bastante, como a aula foi no laboratório, o supervisor direcionou a turma até lá, quando eles entraram na sala para perceber que estavam um pouco envergonhados, tímidos, e animados, pois era algo novo e pouco rotineiro, comecei com uma acolhida, fiz perguntas como: vocês já vinheram nesse laboratório? E eles responderam que já fazia um tempo, no primeiro momento falei das normas e sua importância dentro do laboratório, dos (EPIs) equipamentos de proteção individual, perguntei vocês sabem o que são EPIs? Alguns responderam que sim, o aluno X falou um exemplo, o jaleco! O outro citou os óculos, em seguida eu expliquei sua importância e para que serve, com o apoio do slide, quando estava falando que não pode comer dentro do laboratório, e fiz a pergunta — Vocês sabem por quê? Muitos diziam que não. Outros falaram: “Ah, professora, deve ser porque pode ocorrer o risco de contaminação do alimento”, respondi: “Correto.” Em seguida, parti para a parte das vidrarias.

Falei sobre as vidrarias mais utilizadas, expliquei suas funções e os cuidados que devemos ter ao manuseá-las. Os alunos conheciam, no máximo, duas das várias que apresentei. Muitos tinham dificuldade em identificar para que servia cada vidraria. Alguns comentaram que já tinham visto algumas delas em vídeos curtos. Houve momentos em que a aula ficou bastante descontraída e divertida, o que me fez sentir à vontade. Após abordar as normas de segurança e as vidrarias, anunciei que realizaria um experimento muito interessante e “mágico”, chamado Camaleão Químico. No momento em que mencionei o nome, os alunos se animaram bastante e ficaram curiosos. Expliquei o que estava acontecendo durante o experimento e, em seguida, o realizei, como mostrado na Figura 3 abaixo.

Figura 3 - realização do experimento, gravado pela câmera e projetado na TV.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Ao adicionar à solução de glicose + hidróxido de sódio com auxílio de uma pipeta de Pasteur, na solução de permanganato de potássio, ouve uma mudança de cor gradativamente, ou seja, os íons de permanganato reduziram, não pude deixar de notar o rosto dos alunos, ficam tipo “uau”, eles percebem que a solução estava dívida em três cores roxo, verde e amarelo, exatamente como eu havia explicado, para mim aquilo foi muito satisfatório fazer algo que despertasse interesse e surpreendesse os alunos, quando estava no começo do experimento me senti um pouco atrapalhada, já que era a minha primeira vez realizando um experimento em sala de aula como professora, após o experimento partimos para o quiz, falei para eles que se separassem em equipes e que a equipe vencedora ganharia um “BIS”

como prêmio, fiz isso para torna o jogo mais competitivo e para testar minha teoria de que se tivesse uma recompensa os alunos se empenhariam muito mais, e isso foi verídico, quando falei sobre o prêmio, eles vibraram muito e esse jogo foi espetacular, percebi que eles haviam aprendido o conteúdo das vidrarias e todas as equipes sabia identificar as vidrarias e responder as questões do quiz.

No final do jogo, houve um empate entre duas equipes, diante dessa situação inesperada, me vi desafiada a pensar rapidamente em uma nova estratégia para desempatar o jogo didático, já que não seria viável dividir o prêmio entre ambas, então, peguei duas vidrarias e lancei a pergunta: Qual dessas é a pipeta graduada? A equipe 4 respondeu corretamente e se consagrou vencedora, apesar de ter planejado bem como as respostas seriam entregues e de perceber que a competição despertou nos alunos empenho e interesse pelos conteúdos, percebi que levar um prêmio físico talvez não tenha sido a melhor escolha. A competitividade excessiva gerada acabou ofuscando, em parte, os objetivos pedagógicos do jogo, embora o reforço positivo tenha contribuído para o engajamento, essa experiência me fez repensar o uso de recompensas materiais em atividades educativas.

A segunda aula aplicada foi no 1º ano P, essa turma era uma pouco mais retraída, falavam pouco, e não interagiam muito comigo, ministrei aula apenas de 30 minutos, onde expliquei as normas e algumas vidrarias, tentei usar exemplo do cotidiano deles e associar a aula que tiveram sobre separação de misturas, ao falar que usamos o funil de vidro no processo de filtração, como era minha segunda aula, depois da primeira experiência, senti muito mais fluidez na minha fala e menos nervosíssimo no início da aula, após os 30 minutos, outra estagiária assumiria meu lugar.

Partindo para minha regência na turma do 1º ano G, percebi durante as observações que os alunos eram bastante agitados e gostavam muito de conversar, um ponto positivo, no entanto, é que demonstravam curiosidade, faziam muitas perguntas e interagiam bem com o professor — o que também se repetiu durante a minha aula, surpreendentemente, durante a minha regência, eles se mostraram mais calmos e concentrados, utilizei a mesma estratégia de fazer perguntas sobre as vidrarias e as normas de segurança, e os alunos não só responderam corretamente como também demonstraram grande interesse pelo conteúdo, fazendo várias perguntas ao longo da explicação,

Na segunda aula, realizei o experimento com os alunos, iniciei explicando na lousa o que aconteceria durante a prática, preparando-os para

o que iriam observar, executei o experimento conhecido como “Camaleão Químico” e, à medida que as mudanças de cor ocorriam na proveta, os alunos demonstravam surpresa e encantamento, era visível a animação deles com o fenômeno, para tornar a atividade ainda mais participativa, chamei quatro alunos para ajudar na realização do experimento, como pode ser observado na Figura 4:

Figura 4 – Aluno participando do experimento.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

c) Reflexões sobre formação docente e inclusão

Essa experiência me proporcionou um aprendizado que vai além das paredes do campus, literalmente, ela foi de suma relevância para construir minha identidade docente, trabalhar e ampliar ela, o estágio me revelou que sou mais forte, mais capaz, me fez refletir profundamente sobre o tipo de profissional que desejo me tornar, sobre que professora quero ser e como pretendo conduzir minha prática docente, percebi que ainda tenho muito a aprender e desenvolver, especialmente no que diz respeito ao meu posicionamento e segurança em sala de aula, essa experiência despertou

em mim a necessidade de buscar aprimoramento e autoconhecimento para exercer a profissão com mais confiança, responsabilidade e sensibilidade.

Estar em sala de aula, observando e, posteriormente, conduzindo práticas pedagógicas, permitiu que eu compreendesse de maneira mais concreta os desafios e as possibilidades da docência, a teoria, por si só, não dá conta de revelar a complexidade que envolve o ato de ensinar, “A identidade docente se desenvolve a partir das experiências vividas e das narrativas que os professores constroem sobre si mesmos.” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 145), foi no contato direto com os estudantes, com a equipe escolar e com as diferentes realidades presentes no ambiente educacional que comecei a moldar minha postura profissional, baseada no respeito, no diálogo e no compromisso com uma educação significativa.

Nos aspectos de inclusão e diversidade, percebi que os alunos vivem realidades bastante distintas. Muitos trazem para a sala de aula questões relacionadas à falta de recursos básicos, a escola possui um público muito heterogêneo, com estudantes que apresentam ritmos variados de aprendizagem e origens sociais diversas, para mim, lidar com essa diversidade foi um grande desafio, e houve momentos em que me questionei se estava realmente agindo da melhor forma, em uma das aulas, descobri que havia um aluno daltônico, procurei conversar com ele para entender suas dificuldades na visualização das cores, ele me contou que tinha uma pequena dificuldade para distinguir algumas tonalidades, mas que, apesar disso, estava conseguindo acompanhar a aula normalmente, compreender esses contextos foi essencial para que eu não os enxergasse apenas como “problemas”, mas como realidades que exigem de nós, educadores, sensibilidade, escuta ativa e compromisso com uma educação humanizada, ao refletir sobre essas experiências, percebo que meu relato vai além de uma simples descrição de situações escolares; trata-se de um exercício de autoria sobre minha trajetória formativa, alinhando-se à ideia de que a autobiografia, mais do que uma análise psicológica, valoriza os sujeitos e suas histórias (SILVA; MORAES; MONTEIRO, 2011).

Para minha atuação futura, levo comigo a certeza de que a formação docente é um processo contínuo, que se constrói no fazer diário, na escuta atenta e na disposição para aprender constantemente, o estágio me permitiu enxergar a docência com novos olhos: compreendi que ser professor vai muito além do que muitos comentam de forma negativa, trata-se de uma profissão que exige entrega, sensibilidade, compromisso com o outro e, sobretudo, humanidade, Freire (1996, p. 68) afirma

que “*ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando*”, e é com essa consciência que compreendi que as aulas não precisam ser perfeitas — haverá erros, imprevistos, tensões e aprendizados, a prática me ensinou que é preciso estar aberta ao inesperado, ao imprevisto e, muitas vezes, à reinvenção, compreendi que ser educadora é saber conduzir, mas também saber ouvir, acolher e reconhecer os próprios limites.

Levo comigo a responsabilidade de contribuir para a formação de sujeitos críticos, conscientes e éticos, nem tudo sairá como o planejado em sala de aula, no laboratório ou em qualquer ambiente escolar, e está tudo bem, como diz Nóvoa (1992), a formação do professor acontece também nos espaços informais, nas trocas, nas experiências e nos desafios enfrentados diariamente.

3 Conclusão

Durante esse período tive muitos aprendizados, sobre que estar à frente de uma turma dando aulas não é só saber o conteúdo ou muito menos ter se planejado bem, é saber ouvir os alunos, está ciente dos acontecimentos que podem ocorrer dentro de um laboratório por exemplo, ter autoconfiança, saber se expressar diante dos estudantes, entender que ensinar vai além das metodologias inovadoras, é saber mediar, acolher, ser paciente e resiliente, aprendi que muitas vezes o planejado não sai como deveria, e devemos ter segundas opções, segundas aulas, que deve ser considerados os processos de aprendizagem, não apenas se você deu uma aula excelente, se sua dicção foi boa, aprendi também que as aulas não precisam ser perfeitas, haverá momentos de erros e acertos, de tensão e de alegria, aprendi, acima de tudo, que o professor precisa exercer humildade, saber quando e como falar, ter sensibilidade para perceber o momento certo de intervir, a realidade escolar é complexa e muito diferente do que a teoria muitas vezes nos mostra, mas é justamente nessa realidade viva que a nossa identidade docente vai se moldando, como afirma Nóvoa (1997), “estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional” (p. 4). Essa perspectiva reforça a ideia de que o processo de ensinar e aprender também transforma o próprio professor ao longo de sua jornada.

E para você, futuro licenciado(a) ou estudante que está prestes a viver essa fase, eu deixo a mensagem de que seja forte, estude, esteja

convicto(a) da sua escolha, abrace sua formação com responsabilidade e paixão, aprenda a relevar certas situações, a conviver com os alunos, a estar realmente disposto(a) a dar o seu melhor, aprimore seus horizontes, entenda a importância e a significância que esse processo tem para sua construção como educador(a). Ensinar é tocar vidas, é provocar reflexão e autorreconhecimento a si mesmo(a), na figura 5 trago o registro da minha última regência.

Figura 5 - momento final da última regência.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Todas as vivências são válidas e, de alguma forma, nos trazem respostas para aquilo que buscamos, haverá momentos de incerteza, de dúvida e até de receio, mas, acredite: nessa jornada, você sempre aprenderá algo positivo, é muito provável que você crie boas relações interpessoais, com alunos, colegas e professores, e perceba que ensinar vai muito além de preencher o quadro ou simplesmente transmitir um conteúdo.

4 Referências

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução de Vera Maria Ferreira do Nascimento. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CUNHA, R. C. (2009). A pesquisa narrativa: uma estratégia investigativa sobre o ser professor. GT 2. V Encontro de Pesquisa em Educação. Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação. 18 a 20 de março de 2009. Universidade Federal do Piauí (UFPI).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NÓVOA, António (Org.). Os professores e sua formação. 1. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

SILVA, F. C. R.; MENDES, B. M. M. (Auto)biografia, pesquisa e formação: aproximações epistemológicas. GT 2. V Encontro de Pesquisa em Educação, 18 a 20 de março de 2009, Universidade Federal do Piauí (UFPI), 2009. Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação.

SILVA JR, A. J.; MORAES, M. A. M. ; MONTEIRO, S. B. (2011). Otobiografia: a escuta das vivências como escolha teórica-metodológica para pesquisa em educação e 386 MARQUES, VALÉRIA; SATRIANO, CECILIA. Narrativa autobiográfica do próprio... saúde. Anais. Ciências da Enfermagem em tempos de interdisciplinaridade. Trabalho 22. 16º SENPE. 19 a 22 de junho de 2011. Campo Grande MS.

VYGOTSKY, L. S. Psicologia da arte [Psikhologiya iskusstva]. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Edição de 2001).

DA TIMIDEZ À DOCÊNCIA: REFLEXÕES DE UM ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO

Alexsandra Kênya Vieira Sousa ¹

Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“A narrativa de vida é, ao mesmo tempo, memória e projeto.”
(Christine Delory-Momberger)

Meu nome é Alexsandra Kênya Vieira Sousa, sou estudante na Universidade Estadual do Ceará (UECE), no campus da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), e atualmente bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, com o núcleo de Interdisciplinaridade: Química e Biologia, e curso Licenciatura em Química. Vou descrever um pouco mais sobre mim e sobre a minha trajetória até chegar ao curso de Licenciatura em Química, sou natural de Itapipoca, conhecida também como a cidade dos três climas, e cresci com o meu pensamento fundamentado em garantir ter um sucesso profissional que me tornasse capaz de aproveitar e me orgulhar do trajeto que percorri até atingir esse objetivo final. Apesar de ter essa determinação, passei por

-
- 1 Alexsandra Kênya Vieira Sousa é estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Atua como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) com núcleo em Interdisciplinaridade de Química e Biologia e tem interesse na área de ensino de Ciências, práticas experimentais e inclusão escolar. Natural de Itapipoca, possui experiência na Educação Básica e participou de projetos de extensão voltados à formação docente.
 - 2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

muitos momentos em que sempre questionava-me: “O que vou fazer da vida?”, pois me sentia insegura e às vezes com poucas expectativas em minha própria pessoa, devido à minha personalidade tímida e reservada, dessa forma dificultando ampliar o meu desenvolvimento pessoal.

Porém, durante os anos finais do ensino fundamental comecei a ter experiências como um docente dentro de sala de aula ao ajudar meus colegas nos estudos e realizando monitorias de matemática para eles, e foi nesses momentos que alguns deles e professores já começavam a comentar que eu possuía uma posição de professora, por ter paciência em ensinar e por ter um tom de voz que influencia em uma boa compreensão do conteúdo, contudo apesar das retrospectivas ainda tinha uma certa indecisão, pois nesse período havia pensado em cursar Engenharia Civil e meu segundo plano estava em cursar Licenciatura de alguma área de ensino. E foi somente durante o ensino médio que aceitei-me enxergar como uma possível futura docente, apesar de amar matemática, comecei a ter um grande interesse no ensino de química, devido, principalmente, aos experimentos que realizamos no laboratório e a as metodologias de fácil compreensão que os professores aplicavam em sala de aula, que influenciaram de maneira positiva e satisfatória na minha vida acadêmica.

E atualmente, depois desse grande percurso de incertezas, estou seguindo meu objetivo inicial ao decidir querer estruturar uma carreira docente, por ter um grande interesse na área da química. Para minha formação ser considerada adequada, um dos períodos que deveria passar seria os momentos de estágio supervisionado nas escolas de ensino médio, antes de passar por isso, tinha em mente que seria um grande desafio realizar regências dentro de sala de aula ou laboratório para alunos que muitas vezes podem apresentar não ter tanto interesse nos conteúdos e assim não conseguindo atrair a devida atenção a disciplina, além de minha personalidade tímida diminuir ainda mais minhas expectativas em conseguir contribuir com os professores para dar uma boa aula de química.

Para conseguir manter uma posição confiável, determinada e tranquila, optei por fazer o meu estágio supervisionado na escola que frequentei durante o ensino médio, deixando-me mais confortável por ser um ambiente com que estou familiarizada, tanto com a estrutura da escola quanto com os professores. Dessa forma, por causa desse período, foi possível reconhecer a importância de sempre estar bem planejado para as aulas, conseguir manter-se organizado com seus materiais de aula e o essencial para uma boa formação é desenvolver habilidades e

competências que colaboram no sucesso profissional, incluindo empatia, ética, comunicação e paciência.

E considerando o estágio como uma ótima oportunidade de compartilhar experiências entre os professores e os alunos graduandos, também pode-se considerar que manter essa experiência registrada de maneira narrativa para outros estudantes que futuramente passarão por esse período possam ler o capítulo descrevendo a minha autobiografia, podendo servir de exemplo para eles.

Relatar as próprias experiências em uma pesquisa autobiográfica é uma forma de valorizar o saber construído a partir da vivência durante o período de estágio, reconhecendo que o conhecimento não se restringe ao campo teórico, mas também emerge da trajetória pessoal do pesquisador. Assumindo o papel de sujeito e objeto da investigação, o pesquisador desenvolve uma reflexão crítica sobre sua história, suas práticas e os contextos nos quais está inserido, promovendo um processo de autoconhecimento e transformação. Essa abordagem contribui ainda para humanizar a produção científica, aproximando-a da realidade vivida, e possibilita que outras pessoas se reconheçam nas experiências compartilhadas, ampliando o alcance e a relevância social da pesquisa (ANDRADE, MASSENA, 2019).

Segundo a ideia de Bianchi et al. (2005), o Estágio Supervisionado permite que o aluno avalie se a escolha de sua profissão corresponde às suas expectativas, verificando se a carreira que escolheu realmente se alinha com as suas aspirações e interesses. Analisando esta citação que foi mencionado no artigo “O Estágio na Formação Docente” (2017), o estágio pode ser interpretado de diversas maneiras, porém é visto por muitos como um ultimato para o estudante de licenciatura visualizar se encaixaria ou não na realidade profissional docente ao tomar conhecimento dos desafios enfrentados no ensino, possivelmente destruindo a expectativa imposta ou querer cursar licenciatura, mas essa fase também se trata da etapa fundamental na formação acadêmica, garantindo um grande potencial de impactar de maneira positiva a trajetória dos estudantes, e assim possibilitando diversas oportunidade de aprendizagem e crescimento pessoal e profissional. Em outras palavras, o estudante ao passar pelo período do estágio supervisionado pode perceber os momentos desafiadores que são exigidos dentro dessa área, mas cabe a ele não ver somente as dificuldades e se permitir desfrutar de todos os benefícios garantidos durante essa etapa que vai contribuir na construção do seu caráter e definir sua carreira como

um excelente docente. E foi a partir dessa citação que me permitiu ter uma visão mais ampla de como o meio docente pode desanimar, mas também garante um imenso prazer pelo ensino.

2 Desenvolvimento

a) A escola e o cotidiano do estágio

A escola que fui, a qual realizou o estágio, foi a Escola de Ensino Médio Joaquim Magalhães, que fica na zona urbana da cidade de Itapipoca, e está localizada na Rua Pergentina Araújo, S/n, bairro do Senharão - 62508-480. Esta seria uma descrição mais completa do local. Esta instituição está atendendo estudantes majoritariamente de famílias mais regionais do município, que em sua maioria são alunos dedicados e esforçados nos estudos, que estão desejando atingir uma meta profissional, além de serem respeitosos com todos os professores e funcionários que trabalham no local. Com a escola recebendo-os com carinho e respeito, além de garantir um melhor ambiente possível para a formação acadêmica, dessa forma sendo considerada uma das melhores escolas de ensino médio que muitos alunos desejam se matricular, e na Figura 1 temos uma imagem da entrada que a maioria das pessoas acessa a escola.

Figura 01 - Fachada de Entrada da Escola.



Fonte: Almanaque Itapipoca 200 anos (2023)

Ao entrar na escola indo em direção a diretoria e também quando caminhava em indo para a coordenação com o objetivo de reconhecer os professores que estavam responsáveis lecionando os alunos de 1º ano de ensino médio, pois essa seriam as classes que frequentaria nesse semestre, fui reconhecida e recebida com alegria pelos professores, diretores, coordenadores e funcionários que me conheciam por ser uma antiga aluna. E para participar do meu primeiro estágio supervisionado de ensino médio, escolhi um supervisor que já havia sido meu professor em turmas de 1º e 2º ano, sendo de matemática e física, porém no momento a disciplina que estava responsável é a matéria de química, este também me reconheceu e aceitou positivamente ser meu supervisor nesse período.

Além do ótimo acolhimento por parte de todo o núcleo de profissionais da instituição, outros recursos que transmitem a sensação de ser um bom lugar e com ótimas condições de trabalho, seriam o ambiente escolar agradável, receptivo e inclusivo. Possuindo uma vasta infraestrutura, como por exemplo: uma estrutura adaptada com rampas para cadeirantes, com pisos táteis, corredores largos para a passagem dos diversos alunos, como pode ser vistos nas Figuras 02 e 03, jardins bem cuidados para transmitir conforto para os alunos como na Figura 04, salas climatizadas com ar-condicionado, biblioteca com área para leitura como demonstra na Figura 05, cozinha e área de refeitório como é ilustrado nas Figuras 6 e 7, e entre outros ambientes e benefícios fornecidos para a educação básica dos alunos.

Figura 2 - Pátio de entrada da escola.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 3 - Extensos corredores da instituição



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 4 - Uma pequena demonstração dos belos jardins.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 05 - Sala de leitura na biblioteca



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 6 - Área da cozinha da escola



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 7 - Área de refeitório dos alunos



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

b) Vivências, planejamentos e práticas pedagógicas

Durante o período de estágio nessa escola, foi possível observar diversos momentos importantes como por exemplo aplicação de provas, resolução de atividades, e também aulas sobre os tipos de substâncias e misturas, os principais métodos de separação que envolvem na divisão dessas soluções, e também os assuntos iniciais para compreender os conceitos históricos de como chegou-se ao pensamento de como é um átomo, e sua relevância para os estudos na ciência, estudando a evolução das teorias postuladas de: Dalton, J. Thompson, Rutherford e Bohr.

O professor/supervisor que permitiu minha presença como estagiária planejava suas aulas para quase todas as turmas de 1º ano, pois ele seria o professor de química responsável por grande parte das turmas de 1º ano. Dessa forma, a mesma aula seria passada em todas as salas de maneira que todos os alunos tenham adquirido as mesmas informações sem deixar nenhuma turma desinformada, e usando uma metodologia de ensino construtiva, onde há a valorização da construção do conhecimento pelo aluno, através da interação e da resolução de problemas ou questionamentos de situações do dia a dia.

Conforme o objetivo de contribuir igualmente para as turmas de 1º ano e permitir que em ambas as salas possam ter a experiência de ter aulas

práticas , indo além da teoria ensinada em sala de aula, e assim usando uma prática pedagógica de ensino com métodos mais dinâmicos que contribuem para a melhor compreensão e fixação do conteúdo. Para isso, foram planejadas algumas aulas no laboratório de ciências que a instituição possui, sendo bem equipado com materiais e ilustrações para as disciplinas de física, biologia e química, como demonstrado na Figura 08.

Figura 08 - Foto do laboratório de ciências.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Os recursos utilizados para a aplicação das aulas foram exclusivamente fornecidos e liberados para uso pela própria instituição, foram esses materiais: uma câmera de filmagem para filmar e reproduzir a filmagem do experimento realizado na televisão, a televisão para reproduzir os slides da aula, uma lousa, um notebook com os slides da aula, as vidrarias, reagentes e equipamentos diversos disponíveis dentro do laboratório e em cima das bancadas, demonstrando dessa maneira como é bem equipado para aulas experimentais e visuais.

O plano de aula construído para essas regências seguiu uma série de padrões, respeitando o horário de aula do professor responsável e o devido preparo para não ser possível haver imprevistos que atrapalhem a regência e o detalhe que foi levado em conta seria pensar em uma aula mais introdutória que apresentasse esse ambiente de trabalho.

Pensando nisso as aulas foram organizadas em etapas sendo elas: apresentar as principais normas de segurança dentro do laboratório para não haver incidentes futuros, nomear e dizer a principal função de algumas vidrarias (entre elas foram: tubo de ensaio, bastão de vidro, béquer, erlenmeyer, kitassato, balão volumétrico, balão de fundo chato, balão de destilação, balão de decantação, pipetas de pasteur, pipetas volumétrica e graduadas, proveta, bureta, funil de vidro, placa de petri e vidro de relógio), materiais de apoio (placa de amianto, tripé, pinça de madeira, pinça metálica, suporte universal, cadinho, pistilo e almofariz, estante de tubo de ensaio, espátulas e entre outros) e equipamentos constantemente vistos e usados nesse ambiente, finalizando as aulas com um experimento químico chamado “Camaleão Químico”, permitindo os alunos participarem desse momento experimental, possibilitando ao seguirem os devidos cuidados que haviam sido mencionados durante a aula e depois para testar sua compreensão do que foi dito nessas aulas foi passada uma atividade ditada para os alunos. Na Figura 9, é possível observar minha atuação como professora ao realizar uma das regências exigidas, pois cada estudante de licenciatura deve cumprir com uma carga horária estipulada pelo coordenador da disciplina de estágio.

Figura 9 - Imagem de regência para uma turma de 1º ano



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

De maneira geral, enquanto foram apresentados os materiais sempre era mencionado assuntos trabalhados em aulas anteriores com o professor remetendo a conexão dos conhecimentos adquiridos durante a educação básica, como por exemplo foi citado e questionado para os

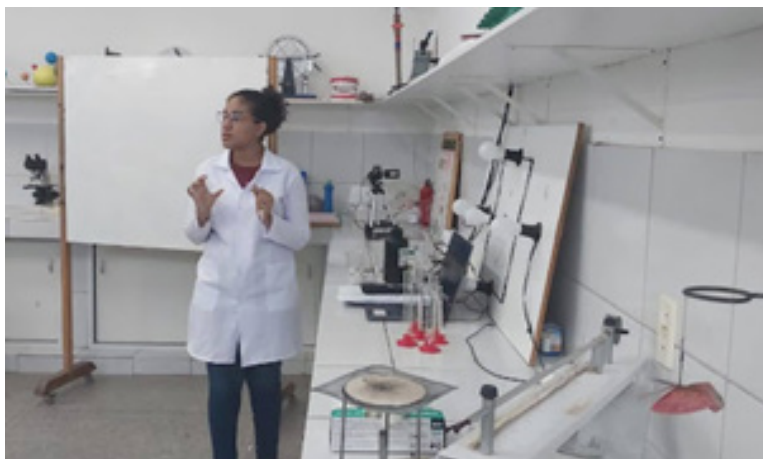
alunos: “ O Balão de Decantação é um vidraria que pode separar misturas heterogêneas por meio da densidade das substâncias trabalhadas, me digam alguma mistura heterogênea que pode ser separada nessa vidraria”, e a resposta mais comentada foi “uma mistura heterogênea de água e óleo”, conseguindo que os estudantes tenham mantido constantemente uma interação com o que estava sendo discutido, sendo de certa forma usado uma metodologia construtiva para uma melhor aprendizagem.

O experimento realizado foi o Camaleão Químico, realizado por último para que os alunos pudessem ter mais foco na aula. Na Figura 10, pode-se observar que eu estava explicando o passo a passo para chegar ao resultado final estimado, além de estar sendo gravado pela câmera para transmitir pela televisão, garantindo uma melhor imagem e visualização. Separei as vidrarias (béqueres de 250 mL, pipetas de Pasteur, provetas de 200 e 400 mL, e bastões de vidro) e utilizei espátulas, pistilo e almofariz. As substâncias ou reagentes utilizados foram permanganato de potássio, glicose, hidróxido de sódio e água.

O experimento foi realizado da seguinte forma: primeiramente, em um dos béqueres, foi colocada água e a medida de uma espátula de permanganato de potássio, mexendo com um bastão de vidro até que o permanganato se dissolvesse completamente. No outro béquer, foram adicionados 200 mL de água, atingindo o menisco, nesse momento, a precisão do volume não precisa ser tão restrita, por não ser necessária tanta cautela. Ao adicionar à água, acrescentei duas unidades de espátula de glicose, retirando-a do recipiente e mexendo com outro bastão de vidro até que a glicose se dissolva. O último reagente a ser adicionado foi o hidróxido de sódio. Como ele estava em grãos grandes, foi necessário macerá-lo no almofariz com um pistilo para facilitar sua dissolução na água com glicose. Após macerar, adicionei o hidróxido de sódio à solução, permitindo que prosseguíssemos para o próximo passo.

Esse passo final consistiu em acrescentar um pouco da solução de água com permanganato de potássio dentro de uma proveta de 200 ou 400 mL. Com uma pipeta de Pasteur, retirei um pouco da solução de água, glicose e hidróxido de sódio para adicionar na proveta, eliminando a solução no final da proveta para que a reação ocorresse de cima para baixo. Essa abordagem permitiu que os alunos também participassem ativamente do experimento.

Figura 10 - Momento em que estava explicando o experimento.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

O objetivo de apresentar o experimento do “Camaleão Químico” a alunos do primeiro ano do ensino médio, mesmo que eles não tenham conhecimento prévio sobre elétrons, é introduzir de forma visual e prática conceitos importantes da química, como reações de oxidação e redução, e as mudanças de cor associadas a essas reações. A experiência serve como uma ferramenta para despertar o interesse pela ciência e como uma base para futuros aprendizados sobre o assunto. E foi entre essas aulas de experimentos que alguns momentos marcantes incentivaram-me de maneira positiva em permanecer com a ideia de formar profissionalmente, pois alguns alunos após essas aulas disseram que foi possível compreender de forma bem mais lúdica o conteúdo e alguns também mencionaram que depois dessas experiências eles tiveram mais interesse na disciplina, além de se sentir estar incentivados a querer se tornar professores de química futuramente, dessa forma os alunos deram retrospectiva e avaliação ótima para o momento.

c) Reflexões sobre formação docente e inclusão

O estágio supervisionado foi uma experiência reveladora para minha identidade docente e, ao mesmo tempo, um importante passo na superação da minha timidez. Ao interagir com os alunos e observar o ambiente escolar, percebi que meu papel como educador vai além da simples transmissão de conhecimento, como também contribuir na

construção de um ambiente acolhedor e motivador se torna fundamental para o aprendizado, e essa vivência me fez refletir sobre a importância de ser um professor acessível e empático, capaz de entender as necessidades individuais de cada estudante e adaptar minhas abordagens de ensino para atendê-las de diversas formas.

Durante o estágio, enfrentei poucos desafios relacionados à inclusão e à diversidade de alunos em sala de aula devido à dificuldade que alguns possuíam de interpretar os conceitos químicos falados, para tentar ultrapassar essa barreira busquei definições mais simples dos conteúdos e tentei desenvolver uma aula que estimula-se o respeito mútuo e a colaboração, criando um espaço onde todos se sentissem ouvidos e respeitados. Além disso, mantive constantemente uma comunicação aberta com os alunos, incentivando-os a compartilhar suas experiências, conhecimentos científicos e perspectivas, o que enriqueceu ainda mais as discussões em sala de aula.

Como segundo as ideias de John Dewey, que são argumentadas por Placides e Costa (2021, p.135), ao ter uma relação de continuidade entre experiência, pensamento e vida, permite um melhor meio de aprendizagem para os seres humanos. E é a partir da busca de respostas para esses problemas, dos mais simples aos mais complexos, que se produz o conhecimento. Baseando-se nessa ideia, pensei que as aprendizagens adquiridas durante o estágio foram valiosas e moldaram minha visão sobre a prática docente. Porque percebi a importância de integrar metodologias ativas que envolvam os alunos de maneira mais participativa, pois essa abordagem não apenas facilita o aprendizado, mas também estimula o pensamento crítico e a autonomia dos alunos.

A superação da minha timidez foi um aspecto fundamental desta jornada. Inicialmente, a ideia de me apresentar como docente e interagir com uma turma de alunos de ensino médio me causava insegurança. No entanto, à medida que me envolvi nas atividades do estágio e recebi o apoio de colegas e do supervisor, fui ganhando confiança e cada vez mais imaginando-me lecionando em turmas de diversificados estudantes, e a experiência em sala de aula me mostrou que é possível estabelecer conexões mais significativas com os alunos ao demonstrar respeito com seu desenvolvimento educacional e interagindo com simplicidade e calma.

Outra lição importante que levei do estágio foi a necessidade de refletir continuamente sobre minha prática pedagógica, com a avaliação e o feedback dos supervisores sendo fundamentais para o crescimento

profissional. Nesse período, observei os meus colegas de estágio e recebi orientações do supervisor, ressaltando que a troca de experiências é uma das ferramentas poderosa para aprimorar minhas habilidades como educador, pois permite ter uma reflexão constante que é necessário ajustar minhas estratégias de ensino e buscar sempre o melhor para meus alunos, seja por interação constante nas aulas, atividades práticas, teóricas ou lúdicas.

Desse estágio, levarei comigo a determinação de continuar aprendendo sobre práticas pedagógicas inclusivas e de promover um espaço de aprendizado que valorize a diversidade e, acima de tudo, contribua de maneira satisfatória para o desenvolvimento educacional dos alunos. Esse compromisso será essencial na minha carreira, à medida que busco impactar positivamente a vida dos meus alunos.

3 Conclusão

Os principais aprendizados do estágio foram fundamentais para minha formação como educador. A experiência me ensinou que cada dia traz consigo a oportunidade de superar dificuldades e desafios no ensino, pois percebi que a construção de um ambiente de respeito e colaboração é essencial para o aprendizado. E essa vivência me motivou a explorar metodologias que envolvem os alunos de maneira ativa, mostrando que a educação é um processo dinâmico e enriquecedor.

Hoje, me enxergo com mais confiança em relação à minha carreira docente. A superação da timidez e a experiência em sala de aula me mostraram que, apesar das barreiras que podemos enfrentar, é possível desenvolver habilidades e competências que nos tornam educadores mais eficazes. Com cada interação, cada feedback e cada desafio enfrentado, sinto que estou me moldando para ser um profissional que não apenas ensina, mas também inspira. Essa transformação me proporciona um novo olhar sobre meu papel na vida dos alunos e a responsabilidade que isso implica.

Para os estudantes que irão vivenciar esse processo, deixarei uma mensagem de encorajamento nessa minha pesquisa autobiográfica: cada dia é uma nova oportunidade de aprendizado e crescimento, não desanimem na menor dificuldade e não tenham medo de enfrentá-las, pois as dificuldades são uma parte essencial da jornada. Ao superar as barreiras que encontramos, podemos nos tornar educadores mais fortes e impactantes. Lembrem-se sempre: “A verdadeira educação começa quando

decidimos que nossos desafios são oportunidades para brilhar e superar as nossas expectativas.”

Referências

ANDRADE, Flávia Cristina Santos; MASSENA, Elisa Prestes. Narrativas autobiográficas de licenciandos(as) em Química: motivações e o curso de Licenciatura. *Educação Química em Punto de Vista*, [S. l.], v. 3, n. 2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.30705/eqpv.v3i2.1974>. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/eqpv/article/view/1974>. Acesso em: 25 jul. 2025.

BIANCHI, A. C. M. et al. *Orientações para o Estágio em Licenciatura*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

PLACIDES, Fernando Mariano; COSTA, José Wilson da. John Dewey e a aprendizagem como experiência. *Revista Apotheke*, Florianópolis, v. 7, n. 2, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5965/24471267722021129>. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/20411>. Acesso em: 10 jul. 2025.

DESCOBRINDO A DOCÊNCIA: VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Echiley Maiara Veloso Ribeiro¹

Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“Todo relato de estágio é também um relato de identidade em construção.”
(Elizeu Clementino de Souza)

Desde criança, quando me encantava com os mistérios da ciência, algo em mim já sinalizava que a ciência e a educação poderiam mudar vidas.” Me chamo Echiley Maiara Veloso Ribeiro, sou natural de Uruburetama-CE e atualmente curso licenciatura em Química na Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Ao longo da minha graduação, tive experiências na Educação Básica e em projetos de extensão relacionados à formação docente e à divulgação científica.

Minha relação com essa área do conhecimento, teve início ainda no Ensino Fundamental. No 9º ano comecei a estudar a disciplina de Química e me fascinava descobrir “Os porquês” dos fenômenos, entender a tabela periódica e participar de feiras de ciências. Eu gostava de me antecipar

- 1 Echiley Maiara Veloso Ribeiro estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Participo atualmente do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) com foco no Ensino Médio, interesse na área da ciência química e saúde, natural de Uruburetama, participo de projetos de extensão, envolvendo o lúdico e o ensino e promovendo a divulgação científica.
- 2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

ao conteúdo das aulas e aprendia cálculos com facilidade. Também me envolvia com apresentações em público, que nunca foram um problema, produções de slides, liderava equipes e buscava sempre uma abordagem criativa. Aproveitava qualquer ocasião para usar um jaleco branco, o que simbolizava, para mim, o universo da ciência. Nesse período, participei de um teatro científico promovido pela escola e costumava representar quem? A cientista. Minha primeira apresentação foi no Teatro José de Alencar, em Fortaleza, e logo em seguida, no Seara da Ciência, equipamento de Divulgação Científica da Universidade Federal do Ceará – UFC.

No Ensino Médio, adentrei pela primeira vez em um laboratório de química e fiquei encantada com todas aquelas vidrarias, assim como, o de biologia com os microscópios. Com pouco tempo me tornei monitoria do laboratório de Química. No ano de conclusão, os estudantes deveriam escolher que faculdade fariam, minha primeira opção foi Enfermagem na Universidade do Vale do Acaraú – UVA em Sobral, onde fiquei na lista de espera. Devido à localização, a enfermagem se tornou inviável, e cursar uma faculdade particular não era uma opção viável naquele momento. No mesmo ano, fiz outros vestibulares e um deles foi o da Universidade Estadual do Ceará – UECE, onde passei para ser licenciada em Química e o escolhi por ser uma área que eu também gostava, ser uma faculdade pública e com localização viável, adentrei na mesma sem saber o que me esperava nessa profissão.

Na universidade, tive a chance de participar de projetos que marcaram minha trajetória. Consegui minha primeira bolsa que garantiria a minha permanência na faculdade e curiosamente, foi com o teatro. Mas, dessa vez, um teatro voltado exclusivamente para a Química e divulgação científica, o famoso “Tubo de Ensaio”, que é uma bolsa de extensão onde levamos o conhecimento químico através de peças de teatro para diversos lugares. Com ele, viajei para outros estados, apresentei-me em teatros renomados que artistas famosos também pisaram e desenvolvi maior segurança para falar em público, pois essas atividades me proporcionaram maior confiança em qualquer apresentação, devido ao contato repetitivo com públicos grandes.

Outro aspecto fundamental que está sendo executado e me auxiliando bastante durante o curso é o Estágio Supervisionado que me permitiu vivenciar o cotidiano escolar e compreender, na prática, como ocorre o trabalho em equipe dentro de uma instituição de ensino. Observar professores, planejar aulas e acompanhar a dinâmica escolar me ajudam a

entender diversos aspectos que envolvem o ensino. Durante esse período, também tive contato com ferramentas como planos de aula e sequências didáticas. As experiências e aprendizados adquiridos durante o estágio estão registrados ao longo deste capítulo, com o intuito de refletir sobre esse momento importante da minha formação.

2 Desenvolvimento

a) A escola e o cotidiano do estágio

Atuo na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Coronel Murilo Serpa (E.E.M.T.I.), que é uma instituição pública estadual localizada na Rua Anastácio Barroso Valente, nº 318, no bairro Cruzeiro, em Itapipoca-CE. Atende alunos tanto da sede do município quanto de comunidades vizinhas. Sua proposta pedagógica é fundamentada no desenvolvimento integral dos estudantes, com ênfase em uma formação acadêmica sólida, cidadã e inclusiva. De acordo com seu Projeto Político-Pedagógico (PPP), a escola busca formar “seres humanos críticos, afetivos, criativos, participativos, conscientes de seus deveres e direitos”, por meio de práticas que valorizam o diálogo, o protagonismo juvenil e o respeito à diversidade (E.E.M.T.I. Coronel Murilo Serpa, 2022, p. 31).

A instituição promove uma forte articulação com a comunidade local, desenvolvendo eventos e ações que envolvem as famílias no ambiente escolar. Dentre suas principais diretrizes, destaca-se a valorização da pesquisa e do trabalho como princípios educativos. São utilizadas metodologias ativas, como gamificação, sala de aula invertida e estudos de caso, além de estratégias avaliativas variadas, que incluem avaliações formativas, autoavaliativas e exames externos, como o SPAECE e o ENEM. Para fortalecer o vínculo entre escola, estudantes e famílias, projetos como o Professor Diretor de Turma (PPDT) são desenvolvidos com o objetivo de acompanhar o desempenho acadêmico e socioemocional dos alunos.

O processo de ambientação e acolhida dos estagiários permitiu um primeiro contato com os espaços físicos, a equipe gestora, os professores e demais profissionais da escola. Durante esse período, foi apresentado o PPP da instituição. Ressalta-se que muitos professores da escola são ex-alunos da Universidade Estadual do Ceará (UECE), o que evidencia uma conexão entre a formação acadêmica local e a atuação profissional na rede pública.

No que diz respeito à infraestrutura, a escola apresenta uma organização eficiente e funcional. Dispõe de um laboratório integrado para as disciplinas de Biologia, Química, Física e Matemática, além de um moderno e equipado laboratório de Informática. As salas de aula são amplas, ventiladas e bem iluminadas, proporcionando conforto e condições favoráveis ao aprendizado. Há ainda uma quadra poliesportiva e um pátio escolar utilizados para atividades físicas e momentos de convivência, além de uma sala de professores equipada para planejamento e descanso. A estrutura da escola, aliada à sua proposta pedagógica, favorece um ambiente educativo acolhedor, dinâmico e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes.

b) Atividades desenvolvidas na escola

Atividade 01 – Observação das aulas e uso do professor online

Observação das aulas de Química. Aprendizado sobre o uso do Professor Online para registro de frequência, com auxílio do supervisor Fernando. A Figura 1 a seguir mostra a execução do registro de frequência realizado no início da aula de Química e demais demandas feitas no Professor Online.

Figura 1 – Registro de Frequência



Fonte: arquivo pessoal do autor (2025)

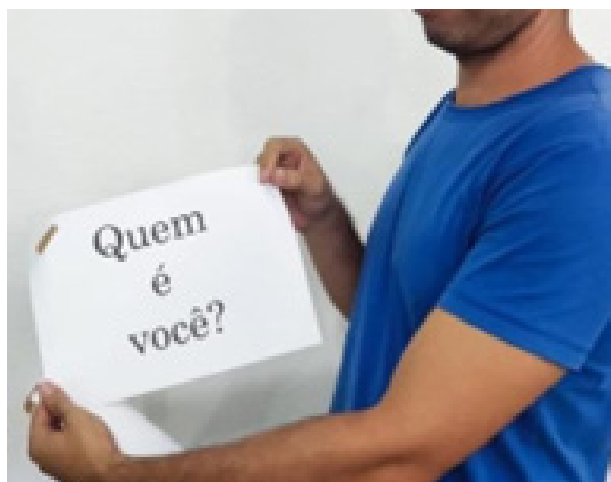
Essa etapa me fez recordar quando fui monitora de laboratório e já demonstrava interesse por práticas científicas. Compreendi que a atuação do professor vai além do conteúdo: envolve planejamento, mediação, empatia e domínio do ambiente escolar. Isso reforça o que Nóvoa (1992) defende, ao dizer que a identidade docente se constrói na articulação entre prática, saberes e relações humanas.

Atividade 02 – Vivência na semana pedagógica

A jornada pedagógica teve início com a apresentação dos professores e da professora formadora Aniele, da CREDE-02. A acolhida foi marcada por uma atividade interativa: na entrada da sala, um quadro exibia um belo cartaz intitulado **“Receita de Bolo para Ser um Bom Professor”**. Nele, havia diversas fichas com “ingredientes” essenciais para a docência. A ficha que peguei trazia a frase “Doses de isso vai dar certo”, o que me levou a refletir sobre o papel do professor como incentivador, motivando os alunos a acreditarem no poder da educação para transformar suas vidas.

Em seguida, realizamos uma segunda dinâmica. Em grupos, exploramos perguntas espalhadas pelas paredes da sala, o que proporcionou um maior conhecimento entre os participantes, como mostra a Figura 2 a seguir:

Figura 2 – Cartazes com frases



Fonte: arquivo pessoal do autor (2025)

Logo após, a professora Aniele ministrou uma palestra sobre trabalho em equipe, destacando a importância da colaboração no ambiente escolar.

Discussões sobre temas educacionais:

- Diversidade
- Educação Integral
- Projeto Escola Acolhedora
- Escola Antirracista
- Lei 15100/25 – Proibição do uso de aparelhos eletrônicos nas escolas.

Formação: Escola Antirracista – Dimensões para a Construção de um Projeto Político-Pedagógico. O foco da formação foi a construção de diretrizes para consolidar uma escola antirracista. Durante a discussão, enfatizamos a importância de abordar essa temática em sala de aula, garantindo que os materiais didáticos contemplem a história de luta da população negra e que leis sobre racismo sejam amplamente discutidas com os alunos. A Figura 3 a seguir mostra o cenário da formação:

Figura 3 – Cenário da formação



Fonte: arquivo pessoal do autor (2025)

Atividade 03 - Visita a Bienal do Livro

Visitamos a Bienal do Livro em Fortaleza, no centro de eventos, foi um momento enriquecedor para amantes de livros e também para nós futuros professores que daremos incentivos à leitura.

Atividade 4 - Aula sobre vidrarias

Demos aula sobre vidrarias e aplicamos atividade em sala. Levamos os alunos para o laboratório com o objetivo de conhecer as vidrarias, suas funções principais e, assim, estarem preparados para desenvolver futuras atividades dentro do laboratório, faz-se necessário que os estudantes conheçam as vidrarias e aparelhos utilizados. Também tivemos a Visita do Professor Sávio e da professora Edinilza na Escola Murilo Serpa para análise do laboratório, identificar possíveis erros e propor novas ideias. Tiramos as coisas quebradas e aproveitamos algumas delas também, limpamos os armários de química. Observe nas imagens a seguir os trabalhos realizados:

Figura 4 – Estudantes manipulando as vidrarias



Fonte: arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 5 – Organizando armário com substâncias Químicas



Fonte: arquivo pessoal do autor (2025)

Durante a aula, vi a mesma empolgação nos olhos dos alunos que um dia senti ao manusear vidrarias pela primeira vez no ensino médio. Recordei quando entrei pela primeira vez em um laboratório e fiquei encantada com aquele universo. É gratificante proporcionar essa vivência aos estudantes, pois, como Vygotsky (1987) afirma, o conhecimento é construído na interação entre o sujeito e o meio social.

Atividade 7 – Participação efetiva no projeto NTPPS

Com a iniciação do projeto **NTPPS**, levamos para a escola a oficialização de uma nova eletiva como trabalho de núcleo de temática: (Lutando contra o Sedentarismo: o Poder do Jiu-Jitsu na escola) levamos os professores da academia de luta para apresentar essa Arte Marcial e esporte que será desenvolvido na escola, projeto iniciado por mim e pela Cássia. Foi incrível ver a imersão dos alunos apreciando esse esporte, tivemos uma aula experimental e apresentação dos professores no Tatame, colocamos de forma bem apresentável no pátio da escola, para que todas as turmas de 1º ano pudessem apreciar a apresentação e incentivá-los a participar da eletiva, com combate ao sedentarismo estudantil.

Atividade 8 – Realização de uma aula sobre agrotóxicos

Aula intitulada “O lado tóxico da Química”, desenvolvi uma sequência didática com duração de 100 minutos, voltada para estudantes do 1º ano do Ensino Médio, abordando o tema agrotóxicos. A proposta foi baseada na Teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel, na mediação sociocultural de Vygotsky e nos princípios críticos de Paulo Freire.

A aula foi dividida em cinco etapas: inicialmente, os alunos construíram mapas mentais para identificar seus conhecimentos prévios. Em seguida, trabalhei com slides e vídeos problematizadores para despertar a curiosidade e contextualizar o tema. Na etapa seguinte, utilizamos cubos mágicos com realidade aumentada, que permitiram uma experiência sensorial interativa sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde humana, no meio ambiente, na cadeia alimentar e nas questões éticas. Depois, os alunos reconstruíram os mapas mentais, agora com os conceitos sistematizados. Por fim, realizamos uma síntese coletiva, com socialização das aprendizagens.

A aula foi bem recebida pelos alunos, que demonstraram maior engajamento, ampliação do vocabulário científico e reconstrução crítica de saberes. A metodologia contribuiu para tornar a Química mais próxima do cotidiano dos estudantes, promovendo uma aprendizagem com significado. A metodologia foi baseada na teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (1968), que valoriza a relação entre conhecimento prévio e novo saber, além da mediação sociocultural de Vygotsky (1987) e da pedagogia crítica de Paulo Freire (1996), que propõe uma educação libertadora e transformadora. A seguir, alguns registros desses momentos:

Figura 6 – Transmissão em Realidade virtual do Sistema Solar



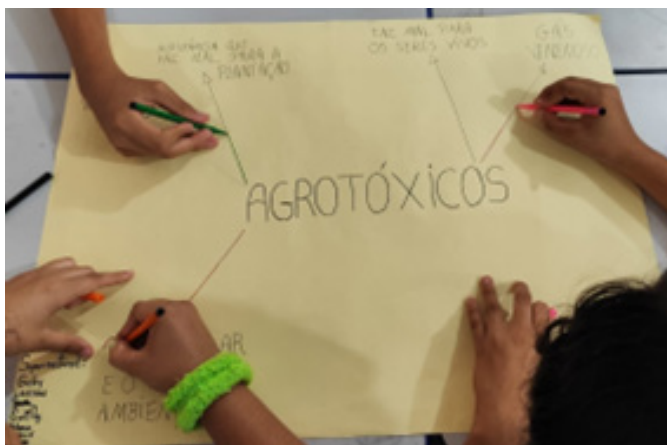
Fonte: arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 7 – Cubo mágico (Recorte)



Fonte: arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 8 – Realização dos Mapas Mentais pelos Alunos



Fonte: arquivo pessoal do autor (2025)

c) Reflexões sobre Formação Docente e Inclusão

Ao longo da minha atuação na escola, foi possível observar a importância das metodologias ativas no ensino de Química e como a interação entre teoria e prática pode aproximar os alunos da disciplina.

Observando os professores ministrando suas aulas, mais especificamente os de química, foi possível identificar que tipo de metodologia o professor utilizava, como ele conseguia chamar a atenção dos estudantes, como era possível abordar todo o conteúdo e ainda propor atividades com apenas uma hora e quarenta minutos em sala de aula, como lidar com a bagunça, falta de interesse, o sono, a procrastinação entre outras situações.

Durante essas observações ficou evidente que o professor não pode ser retraído e tímido nas diversas situações em que ele lida em sala de aula, como o diálogo com os estudantes de uma temática em específico, discussão e questionamento de ideias, abertura para eventos sociais, projetos interdisciplinares, campeonatos a que os alunos são chamados, entre outros. É necessário deixar de lado o nervosismo, para que todos entendam a aula e para que quaisquer atividades sejam trabalhadas de forma assertiva.

A inclusão se deu com a temática bullying, tema bastante trabalhado na escola, houve palestras e formações tanto para os estudantes quanto para os professores. Buscando sempre extinguir esse tipo de prática, os jovens têm uma tendência grande para essa atividade de cunho pejorativo, que denigre a imagem do outro, por suas ações, diversidade racial, entre outros... E em situações mais graves e repetitivas podem receber a suspensão ou expulsão.

O professor deve ser mediador da aprendizagem facilitando sempre o bom encaminhamento do conteúdo com atividades criativas lúdicas que envolvam a todos. No ensino de Química temos inúmeras ferramentas visuais, para diferenciação de uma aula, aproximação com o cotidiano, capacidade de mostrar na prática o que muitas vezes não é entendido com os tópicos dos livros. Em atuações futuras dentro desta profissão, levarei grandes aprendizados entre os quais posso destacar:

- A utilização de aulas práticas
- Contextualizar sempre o conteúdo
- Domínio de sala
- Domínio do conteúdo

As aulas práticas são um método de ensino eficaz, pois garantem a atenção dos estudantes e despertam a curiosidade. Além disso, favorecem a socialização e o trabalho em grupo. Entretanto, nem sempre essas atividades são realizadas pela falta de um local adequado e espaçoso para manter todos os alunos praticando, logo, o laboratório fica sendo viável,

levá-lo à sala de aula como instrumentos demonstrativos para evitar essa situação seria necessário, portanto, locais adequados para agregar todos os estudantes.

A contextualização é de extrema importância, já que o estudante pode relacionar o que observa durante a aula em seu cotidiano. O conteúdo de química, por exemplo, está presente em tudo o que tem massa e ocupa lugar no espaço, ou seja, qualquer objeto, qualquer reação ou fenômeno da natureza depende de processos químicos; é a própria química. Ensinar que um simples sal utilizado na cozinha possui siglas específicas, que ele puro faz reações explosivas, em uma solução ele recebe o nome de soluto, entre outras denominações e propriedades desse elemento conduzidas e assim são com todas as coisas, cada matéria com sua atividade, reação e ação específica.

O domínio de sala evita situações desagradáveis, uma vez que o professor está a todo instante precisando de ajuda para lidar com a sala de aula, chamando inúmeros funcionários e não consegue consolidar o conteúdo pelo barulho, falta de atenção e criatividade nas aulas. E para domínio dessa prática, são necessários anos de experiência, uma série de atividades criativas que devem ser desenvolvidas ao longo das aulas, propor interação, debates e discussões que aproximem o assunto abordado do que é do cotidiano, transformando o caos em autoridade e leveza.

O domínio do conteúdo é também um ponto-chave e de grande relevância; os alunos muitas vezes são subestimados pelo seu conhecimento; para alguns professores, apenas estes são os detentores do conhecimento. Todavia, nem sempre isso acontece, pois algumas turmas podem ser muito participativas e colaborativas na aula, que fazem questionamentos importantes e o profissional da educação deve estar sempre preparado para responder às dúvidas submetidas pelos estudantes.

3 Conclusão

O estágio supervisionado iniciou-se com observação, evoluindo para práticas em sala de aula e participação ativa em eventos pedagógicos. Essas experiências ampliaram meu olhar sobre o ambiente escolar e sobre a complexidade da prática docente; têm sido fundamentais para minha formação enquanto professora de Química. A oportunidade de vivenciar o ambiente escolar, planejar atividades e lidar com desafios reais me fez

refletir sobre o papel do ensino de Ciências na formação de cidadãos críticos e conscientes.

Essas experiências me levaram a enxergar a docência como um processo em constante construção, permeado por descobertas, reflexões e aprendizados. Como afirma Passeggi (2008), narrar a própria trajetória formativa permite ao futuro professor compreender-se como sujeito em movimento, em busca de sentido para sua atuação profissional. Ainda que eu não tenha certeza sobre os rumos da minha carreira, reconheço que o contato direto com a escola, com os alunos e com os colegas professores foi essencial para meu crescimento pessoal e acadêmico.

A docência, quando bem executada, corrobora inúmeros benefícios para a vida acadêmica dos indivíduos, facilitando seu acesso ao mercado de trabalho e à vida em sociedade. Ela é facilitadora para encaminhar estudantes para uma vida mais estabilizada financeiramente, proporciona a descoberta de talentos e habilidades, e é um direcionamento para aquelas pessoas que necessitam desse aprendizado, proporcionando bem-estar para as futuras gerações, para os familiares e para si mesmos.

Nóvoa (1992) reforça que a identidade profissional do educador é construída no entrelaçamento entre saberes, experiências e relações humanas. O estágio me proporcionou essas questões: um espaço de construção conjunta, de tentativa e erro, e de aprendizado real. Portanto, faz-se necessário que os estagiários aproveitem todas as oportunidades de crescimento e desenvolvimento, todos os projetos que a escola oferece, participem das formações e reuniões, estreitem laços com os docentes da instituição, para que possam, com suas experiências profissionais, aderir a dicas e ensinamentos fundamentais para sua formação docente. Ao escrever sobre minha própria história, compreendo, como defende Passeggi (2008), que o processo formativo também se constitui na escrita de si – narrar é também formar-se.

Referências

ESCOLA DE ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL
CORONEL MURILO SERPA. Projeto Político-Pedagógico. Itapipoca:
EEMTI Coronel Murilo Serpa, 2022.

NÓVOA, A. (Org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

PASSEGGI, M. dá C. Escrever a própria história: a invenção de si como professor. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 145-160, jan./abr. 2008.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

A REALIDADE DE UM GRADUANDO: COMO ME TORNEI O QUE SOU

João Vinicius de Lima Sousa¹

Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“O conhecimento profissional se reconstrói a partir da reflexão sobre a prática.”
(Antônio Nóvoa)

Me chamo João Vinicius de Lima Sousa, sou estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Atuo como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Natural de Tururu/Ceará, possuo experiência na Educação Básica devido ao Estágio Supervisionado na Educação Fundamental (ESEF). No primeiro ano do ensino médio, na Escola Estadual Luiza Bezerra de Farias, um professor de Química aplicou uma prova em que muitos alunos ficaram de recuperação. Naquela ocasião, obtive a melhor nota da turma. A partir desse momento, passei a ser reconhecido pelos colegas como o mais apto na disciplina. Com o passar dos anos, chegou o momento de prestar o vestibular da UECE, que

- 1 João Vinicius de Lima Sousa é estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Atua como bolsista de iniciação científica e tem interesse na área de ensino de Ciências, práticas experimentais e inclusão escolar. Natural de Tururu/Ceará, possui experiência na Educação Básica e participou de projetos de extensão voltados à formação docente.
- 2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

oferecia quatro opções de curso: Pedagogia, Ciências Sociais, Biologia e Química. Por ser considerado o melhor em Química e por ter desenvolvido certa afinidade pela área, decidi seguir esse caminho. Dediquei-me aos estudos, fui aprovado e iniciei minha trajetória universitária, marcada por novas experiências, desafios e formas de pensar.

Antes de continuar, vale destacar um desafio enfrentado por muitos universitários no início da jornada acadêmica: a questão do trabalho. Como a maioria dos cursos é oferecida nos turnos da manhã e da tarde, trabalhar em empregos fixos se tornava inviável a longo prazo. Para contornar essa dificuldade, comecei a me candidatar a “diárias” em empregos variados, como panfletista, entregador, reforço escolar particular e atendente. A remuneração não era alta, mas já ajudava nas despesas de casa. Não que minha família precisasse urgentemente desse dinheiro, pelo contrário, sempre me incentivaram a focar nos estudos, mas quem vem de uma realidade mais humilde entende esse senso de responsabilidade que eu sentia. Naquela época, abandonar os estudos para trabalhar era uma possibilidade real. Felizmente, alguns semestres depois, consegui uma bolsa para atuar no cuidado de um laboratório. Embora tenha sido por pouco tempo, foi de grande ajuda. Logo em seguida, entrei no PIBID, que me apoia financeiramente até hoje e, além disso, tem me proporcionado experiências enriquecedoras para minha formação e inserção no mercado de trabalho.

Em determinado semestre, a disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental surgiu como uma das opções disponíveis no sistema. Contudo, por receio de minha parte, optei por ignorá-la e incluir outras disciplinas. Estava habituado a um formato de aula em que minha participação era mínima, atuando majoritariamente como ouvinte — esse era o ambiente em que me sentia confortável. Com o passar do tempo, a opção de cursar o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental voltou a aparecer. Dessa vez, decidi-me inscrever, motivado pelo desejo de vivenciar essa experiência. À época, minha percepção sobre o estágio era limitada: imaginava tratar-se apenas de um breve momento da Licenciatura, destinado à observação em sala de aula, realização de anotações e eventual ministração de algumas aulas algo relativamente simples. No entanto, a vivência prática superou as minhas expectativas e transformou significativamente minha visão a respeito do estágio supervisionado.

No semestre seguinte ao estágio, fui selecionado para participar do programa de bolsa de iniciação à docência. Foram disponibilizadas

três escolas de ensino médio na cidade de Itapipoca para acolher os bolsistas, e optei pela Escola de Ensino Médio Anastácio Alves Braga. Nesse novo ambiente, vivenciei experiências e interações que contribuíram significativamente para meu desenvolvimento pessoal e profissional. Antes de iniciar essa nova etapa, questionei-me se enfrentaria dificuldades, se as exigências seriam elevadas e se estaria à altura das expectativas dos meus supervisores. Com o tempo, percebi que, com dedicação, organização e disciplina, seria possível superar os desafios gradualmente. Essa percepção foi fortalecida pelo apoio dos colegas de trabalho e pelo ambiente acolhedor e leve da instituição.

Considero essencial registrar essa experiência, tanto para futuros ingressantes na docência quanto para aqueles que ainda têm dúvidas sobre seguir essa carreira. Este relato pode servir de inspiração, orientação e reflexão, evidenciando os desafios enfrentados e as possibilidades de crescimento pessoal e profissional. Além disso, ao escrever sobre minha trajetória, reflito sobre meus métodos, sobre o tipo de professor que desejo me tornar e sobre os caminhos que pretendo trilhar para alcançar esse objetivo. Essa autorreflexão permite compreender melhor minha identidade profissional e analisar criticamente minha trajetória. Dessa forma, este relato tem valor não apenas para quem o lê, mas também para quem o escreve. Que ele possa ser uma fonte enriquecedora, contribuindo para o desenvolvimento coletivo e individual no campo da docência.

2 Desenvolvimento

a) A escola e o cotidiano do estágio

Para este relato, farei um paralelo entre as duas escolas em que atuei, tanto no ESEF quanto no PIBID. A intenção não é compará-las, mas demonstrar como as experiências vividas em ambas se complementam de forma enriquecedora para minha formação. No ESEF atuei na Escola de Ensino Fundamental Cecília Siqueira, localizada no município de Tururu, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Portaria da Escola de Ensino Fundamental Cecília Siqueira.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2024).

A instituição atende estudantes de diversas localidades da região. Desde o início, fui muito bem acolhido por professores e funcionários, o que contribuiu para um ambiente de trabalho bastante receptivo. O professor responsável por minha supervisão mostrou-se solícito e me apresentou às turmas de forma bastante adequada. Fiquei alocado nos 9º anos “A” e “B”. Em ambas as salas, o professor me apresentou formalmente, mencionando meu nome, minha função e os objetivos da minha atuação. Em seguida, tive a oportunidade de me apresentar diretamente aos alunos. A infraestrutura da escola era satisfatória, contando com várias salas de aula, uma quadra poliesportiva, secretaria, diretoria, cantina, entre outros espaços funcionais. No entanto, a ausência de um laboratório de ciências representava um desafio significativo para as práticas pedagógicas da disciplina. Em um primeiro momento, minhas atividades foram voltadas exclusivamente à observação. Entretanto, após conversar com o professor supervisor, decidi me engajar de forma mais ativa nas aulas. Com o passar do tempo, fui interagindo cada vez mais com os estudantes e com o docente, auxiliando em diversas tarefas, como chamada, escrita no quadro e operação do data show. A relação construída com os alunos e com o professor foi tão positiva que, ao término do estágio obrigatório, optei por continuar na escola como voluntário por mais alguns meses. Continuei auxiliando as turmas de 9º ano e, ocasionalmente, ministrei aulas para turmas de 8º ano. Essa decisão partiu da minha curiosidade em conhecer outras realidades escolares e do desejo de aprimorar minhas habilidades

em condução de seminários e projetos. Durante esse período, percebi a admiração dos estudantes, o que me levou a refletir sobre o impacto positivo que um professor pode exercer na vida de seus alunos. Como voluntário, minha atuação foi voltada prioritariamente ao planejamento e à execução das aulas, enquanto os professores efetivos se dedicavam às questões administrativas. Além disso, colaborei com atividades de reforço escolar e com um projeto simples de feira de ciências, no qual os alunos apresentaram experimentos utilizando materiais de fácil acesso. Essa experiência foi fundamental para meu desenvolvimento profissional e pessoal, consolidando a certeza de que a prática docente vai além da sala de aula, sendo capaz de transformar vidas por meio do conhecimento e do exemplo.

Na Escola de Ensino Médio Anastácio Alves Braga localizada no município de Itapipoca, responsável por acolher todos os estudantes da região interessados em ingressar na instituição, a recepção inicial foi bastante positiva. A professora supervisora, responsável pelo nosso acompanhamento, apresentou brevemente a escola, alguns funcionários e também nos entregou lembranças de boas-vindas. É importante destacar o acolhimento por parte dos docentes e da equipe administrativa, que se mostraram receptivos e dispostos a auxiliar sempre que necessário. Na semana seguinte à recepção, os bolsistas foram gradualmente apresentados aos diferentes espaços da escola e aos colaboradores, desta vez de maneira mais detalhada e em dias previamente organizados conforme a disponibilidade dos envolvidos. Durante esse processo, realizamos uma atividade reflexiva que serviu de base para observar e analisar o ambiente escolar. Posteriormente, houve um momento de socialização, no qual cada bolsista compartilhou suas percepções sobre o que foi vivenciado. A estrutura da escola contempla todos os elementos necessários para um ambiente educacional adequado, incluindo salas de aula, auditório, secretaria, coordenação pedagógica, quadra poliesportiva, entre outros espaços. O laboratório, por sua vez, é bem organizado e atende a diversas áreas do conhecimento, como Química, Física, Biologia e Matemática. Com o passar dos dias, tive contato com o aspecto mais burocrático da profissão docente, o que representou meu primeiro contato direto com essa faceta do mercado de trabalho. Compreendi, então, que ser um bom professor vai além de ministrar aulas de forma leve e acessível. É necessário também lidar com responsabilidades mais complexas, como prazos, horários, postura profissional e resolução de problemas. Embora já tivesse

consciência desses desafios, foi por meio dessa experiência que passei a enxergá-los com mais clareza e a dar-lhes a devida importância.

b) Vivências, planejamentos e práticas pedagógicas

No meu caso, até o momento, ministrei aulas apenas no Ensino Fundamental. Como a disciplina de Ciências abrange conteúdos de Biologia, Física e Química, precisei me preparar adequadamente. O tema da aula foi “Sustentabilidade e Meio Ambiente”. Embora já tivesse um conhecimento prévio sobre o assunto, senti-me apreensivo, pois seria minha primeira experiência conduzindo uma aula completa. Para garantir um bom desempenho, recorri a fontes confiáveis na internet, buscando aprofundar meu conhecimento e evitar lacunas durante a explicação. Também solicitei orientações ao professor supervisor e utilizei o livro didático como referência para estruturar meu planejamento. A orientação do professor foi essencial: ele sugeriu o uso da exposição dialogada, ressaltando que a aula deveria envolver os alunos por meio de perguntas que estimulassem a participação e ativassem conhecimentos prévios, em vez de ser inteiramente expositiva. Esse conselho foi esclarecedor, pois até então eu acreditava que deveria conduzir a aula apenas com explicações contínuas.

A partir dessa orientação, elaborei um plano de aula detalhado, incluindo perguntas, informações principais e um experimento prático para ilustrar a importância da camada de ozônio. O experimento utilizava materiais simples: uma garrafa plástica pequena, um balão, uma colher pequena, bicarbonato de sódio e vinagre. Ao colocar vinagre na garrafa e bicarbonato no balão, acoplando-o ao gargalo, a reação entre os componentes fazia o balão inflar. Durante a atividade, os alunos se aproximaram, demonstrando grande interesse. Aproveitei a oportunidade para fazer uma analogia: a garrafa representava o planeta Terra, e o balão, a camada de ozônio. Mesmo após o encerramento da aula, os comentários sobre o experimento continuaram. Isso se refletiu nas respostas da atividade final, que incluía três perguntas, sendo a última sobre o que haviam aprendido. As respostas revelaram diferentes compreensões do conteúdo, mas todas destacaram o impacto positivo do experimento. Como ministrei a aula para duas turmas no mesmo dia, pude observar algumas diferenças entre elas. Curiosamente, a turma considerada mais inquieta foi a que mais participou. Um dos alunos chegou a se oferecer para auxiliar na realização do experimento, e, como não havia impedimentos, sua colaboração foi

aceita, conforme ilustrado na Figura 2. Ao final, recebi elogios do professor supervisor, que me parabenizou pelo desempenho.

Figura 2 – Aluno ajudando no experimento.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2024).

Após essa etapa, retornei às atividades de observação, pois ainda não havia cumprido integralmente a carga horária exigida. Continuei acompanhando as aulas até completar o tempo necessário. Esse período foi especialmente significativo, pois já havia desenvolvido uma forte admiração pela escola que me acolheu. Despedir-me não foi fácil. Diante disso, o professor supervisor e a diretora sugeriram a possibilidade de eu permanecer até o fim do ano letivo como voluntário, com emissão de certificado de horas complementares. Diante dessa proposta, procurei a coordenação da faculdade para solicitar a autorização e providenciar a documentação necessária. Com o reinício das aulas após as férias de verão, iniciei oficialmente o estágio voluntário. Essa decisão foi motivada por diversos fatores: o desejo de aprimorar minha didática, o interesse em dar continuidade a um projeto de feira de ciências que vinha sendo elaborado com o professor supervisor e a vontade de acompanhar mais de perto o desenvolvimento dos estudantes.

Logo percebi que minha vivência até então estava restrita a duas turmas. Por isso, busquei ampliar minha experiência visitando outras da

mesma escola, composta por três turmas de 9º ano e três de 8º ano. Passei pelo terceiro 9º ano e pelas turmas de 8º ano ao menos duas vezes cada. Nessas visitas, levei experimentos simples, incentivando a participação ativa dos alunos, além de utilizar vídeos e seguir a metodologia de exposição dialogada. Essa abordagem buscava resgatar os conhecimentos prévios dos estudantes e promover reflexões críticas sobre o conteúdo. Nas turmas com as quais eu já havia trabalhado anteriormente, retornei com frequência, conduzindo aulas completas em algumas ocasiões e, em outras, atuando ao lado do professor titular. Também ofereci reforço em Matemática quando solicitado. Conseguimos, ao fim, concretizar o projeto da feira de ciências, envolvendo todas as turmas de 8º e 9º anos. O objetivo era apresentar experimentos de fácil execução, utilizando materiais do cotidiano. Tanto estudantes quanto professores se engajaram de forma entusiasmada, e os resultados superaram as expectativas. Ver esse projeto ser realizado com êxito foi extremamente gratificante, pois simbolizou a concretização de um objetivo coletivo.

Dentre todas essas vivências, algumas experiências foram especialmente marcantes. Desenvolvi um forte vínculo com as turmas com as quais tive maior contato. Apesar de alguns alunos serem mais inquietos, demonstravam comprometimento e entregavam as atividades dentro do prazo. Também me chamou a atenção a evolução de alguns estudantes que, inicialmente, não se mostravam entusiasmados com a feira, mas que, no momento da apresentação, se engajaram e contribuíram de maneira significativa para o sucesso do evento. Foi um dos momentos mais significativos da minha trajetória. Houve também situações desafiadoras. Em uma aula ministrada para uma turma de 8º ano, os alunos permaneceram em silêncio, sem demonstrar interesse ou interação. Apesar de frustrante, essa experiência se transformou em um importante ponto de reflexão. Questionei-me sobre o que poderia fazer de diferente em situações semelhantes e sobre como alcançar alunos que não se mostram receptivos à proposta da aula. Até hoje, essa experiência me inspira a buscar estratégias mais eficazes para promover o engajamento.

Outro momento marcante ocorreu quando fui incumbido de elaborar um roteiro de experimentos com materiais acessíveis e seguros. Assumi esse desafio como um objetivo pessoal. Queria contribuir e observar a reação dos alunos diante das atividades. Dediquei-me à criação de um roteiro de qualidade, adquirindo alguns reagentes por conta própria e utilizando o que já tinha disponível. Após testar cada experimento, organizei o material em um documento PDF e o enviei ao responsável

pelo projeto. Os alunos receberam o roteiro e foram orientados a trazer os materiais para as práticas em sala. As reações foram variadas: alguns demonstraram grande entusiasmo, enquanto outros se mostraram menos engajados. Diante disso, o professor optou por substituir alguns experimentos, e me encarreguei de propor novas alternativas.

Apesar dos contratemplos, todos os desafios foram superados com dedicação. Quando a feira de ciências ocorreu, senti uma enorme satisfação. O projeto foi concluído com sucesso e recebeu elogios dos alunos e da equipe escolar. Nesse momento, compreendi ainda mais profundamente o significado de ser professor de ser educador e reafirmei as razões que me levaram a seguir esse caminho. Embora algumas pessoas estranhassem o fato de eu atuar como voluntário, sem remuneração, minha motivação sempre esteve clara para mim. Presenciar o sucesso da feira, ver os sorrisos e o entusiasmo dos estudantes, foi profundamente impactante. Inclusive, alunos de outras turmas me perguntaram se eu lecionaria no ano seguinte, expressando o desejo de participar de atividades semelhantes em suas salas. Esses gestos simples reforçaram meu compromisso com a educação e renovaram meu entusiasmo pela docência.

c) Reflexões sobre formação docente e educandos

Durante esse percurso, cheguei à conclusão de que um educador deve estar em constante evolução e sempre disposto a compreender seus alunos, aprendendo com eles, quando necessário. Todo ser humano carrega consigo experiências únicas que podem enriquecer o cotidiano de outras pessoas. O educador deve manter-se em uma postura de constante aprendizado, utilizando as melhores ferramentas disponíveis para ministrar aulas de qualidade. Esse é o tipo de profissional que almejo ser. Busco aprimorar diariamente minhas abordagens ao conteúdo apresentado em sala de aula. Acredito que a mudança deve começar por nós mesmos, por isso procuro sempre explicar o conteúdo de maneira dinâmica, conforme ilustrado na Figura 3.

Figura 3 – Explicação do conteúdo.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2024).

Ser um bom professor implica enfrentar uma série de adversidades que vão além do simples domínio do conteúdo pedagógico. O professor deve lidar com desafios diários que envolvem a gestão da sala de aula, a compreensão das diferenças individuais dos alunos, as exigências institucionais e a constante necessidade de atualização profissional. A resiliência, a empatia e a capacidade de adaptação tornam-se, assim, qualidades essenciais para que o docente possa exercer sua função com eficácia e contribuir para a formação integral dos seus estudantes. (NÓVOA, 1992, p. 78).

A empatia é uma aliada valiosa na atuação profissional. Durante um período da minha vida, enfrentei dificuldades em razão da baixa visão. Como ainda não dispunha de recursos financeiros para adquirir óculos, essa limitação despertou em mim uma maior sensibilidade em relação aos meus alunos. Sempre que ministrava uma aula, orientava os estudantes com dificuldades visuais a se aproximarem da lousa. Em algumas turmas, dois ou três alunos atendiam a esse pedido. Embora essa possa parecer uma atitude simples, foi nesse gesto que comecei a compreender verdadeiramente o significado da empatia. Percebi que ela não se resume somente a ‘colocar-

se no lugar do outro', mas sim a reconhecer que o outro é um ser humano com suas particularidades, digno de atenção, cuidado, respeito e dignidade tanto quanto eu.

Dentre as inúmeras atribuições da docência, uma das mais relevantes é formar indivíduos capazes de refletir de maneira autônoma. Somente por meio do conhecimento é possível alcançar a verdadeira liberdade, e é essa liberdade que permite ao ser humano buscar uma vida melhor. O docente deve ter sempre em mente que, em determinado momento, sua presença deixará de ser necessária. O ideal é que, quando esse momento chegar, o aluno esteja preparado para pensar criticamente e agir com responsabilidade, em busca do bem-estar próprio e coletivo. Como ressalta Nóvoa (1992, p.28)

Para os professores, o dilema do conhecimento passa também por uma relação pedagógica que tem como finalidade despertar uma nova palavra, a do educando. (...) Um bom professor é aquele que se torna dispensável, que consegue que os alunos aprendam sem a sua ajuda. (NÓVOA, 1992, p. 28).

Os professores desempenham um papel de extrema importância na sociedade, pois, por meio de sua atuação, formam cidadãos íntegros, capazes de impactar positivamente o meio em que vivem. No entanto, apesar dessa relevância, enfrentam problemas recorrentes, como os baixos salários e a falta de reconhecimento. Para que haja um bom desempenho em sala de aula, tanto por parte dos docentes quanto dos alunos, é fundamental que haja respeito e motivação. Frequentemente, greves são realizadas para reivindicar direitos que deveriam ser assegurados e constantemente aprimorados. A educação é, por natureza, um processo contínuo de evolução, e seus profissionais devem ser tratados com a dignidade que essa missão exige.

Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação, que inclui a briga por salários menos imorais, é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante da sua prática docente (...). É nesse sentido que os órgãos de classe priorizam o empenho de formação permanente dos quadros do magistério como tarefa altamente política e repensam a eficácia das greves. A questão que se coloca, obviamente, não é parar de lutar, mas reconhecendo-se que a luta é uma categoria histórica, reinventar a forma, também, histórica de lutar (FREIRE, 1996, p.27).

Para que haja uma mudança no sistema de um país, os educadores devem reconhecer sua relevância no contexto em que atuam. Considerando a realidade na qual estão inseridos, cada educador pode transformar o mundo à sua maneira, influenciando os estudantes a se tornarem melhores a cada dia, estimulando-os a pensar por si mesmos. Cada educador carrega a responsabilidade de inovar e despertar nos estudantes a sede pelo conhecimento e o senso de dever. Trata-se de um processo gradual, eficaz a longo prazo, que exige dedicação e empenho durante a formação acadêmica, além de uma mente aberta a novas oportunidades.

3 Conclusão

Ao encarar as oportunidades, mesmo diante do nervosismo, aprendi a sempre dar o meu melhor, agindo com coragem diante do desconhecido e estando aberto à reflexão e à mudança de atitudes, sempre que necessário. Acredito em uma educação transformadora, capaz de libertar as pessoas de suas limitações assim como ocorreu comigo. Atualmente, estou comprometido em me tornar um profissional exemplar, pautado pelo aprimoramento contínuo, pela dedicação e por um sólido senso de responsabilidade. Reconheço que enfrentarei inúmeras adversidades ao longo dessa jornada; contudo, também estarei cercado de bons momentos, pessoas inspiradoras e instituições comprometidas com a excelência. Um desafio relevante, a meu ver, é a questão da infraestrutura em algumas instituições de ensino. Nem sempre o ambiente contará com laboratórios completos ou todos os recursos desejáveis. No entanto, é possível superar essas limitações por meio da criatividade. Em minha experiência, consegui realizar experimentos mesmo sem o suporte de um laboratório convencional. Essa capacidade criativa tornou-se uma aliada constante e continuará me orientando na busca por soluções eficazes diante dos obstáculos.

Durante minha trajetória, aprendi que não vale a pena desistir daquilo que contribui para o bem coletivo. Ser um bom professor significa compreender seus alunos e orientá-los no desenvolvimento de seu potencial. Essa profissão vai além da simples transmissão de conteúdo: é essencial reconhecer que haverá momentos desafiadores, como em qualquer outra carreira. Tudo dependerá da disposição do docente e de sua percepção sobre o próprio papel. É preciso estar preparado para arcar com as consequências de nossas escolhas e manter o foco no que realmente importa. Existem alunos inquietos, tímidos, outros que se destacam com mais facilidade — e nenhuma dessas características deve ser uma barreira

para que o professor os compreenda, os oriente e estabeleça uma conexão significativa com cada um. Uma educação de qualidade tem o poder de transformar vidas. As dificuldades existirão, é verdade, mas também haverá momentos que revelam que cada esforço valeu a pena. São essas experiências que alimentam a motivação para seguir em frente.

Também compreendi que ser docente pode ser, por vezes, desgastante. Lidar com diferentes perfis simultaneamente não é simples, especialmente diante das exigências, prazos e da burocracia envolvida. Não trago esse relato para criar ilusões em quem deseja ingressar na área, mas para apresentar a realidade: há obstáculos, metas e cobranças, assim como há conquistas que ampliam nossa compreensão sobre o impacto que exercemos. O mais relevante é manter uma postura reflexiva em relação à própria prática e ao efeito de nossas ações na vida daqueles com quem interagimos. É fundamental buscarmos ser agentes positivos no cotidiano das pessoas ao nosso redor.

Um conselho valioso é: tentem antes de pensar em desistir. A Licenciatura abrange uma vasta gama de conteúdos e pode, por vezes, parecer desafiadora. Ainda assim, não se deixem abater pelas dificuldades. Quanto mais dedicação e tempo forem investidos na aprendizagem, melhores serão os resultados a longo prazo. Esse conhecimento consolida a base da formação docente e será fundamental para articular teoria e prática de forma coerente e eficaz. Além disso, ressalto a importância de vivenciar o ambiente de sala de aula — por meio de estágios ou programas que proporcionem essa experiência. Envolvam-se com autenticidade. Um profissional de excelência não nasce pronto; ele constrói sua identidade com base nas oportunidades aproveitadas e nas reflexões que realiza ao longo do caminho. Se for preciso aprimorar a didática, busquem recursos. Se identificarem lacunas no conhecimento, estudem. Desenvolvam sua identidade profissional com confiança e propósito, sempre com o objetivo de oferecer o melhor de si e contribuir positivamente na vida dos outros.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

O DESPERTAR DA DOCÊNCIA: O ÍNICIO DE UMA JORNADA ENTRE O SABER E O ENSINAR

Moises Vicente de Sousa¹

Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“As histórias de vida revelam o modo como
a profissão docente se humaniza.”
(Ivor Goodson)

Nunca imaginei que ensinar exigisse mais do que dominar o conteúdo, mais do que saber elaborar aulas de maneira aceitável, é necessário ser humano, ser paciente e ser amigo. Durante meu ensino médio, eu fui um bom aluno, tive a experiência de substituir o professor nunca na disciplina que hoje estudo, todavia eu tinha uma ideia muito superficial do que era ser professor, eu pensava que era “fácil”, acredito que pelo fato de saber o conteúdo, hoje vejo o quão superficial era aquele pensamento. Durante o período em que estive no meu primeiro estágio supervisionado, descobri que ser professor de Química é, antes de tudo, aprender a lidar com pessoas, realidades e expectativas. Abordarei neste capítulo um retrato sincero do que vive. Freire (1996) defende que ensinar é um ato ético, humano e político, que vai muito além da

-
- 1 Moisés Vicente de Sousa é estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Atua como bolsista de Extensão no Grupo Tubo de Ensaio e tem interesse na área de ensino de Ciências, práticas experimentais e inclusão escolar.
 - 2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

simples transmissão de conteúdo. O educador deve criar condições para que o aluno construa seu próprio conhecimento, com base no diálogo, no respeito e na escuta ativa.

Lembro até hoje da sensação de entrar pela primeira vez na escola para estagiar, era no intervalo, decidi convidar minha colega que foi comigo nesse mesmo dia para irmos logo para a sala e conhecer os alunos ela resolveu ficar do lado de fora da sala e eu resolvi entrar, quando eu fui entrando na sala dei de cara com um grupo de 6 alunos e comecei a conversar com eles, eles me perguntaram se eu iria dar aula naquele dia eu respondi que não que eu era um estagiário e expliquei para eles o que eu iria fazer ali, logo fizemos uma amizade e então quando chegou a hora de começar a aula eles mesmo organizaram um lugar para eu e minha colega sentar, achei muito legal da parte deles, sinto que passei pela fase de “Quebrar o Gelo” sem muito dificuldades.

Durante as primeiras disciplinas de educação que cursei no início da graduação, ouvi muitas vezes sobre métodos de ensino, avaliação e planejamento. No entanto, nada me preparou totalmente para a vivência real em sala de aula. Afinal, ninguém espera que um aluno entre com um bebê do nada e que quase toda a turma fique dispersa diante da situação. São experiências que só a prática nos ensina a enfrentar. Tardif (2014) nos explica que os professores não se formam apenas por meio da teoria, mas também a partir das experiências vividas na prática escolar. Ele valoriza o saber construído no cotidiano da sala de aula e nas interações com os alunos.

“A experiência viva sempre supera os esquemas teóricos prontos.” De fato, é na prática que compreendemos a importância da teoria, saber organizá-la de acordo com cada necessidade é essencial para atuar de forma consciente e eficaz. Todas as observações me ajudaram a planejar uma aula na qual eu pudesse interagir com todos de maneira igualitária. Foi “estranho” quando começaram a me chamar de professor, na verdade, foi estranhamente bom. Mesmo tendo apenas cinco ou seis anos a mais do que eles, ser chamado de “tio” também foi engraçado. Mas com isso pude ter em mente o que me aguarda daqui uns anos. Todavia, foi ali que percebi que eu não era mais apenas um estudante de Química: estava me tornando um educador, alguém capaz de inspirar, ensinar e transformar realidades.

2 Desenvolvimento

a) A escola e o cotidiano do estágio

Resolvemos escolher uma escola de ensino regular em Itapipoca que apresentasse bons resultados em diversas avaliações realizadas anualmente pelo estado. Após algumas pesquisas e discussões, chegamos a um consenso: eu e duas colegas que também realizaram o estágio comigo optamos pela Escola Estadual Joaquim Magalhães.

A Escola Estadual Joaquim Magalhães está situada no bairro Sanharão, na região central do município de Itapipoca. A instituição tem estudantes do Ensino Médio, organizados em turmas identificadas por letras, que vão de A até K, nos turnos manhã e tarde. A maioria dos alunos reside na sede de Itapipoca, mas a escola também acolhe estudantes da zona rural, como da Serra da Assunção, além de alunos vindos também de municípios vizinhos, como Amontada. Os alunos apresentam uma diversidade cultural significativa, refletindo a realidade social da região. Durante o período de estágio, atuei principalmente com as turmas do 1º ano, pois estou realizando o ESEM 1.

Fui muito bem acolhido desde o momento em que entrei em contato com o professor da disciplina, que me recebeu como estagiário de forma bastante receptiva. Desde o primeiro dia, senti-me mais seguro. Os estudantes, curiosos e participativos, demonstraram interesse em interagir e colaborar com as atividades propostas. Essa recepção calorosa foi fundamental para o desenvolvimento do estágio e para o fortalecimento do vínculo com a comunidade escolar. Tive ainda a oportunidade de conversar com os monitores do laboratório utilizado para aulas de Química, Física e Biologia, que compartilharam experiências de vida e me ofereceram conselhos valiosos para minha formação como professor.

O ambiente da escola é simples, porém bem estruturado, contando com refeitório espaçoso, banheiros adequados, quadra esportiva e outros espaços essenciais para o funcionamento escolar. As salas de aula são bem iluminadas, climatizadas com ar-condicionado e equipadas com caixas de som. Apesar de os recursos pedagógicos disponíveis serem limitados, o que exige criatividade por parte dos professores na elaboração das aulas, o comprometimento dos profissionais reflete nos bons resultados obtidos pelos alunos ao longo dos anos.

b) Vivências, planejamentos e práticas pedagógicas

Para a realização da regência primeiro tivemos um momento com o professor que nos ajudou a na escolha de uma atividade, o público alvo era os alunos de 1º ano, tendo em vista que os mesmo ainda não tinham ido ao laboratório para realizar uma aula prática de Química, entramos em um consenso de levá-los ao laboratório para lhes apresentar de maneira didática e explicativa regras gerais de condutas dentro do Laboratório de Química, apresentação de vidrarias e suas utilidades e realizando também um experimento químico que fosse referente ao conteúdo que o professor estava lesionado.

A aula foi realizada utilizando slides e algumas vidrarias disponíveis no laboratório com o intuito de que os alunos pudessem vê-las e ouvir melhor suas utilidades. Também foi lhes entregue um questionário de 10 questões para que eles respondessem durante a aula para que assim eles pudessem ter mais foco.

O experimento foi realizado com o camaleão químico, que é um experimento que consiste na oxirredução do manganês. Esse experimento nos permite observar a mudança de cor e entender melhor como funciona cada processo. Os materiais utilizados foram disponibilizados pela própria instituição.

Na hora de realizar a aula prática, eu solicitei que fossem formadas 4 equipes de 10 alunos cada. Eu também pude observar que houve uma maior interação entre os alunos dentro de suas equipes. É possível observar mais abaixo na figura 1.

Figura 1: divisão de equipes



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

As 4 equipes foram elas:

- Equipe 1 = Lavoisier
- Equipe 2= Mendeleev
- Equipe 3 = Bohr
- Equipe 4 = Curri

Em seguida, cada um deles escolheu um representante para comigo realizar o experimento. Estão representados nas figuras 2, 3 e 4. Várias situações engraçadas ocorreram, como quando o permanganato de potássio foi adicionado à água e ficou roxo, eles diziam: “Ah, é um suco de uva, pode beber, tio ? E eu disse: esse suco de uva é mágico, viu você se encontrar com Deus rapidinho. você que decide... Logo abaixo adicionei 3 imagens, uma de cada turma.

Figura 2: Primeiro momento como regente: turma 1ºk



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 3: Segunda regência: turma 1º G



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 4: Terceira e última regência: 1ºB



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

c) Reflexões sobre formação docente e inclusão

Gostaria de descrever da melhor forma possível a maneira como o estágio e essa narrativa mudaram a minha concepção de enxergar a docência, o lado de ser um educador, e melhoraram meu autoconhecimento. “De fato, acreditamos que a pesquisa narrativa provoca mudanças na forma

como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros.” MARQUES; SATRIANO, (2017, p. 382). Quando eu estava no ensino médio até mesmo na graduação antes do estágio jamais poderia imaginar o quão significativo é o papel do educador na vida de seus alunos. Observar dessa forma é também saber que teremos que ser além de mestros: amigos, conselheiros, pacientes e até psicólogos, tendo que nos reinventar sempre. Aprendi que, para ensinar bem, é necessário também estar disposto a aprender todos os dias. A cada novo ano, semestre, semana ou até mesmo a cada novo dia, é preciso se reinventar, adaptar estratégias, renovar as forças e, acima de tudo, crescer como ser humano.

A docência me mostrou que educar é uma via de mão dupla: enquanto nos dedicamos a transformar a vida dos alunos, somos, ao mesmo tempo, transformados por eles. Se reinventar, é melhorar como pessoa, é crescer como ser humano e fazer da vida mais “fácil” e até mesmo mais alegre. Ensinar exige compreender que a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que aprisionam e escolas que libertam. O educador que apenas ensina conteúdo é como o construtor de gaiolas. Mas aquele que provoca encantamento, que inspira sonhos, que desperta perguntas, este constrói asas, Freire (1996). O educador se eterniza em cada ser que educa. Foi assim comigo quando estudante e espero que seja agora como educador.

3 Conclusão

O primeiro estágio supervisionado no Ensino Médio (ESEM 1) me proporcionou uma experiência única de autoconhecimento e transformação pessoal, indo além das expectativas teóricas da graduação e das ideias pré-estabelecidas que eu já tinha, dadas pela minha experiência e observações durante o ensino médio. Percebi que ser professor é muito mais do que dominar conteúdos: é ser um ser humano melhor, mais empático e disposto a aprender todos os dias algo novo com seus alunos. O contato direto com a realidade escolar é marcado pela diversidade social e cultural; isso nos proporciona ao máximo a vivência com os mesmos. Tal aproximação trouxe à tona a necessidade de um olhar sensível e atento às individualidades dos estudantes, pois cada um possui suas particularidades.

A experiência prática evidenciou que a docência exige constante adaptação não apenas no modo de explicar o conteúdo da aula, mas também na hora de criá-la e executá-la para que cada necessidade seja atendida desde o pensamento até a execução.

A escuta ativa que se constitui não somente de ouvir, mas também de compreender o que o aluno realmente quer falar e, sobretudo, de um compromisso ético com a formação de cidadãos mais críticos e autônomos. As interações diárias com os alunos, as surpresas da rotina escolar e os desafios enfrentados no dia a dia só reforçaram que ensinar é também aprender, pois é por meio de desafios que evoluímos, que educar é transformar, mas também é ser transformado. Ao planejar e executar a aula prática no laboratório com o experimento do “camaleão químico”, pude perceber que o aprendizado ganha vida quando é compartilhado, e que cada pensamento é único, e quando vivenciado ganha novos mundos. “A narrativa autobiográfica abre espaço para que os professores reflitam sobre os sentidos que atribuem às suas práticas e trajetórias. “MARQUES, SATRIANO (2017, p. 377). Visto que tendemos a enxergar diferente a cada novo ponto de vista ou ao menos evoluir com os mesmos, todavia é narrando que a reflexão nos vem à tona. Pouco a pouco percebi que a figura do professor deixou de ser idealizada como autoridade ditadora de tudo e passou a ser reconhecida como uma presença leve e acessível.

A partir disso, concluí que a verdadeira formação docente se dá na troca com o outro, no improviso do cotidiano e na paixão por ensinar. Essa vivência foi o ponto de partida para enxergar a escola não só um ambiente que vamos ter algumas horas de estudo e nada mais, mas como um lugar de liberdade, criatividade que ajuda a desenvolver todo nosso potencial. O estágio marca o início entre o ser estudante e o tornar-se educador, formando um novo capítulo de comprometimento com a educação pública, de maneira inclusiva e transformadora. O ato pedagógico é um processo de construção que envolve planejamento, execução e avaliação crítica, sempre com foco na formação integral dos estudantes. Essa vivência prática foi essencial para que eu compreendesse que educar é também ser educado, e que cada aula é uma oportunidade de transformação mútua entre professor e aluno.

Referências

- ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecília. *Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. Linhas Críticas*. Brasília, DF, v. 23, n. 51, p. 369–386, jun./set. 2017.
- MARQUES, Maria da Conceição; SATRIANO, Maria Lúcia. *Narrativas (auto)biográficas e formação docente. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). Pesquisa (auto)biográfica e práticas educativas*. Natal: EDUFRN, 2017. p. 375–390.

ENTRE FÓRMULAS E DESCOBERTAS: MINHA JORNADA NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA EM QUÍMICA

Vitória de Sousa Silva¹

Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“As recordações de formação servem de marco para tudo que vem depois.”
(Marie-Christine Josso)

Iniciar o estágio supervisionado foi como acender um bico de Bunsen: no começo, há sempre receio de não controlar a chama, mas logo se percebe que é nesse calor que ocorrem as transformações mais significativas.

Meu nome é Vitória de Sousa Silva, tenho 24 anos, nascida na cidade de Itapipoca, no interior do Ceará. Cresci em um lar simples, onde o esforço e a dedicação sempre foram pilares fundamentais. Filha de pais agricultores. Desde pequena sempre me encantei com a curiosidade que a ciência desperta. Meu interesse específico pela Química surgiu no Ensino

1 Vitória de Sousa Silva é estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Atua como bolsista de iniciação científica e tem interesse na área de ensino de Ciências, práticas experimentais e inclusão escolar. Natural de Itapipoca-Ceará, possui experiência na Educação Básica e participou de projetos de extensão voltados à formação docente.

2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

Médio, quando percebi como essa disciplina conecta fenômenos cotidianos a explicações científicas precisas. Cedo aprendi o valor da educação como ferramentas de transformação social. Durante a trajetória escolar, obtive excelentes professores que sempre foram referências e inspirações que plantaram em mim o desejo de, um dia, também contribuir com a educação.

Minha trajetória educacional não foi linear e tampouco isenta de desafios. Estudei toda minha vida em escolas públicas, onde, muitas vezes, me deparei com a falta de recursos, com professores sobrecarregados, mas, acima de tudo, com pessoas que, apesar das dificuldades, se esforçaram diariamente para fazer a diferença. Foram essas experiências que fortaleceram minha resiliência e me fizeram perceber que, se quisesse mudar a minha realidade ou de outras pessoas, a educação seria o caminho mais potente.

Optei por cursar Licenciatura em Química por acreditar que o conhecimento científico deve ser compartilhado e democratizado. A possibilidade de atuar na educação, inspirando novos estudantes, me pareceu uma missão nobre. Antes de iniciar o estágio, eu o via como uma oportunidade prática para aplicar o que aprendi ao longo da graduação e também para entender melhor a realidade das escolas públicas.

Registrar essa trajetória em forma de narrativa é um exercício de memória, reflexão e formação. Como nos lembra Paulo Freire, “ensinar exige o risco da denúncia e do anúncio” e escrever sobre a prática docente é também uma forma de anunciar minha identidade em construção como professora. Este capítulo é, portanto, um testemunho do que vivi, observei e aprendi durante a vivência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no ano de 2024/2025.

2 Desenvolvimento

A experiência vivenciada no estágio supervisionado por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no ano de 2024, representou uma etapa decisiva na construção da minha identidade como futura professora de Química. Ao longo dos meses de atuação, pude vivenciar de forma concreta a rotina escolar, observar práticas pedagógicas reais, participar de formações, interagir com docentes e discentes, e refletir sobre os desafios e potencialidades da educação.

Este capítulo busca descrever e refletir sobre as principais vivências que marcaram minha trajetória durante o estágio. A partir de momentos

de observação, participação em atividades escolares, planejamento de ações pedagógicas e discussões formativas, construí uma visão mais ampla e sensível do que significa ser professora em uma escola pública do Ensino Médio. Mais do que aplicar conteúdos, ensinar é mediar, acolher, dialogar e transformar.

Organizei este relato em três partes principais: na primeira, apresento a escola e o cotidiano do estágio; em seguida, descrevo as práticas pedagógicas vivenciadas e atividades realizadas; por fim, reflito sobre o processo de formação docente e a importância da inclusão no contexto educacional.

a) A escola e o cotidiano do estágio

O estágio supervisionado foi realizado na Escola de Ensino Médio Joaquim Magalhães, localizada no município de Itapipoca, interior do estado do Ceará, sob jurisdição da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE) 2. Fundada na década de 1940, a referida instituição destaca-se por seu histórico de excelência no cenário educacional da região, tanto pela qualidade do ensino ofertado quanto pela solidez de sua infraestrutura e pelo compromisso com a formação integral dos discentes. A escola atende exclusivamente ao Ensino Médio e possui uma expressiva comunidade estudantil, totalizando 2.224 alunos distribuídos nos turnos manhã e tarde. O corpo discente é composto majoritariamente por adolescentes oriundos de bairros periféricos da zona urbana e de comunidades rurais, o que imprime ao ambiente escolar uma significativa diversidade sociocultural.

A recepção à equipe de estagiários foi marcada por acolhimento e cordialidade, evidenciando a disposição da gestão escolar em integrar novos colaboradores ao cotidiano institucional. Desde o primeiro encontro com a professora supervisora Deividânia, foi possível observar o profissionalismo e o zelo com que a escola organiza seus processos. Durante a visita inicial, os estagiários foram apresentados aos principais espaços da instituição e tiveram a oportunidade de conhecer a diretora e demais membros da equipe pedagógica, iniciando, desde então, as primeiras reflexões acerca da prática docente. A infraestrutura da escola é ampla e bem distribuída, contando com uma área construída de 1.638,40 m². Dentre os espaços disponíveis, destacam-se: 25 salas de aula, laboratório de ciências, Laboratório Educacional de Informática (LEI),

biblioteca, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), sala de multimeios, pátio coberto, auditório, quadras poliesportivas, ilha digital, rádio escolar, refeitório, secretaria e sala da coordenação pedagógica. Todos os ambientes apresentam-se organizados e funcionais, refletindo o cuidado e a dedicação da equipe gestora. Ressalte-se, por exemplo, a biblioteca, que se mantém como um espaço silencioso e bem estruturado; o LEI, moderno e bem utilizado por alunos e professores; e a secretaria, que se destaca pela organização documental criteriosa, com registros mantidos em livros numerados.

No que se refere às práticas pedagógicas e à dinâmica escolar, observa-se um ambiente comprometido com a inclusão, a permanência e o êxito dos estudantes. A escola desenvolve ações como atendimento educacional especializado, aulas de reforço, projetos interdisciplinares e o Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT), que busca fortalecer os vínculos entre a escola e as famílias. Ademais, desde o ano de 2022, a instituição passou a adotar o Novo Ensino Médio, incorporando novas metodologias e ampliando a carga horária destinada à formação técnica e à construção de itinerários formativos, em consonância com as diretrizes do Ministério da Educação. Dessa forma, a Escola de Ensino Médio Joaquim Magalhães apresenta-se como um ambiente educacional sólido, inclusivo e inovador, cuja estrutura física, equipe pedagógica e proposta curricular se articulam em prol de uma formação cidadã e de qualidade para seus estudantes.

b) Vivências, planejamentos e práticas pedagógicas

Durante minha atuação como bolsista do PIBID na EEM Joaquim Magalhães, participei de diversas atividades pedagógicas e formativas que contribuíram significativamente para minha formação inicial como professora de Química. Logo no início, durante a formação de alinhamento com a professora supervisora, foram definidos os horários de atuação, planejadas ações e discutidos eventos como o “Ciência Vai à Praça” e a Feira de Ciências, além da organização e reestruturação do laboratório da escola.

A observação de aulas com os professores Deividânia e Gleison me possibilitou perceber diferentes perfis de turmas e estratégias docentes. A turma do 2º ano L, por exemplo, apresentava comportamento barulhento e resistência a cumprir regras como o mapa de sala. Já a turma do 2º ano

M mostrou-se mais engajada na entrega das atividades, revelando um perfil mais comprometido. Mesmo com essas diferenças, as aulas eram participativas e abordavam temas como concentrações, oxirredução e balanceamento químico.

Em outra vivência marcante, participei da aplicação das provas bimestrais. Fui responsável por coletar assinaturas e acompanhar alunos ao banheiro, vivenciando a rotina organizacional de um momento avaliativo. A estratégia adotada pela professora Deidivânia distribuir as provas uma a uma revelou-se eficiente para manter a atenção dos alunos e evitar fraudes. Além disso, observamos o cuidado com a inclusão: os estudantes do AEE realizaram suas provas no auditório, com recursos adaptados conforme suas necessidades.

No decorrer do projeto, foi realizada uma atividade lúdico-pedagógica com as turmas do 2º ano B, C, D e E, como parte das ações desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A proposta teve como objetivo promover a consolidação de conteúdos químicos por meio de uma estratégia interativa, baseada na resolução de desafios contextualizados, despertando o raciocínio lógico, a curiosidade e o trabalho em equipe entre os discentes.

A dinâmica aplicada consistiu na utilização do livro interativo *“A Fórmula Secreta: Uma Aventura Química de Quebrar a Cabeça”*, cujo enredo gira em torno de um mistério envolvendo uma receita de doce que foi roubada. Os alunos, divididos em grupos, deveriam seguir as pistas e solucionar enigmas diretamente relacionados a conceitos químicos elementares. O diferencial do material é sua estrutura narrativa não linear: a história inicia-se na página 4 e orienta os leitores, por meio de decisões e pistas, a acessar diferentes páginas, de forma aleatória, conforme a lógica construída pelas escolhas realizadas durante a leitura.

Cada turma foi organizada em cinco equipes, compostas por aproximadamente seis a oito alunos. Cada equipe recebeu um exemplar do livro, que contém uma sequência de desafios envolvendo conteúdos como estrutura da matéria, ligações químicas, propriedades dos materiais, transformações físicas e químicas, e linguagem científica. A equipe que conseguisse concluir corretamente todos os enigmas primeiro seria premiada com uma caixa de chocolates, como forma simbólica de valorização do esforço coletivo e da superação dos desafios propostos.

A atividade revelou-se altamente eficaz em termos de engajamento e aprendizagem. Foi possível observar elevado nível de participação,

motivação e cooperação entre os estudantes. Os grupos demonstraram interesse genuíno pela resolução dos enigmas, estabeleceram diálogos produtivos e utilizaram estratégias variadas para chegar às soluções. O uso do recurso lúdico promoveu o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais, como a tomada de decisão em grupo, a capacidade de argumentação e a resiliência diante de impasses.

No entanto, também foi possível identificar limitações relacionadas ao tamanho dos grupos. Notou-se que nas equipes com mais de seis integrantes, a participação dos alunos não foi equilibrada: alguns estudantes se mantiveram à margem do processo, demonstrando pouco envolvimento ou sendo absorvidos pelo protagonismo dos colegas mais participativos. Esse fator suscitou uma reflexão importante acerca da necessidade de planejamento criterioso na divisão dos grupos, priorizando a efetiva participação de todos os membros. Para atividades futuras, recomenda-se limitar o número de participantes por equipe para garantir maior inclusão e equidade no desenvolvimento da proposta.

A proposta lúdica também permitiu aplicar, na prática, os princípios das metodologias ativas. Ao colocar os estudantes como protagonistas do processo de aprendizagem, incentivando a investigação, a tomada de decisões e a aplicação de conhecimentos prévios, a atividade cumpriu não apenas seu objetivo de revisão de conteúdo, mas também ampliou a compreensão dos alunos sobre a Química como uma ciência presente em situações reais e envolventes.

Ao final da aplicação, foi realizada uma roda de conversa com os alunos, momento em que eles manifestaram satisfação com a proposta e interesse em participar de mais atividades com essa abordagem. Alguns relataram que aprenderam mais do que em aulas expositivas e que o formato interativo despertou neles uma vontade renovada de estudar conteúdos que, anteriormente, julgavam difíceis ou pouco atrativos. Durante a aplicação do jogo, os alunos mostraram-se atentos, colaborativos e curiosos para desvendar os enigmas. A interação entre os colegas e o envolvimento com a leitura revelaram a potência de unir narrativa e ciência, como mostrado na Figura 1.

Figura 1 – Alunos resolvendo os enigmas do livro interativo “A Fórmula Secreta”.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Como licencianda em formação, essa atividade me proporcionou importantes aprendizados. Planejar, conduzir e observar uma ação com esse nível de complexidade e resposta positiva dos alunos reforçou minha confiança e ampliou minha percepção sobre a importância da inovação pedagógica no ensino de Ciências. A vivência também reafirmou minha crença na educação como espaço de criatividade, sensibilidade e construção coletiva.

Também participei de momentos de planejamento pedagógico, como a reunião de janeiro de 2025, que incluiu formações sobre diversidade de gênero, gestão do tempo, acompanhamento de desempenho pela SEDUC e a criação de uma sala virtual para postagem de materiais didáticos e atividades. Tais formações foram fundamentais para compreender melhor a gestão escolar e refletir sobre os desafios contemporâneos da educação.

As práticas desenvolvidas ao longo do estágio permitiram transitar da observação para a atuação. Com o tempo, passei a propor e executar atividades com mais autonomia, dialogando com a teoria discutida na universidade e ajustando minhas estratégias à realidade dos alunos. Percebi que ser professora exige não apenas domínio de conteúdo, mas sensibilidade, criatividade e compromisso com a aprendizagem e a inclusão.

c) Reflexões sobre formação docente e inclusão

Participar do PIBID na Escola de Ensino Médio Joaquim Magalhães me proporcionou uma imersão intensa e significativa no universo da educação pública. Mais do que aprender a ensinar Química, vivenciei o

que significa ser professora em sua essência. A formação docente ultrapassa os muros da universidade e se materializa na escuta, na sensibilidade e na convivência com estudantes, colegas e toda a comunidade escolar. Cada experiência dentro da escola foi uma oportunidade para rever concepções, refinar práticas e, sobretudo, reafirmar meu compromisso com a transformação social por meio da educação.

Logo nas primeiras interações com as turmas, percebi que a docência exige muito mais do que domínio de conteúdo. As turmas do 2º ano apresentavam comportamentos distintos: algumas mais organizadas e engajadas, como a 2ªM, outras mais dispersas e barulhentas, como a 2ªL. Com o tempo, compreendi que essas diferenças não se tratavam apenas de disciplina, mas refletiam contextos sociais diversos, histórias pessoais e formas únicas de aprender. Enfrentar esse desafio me ensinou que o olhar atento ao aluno, com escuta ativa e empatia, é o ponto de partida para qualquer prática significativa.

Ao acompanhar os professores nas aulas e nos momentos avaliativos, pude vivenciar a complexidade da gestão de sala de aula. Durante a aplicação de provas, por exemplo, percebi que estratégias como reorganizar os alunos por ordem alfabética e dividir as tarefas entre os bolsistas garantiam não apenas o controle da turma, mas também respeito à individualidade de cada estudante. Essa vivência revelou que a docência é um exercício constante de adaptação e cuidado com os detalhes, mesmo aqueles que, à primeira vista, parecem operacionais.

A dimensão da inclusão esteve presente de forma marcante durante todo o estágio. A escola demonstra grande compromisso com o Atendimento Educacional Especializado (AEE), oferecendo recursos e adaptações como provas ampliadas, leitura assistida e acompanhamento específico. Tive a oportunidade de observar esse processo de perto, especialmente durante a aplicação das avaliações no auditório, onde estudantes com deficiência foram atendidos com acolhimento e dignidade. Essa prática me fez compreender que inclusão vai além de adaptar conteúdo e de garantir pertencimento, escuta e respeito às singularidades de cada aluno.

No dia 28 de junho, foi realizada a aplicação da primeira atividade com os alunos do Atendimento Educacional Especializado (AEE). A proposta teve como tema central a termoquímica, sendo desenvolvida de forma individualizada, respeitando o ritmo e as necessidades específicas de cada estudante atendido. A atividade foi cuidadosamente readaptada, com o objetivo de garantir maior acessibilidade e compreensão dos conteúdos.

Para isso, foram utilizados pequenos textos explicativos, escritos com linguagem simplificada e letras de fácil leitura, favorecendo o entendimento por parte dos alunos. Além disso, o material contou com ilustrações representativas, servindo como apoio visual para explicar os conceitos de reações exotérmicas e endotérmicas. As figuras foram fundamentais para tornar o conteúdo mais concreto, facilitando a associação entre teoria e exemplos do cotidiano. A adaptação da atividade refletiu o compromisso com uma educação inclusiva, contribuindo para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos do AEE e promovendo a participação efetiva no conteúdo da disciplina de Química, como mostra a figura 2.

Figura 2 – Aluna do AEE realizando atividades adaptadas sobre termoquímica.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

As formações realizadas ao longo do projeto também contribuíram para minha reflexão sobre inclusão e diversidade. O curso sobre “Diversidade de Gênero e Nome Social”, por exemplo, proporcionou um momento de aprofundamento e desconstrução de preconceitos, essencial para quem deseja atuar com responsabilidade em ambientes educacionais diversos. Essa formação ampliou minha compreensão sobre o papel do professor como agente de respeito e garantia de direitos, principalmente em tempos nos quais tantas identidades ainda são invisibilizadas nas escolas.

Outro aspecto importante foi perceber minha evolução pessoal e profissional ao longo do projeto. No início, minha postura era mais hesitante e dependente das orientações da supervisora. Com o passar dos meses, adquiri maior autonomia para propor atividades, interagir com os alunos e refletir criticamente sobre minhas práticas. Experiências como a criação de roteiros de aula prática, o planejamento de atividades lúdicas me

fizeram reconhecer meu crescimento como futura professora. O processo formativo se tornou real, palpável e transformador.

Por fim, essa etapa da minha formação me mostrou que ser professora é um exercício diário de diálogo, escuta e reconstrução. Como nos ensina Paulo Freire (1996), ensinar exige coragem, ética e amor. A cada desafio enfrentado, fui fortalecendo minha identidade docente e compreendendo que a educação é uma construção coletiva. Vivenciar a inclusão, adaptar estratégias, ouvir os alunos e refletir sobre as práticas se tornaram partes indissociáveis da minha caminhada. Sigo agora mais consciente do meu papel e mais convicta de que a docência é um caminho que vale a pena ser trilhado com paixão e compromisso.

3 Conclusão

O estágio supervisionado, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), foi uma experiência profundamente formativa e transformadora na minha trajetória como licencianda em Química. Ao longo deste processo, fui desafiada a sair do espaço seguro da teoria para mergulhar na realidade viva e complexa da sala de aula. Essa transição me permitiu compreender, com mais clareza, as múltiplas dimensões da prática docente, que vão além da transmissão de conteúdos e envolvem aspectos éticos, afetivos e políticos. Como nos lembra Freire (2011), “ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo”, e esse estágio me permitiu vivenciar isso em profundidade.

O contato com a escola pública, com seus sujeitos e com suas demandas concretas, exigiu de mim escuta, empatia e adaptação constante. As interações com estudantes de diferentes perfis, realidades e trajetórias ampliaram minha compreensão sobre a diversidade presente no contexto educacional. A prática docente mostrou-se como um espaço de reinvenção cotidiana, onde é preciso equilibrar o planejamento com a imprevisibilidade, o conhecimento com a sensibilidade, e a autoridade com o diálogo (LIBÂNEO, 2013). O exercício da docência, portanto, revelou-se um trabalho profundamente humano e relacional, em que cada gesto e escolha carrega implicações pedagógicas e sociais.

A vivência com práticas inclusivas foi um dos pilares mais significativos do estágio. A atuação junto aos alunos do Atendimento Educacional Especializado (AEE) me permitiu perceber, na prática, que inclusão não é apenas uma diretriz legal, mas um compromisso ético com a

equidade e com o direito de aprender. A elaboração de materiais adaptados, o uso de recursos visuais e o acompanhamento individualizado foram ações que materializaram o que Mantoan (2003) afirma: incluir é criar condições reais de aprendizagem para todos, respeitando suas especificidades. Essas experiências me ensinaram que educar é, antes de tudo, acreditar no potencial de cada sujeito e buscar caminhos para que ele se realize.

Outro aspecto que marcou profundamente minha formação foi a utilização de metodologias ativas de ensino, como a proposta lúdica baseada no livro interativo “A Fórmula Secreta”. Essa atividade, ao colocar os alunos no centro do processo, estimulou habilidades cognitivas, sociais e emocionais, reafirmando a potência da aprendizagem significativa e contextualizada. Conforme defendem Moran, Masetto e Behrens (2000), a aprendizagem se torna mais efetiva quando o estudante é protagonista, participa ativamente e relaciona o conteúdo com sua realidade. Nesse sentido, a prática da ludicidade não foi apenas um recurso pedagógico, mas um instrumento de engajamento, cooperação e construção de sentido.

As formações das quais participei ao longo do projeto também contribuíram para meu amadurecimento profissional. Discussões sobre diversidade de gênero, nome social, uso das tecnologias educacionais e avaliação formativa ampliaram minha visão sobre o papel do professor na contemporaneidade. Como defende Nóvoa (1992), formar-se docente é um processo contínuo de reconstrução identitária, que se dá na reflexão sobre a prática e na interação com outros saberes e sujeitos. Tais reflexões foram fundamentais para que eu me reconhecesse como uma educadora em formação, com responsabilidades e compromissos diante da diversidade de realidades que compõem a escola pública brasileira.

Ao refletir sobre minha trajetória no estágio, reconheço com clareza a evolução que vivenciei. No início, marcada pela insegurança e pela dependência das orientações da supervisora; ao final, já mais autônoma, capaz de propor atividades, dialogar com os estudantes e refletir criticamente sobre minha atuação. Essa passagem da observação para a ação, do receio para a iniciativa, revelou o processo formativo em sua essência: um percurso de construção, questionamento e reinvenção constante. Como afirma Tardif (2002), o saber docente é construído na prática, na experiência e na interação com o contexto escolar real.

Por fim, reafirmo que o estágio supervisionado foi muito mais do que um requisito curricular. Foi uma etapa essencial de formação, que me permitiu vivenciar a complexidade, os desafios e as potências da docência.

A escola pública, com todas as suas contradições, mostrou-se um espaço fértil de aprendizado e de compromisso social. Acredito que educar é um ato político, no sentido freireano do termo: um gesto de esperança, de resistência e de construção coletiva de novos futuros possíveis. Encerro esta etapa convicta de que escolhi o caminho certo e ciente de que ser professora é, antes de tudo, um ato de amor, coragem e compromisso com a transformação social.

Referências

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 27. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000.
- NÓVOA, António (Org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

DE ALUNO TÍMIDO A FUTURO PROFESSOR: TRANSFORMAÇÕES E APRENDIZADOS

José Willame Soares Alves¹

Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“A docência se reinventa cada vez que o professor se narra como
sujeito.”

(Maria da Conceição Passeggi)

Quando ingressei no curso de Licenciatura em Química da Universidade Estadual do Ceará, no campus da Facedi – Faculdade de Educação de Itapipoca, mal imaginava a transformação que estava por vir em minha vida. Entrei nesse curso porque, entre os ofertados pela instituição no vestibular, foi o que mais despertou meu interesse em cursar. Sou natural de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza/CE, e antigamente era conhecido por minha timidez nas salas de aula do ensino fundamental e médio. Sempre fui de escola pública, venho de uma família simples e numerosa, tenho muitos irmãos e, por muito tempo, não tive clareza sobre meu futuro acadêmico ou profissional.

- 1 José Willame Soares Alves é Licenciando em Química pela Universidade Estadual do Ceará, campus da Facedi em Itapipoca, Ceará. Bolsista do PIBID Química, atua na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Coronel Murilo Serpa, acompanhando o dia a dia da escola e participando de atividades pedagógicas. Suas experiências em sala de aula e o retorno positivo dos alunos o motivam a seguir na carreira docente ou em funções administrativas, com o objetivo de transformar a educação e tornar o aprendizado mais significativo para todos.
- 2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

Antes disso, eu ia para a escola apenas por ir estudar, de fato, não era algo que me interessava. Era viciado em jogar bola, vôlei e pebolim durante o intervalo. Era como se o que eu mais gostasse de fazer na escola fosse exatamente isso: brincar. Não era o conteúdo ou as aulas que me atraíam. Na entrada, no intervalo, na saída... esse era o meu foco. Apesar disso, eu não era um aluno bagunceiro ou que dava trabalho aos professores, sempre fui muito na minha, comportado, mas pouco esforçado em aprender. Foi apenas no 3º ano do ensino médio que tive um verdadeiro momento de virada e mudança de perspectiva. Um amigo, já maior de idade na época e estudando no CEJA, me deu um “puxão de orelha” e eu nele durante uma conversa, o que nos levou a começar a frequentar juntos a biblioteca pública da cidade. A partir daí, passei a me dedicar mais e a tentar recuperar o tempo perdido. Também tive excelentes professores nesse último ano, que contribuíram para que eu abrisse ainda mais a mente e enxergasse nos estudos uma possibilidade real de futuro. Eram profissionais com ótima didática, boa oratória, senso de humor e um evidente compromisso com a profissão. Isso, sem dúvida, teve um impacto muito positivo na minha trajetória.

A realidade do PIBID chegou como um choque revelador. Meu supervisor, um professor experiente, me orientou sobre como me portar ao adentrar a sala onde eu realizaria minha primeira observação como Pibidiano, e disse: “Não bata de frente com os alunos, por não conhecer a realidade deles e por ser uma escola mais periférica na cidade.” Isso ficou martelando na minha cabeça, porque, de forma subentendida, foi como um aviso para ter cuidado com alunos que pudessem estar envolvidos com a criminalidade. Outro fator sobre essa mesma turma a ser observada na escola onde atuei é que, inicialmente, essa turma de 1º ano contava com 45 alunos, porém estava reduzida à metade. Muitos alunos haviam sido expulsos ou transferidos para outras escolas da região de Itapipoca ao longo do ano letivo. Essa situação, que poderia ser desanimadora, tornou-se meu primeiro grande aprendizado sobre a educação pública brasileira. Observei que há muitos desafios na área docente e que esses desafios se repetem em várias escolas públicas do país. Porém, há um longo caminho a ser percorrido, enfrentando esses problemas e buscando uma educação de qualidade.

Nos primeiros dias de observação, testemunhei estratégias que nenhum livro de didática ensinava. Vi como o professor supervisor adaptava suas explicações usando exemplos do cotidiano dos alunos, transformava alguns conflitos existentes na escola e entre os alunos em oportunidades

de diálogo e mantinha a autoridade. Embora, às vezes, os alunos não demonstrassem interesse em aprender a disciplina e os conteúdos das aulas de Química, ele não perdia a empatia. Quando chegou minha vez de ministrar atividades, descobri algo surpreendente: eu sempre fui o aluno mais quieto da turma. No fundamental, mal conseguia responder quando chamado. No médio, comecei a me soltar nas apresentações em grupo. Mas, na faculdade de Química, algo mudou. Entre aulas práticas e estágios, fui descobrindo que minha voz tinha valor. Ainda rola aquele nervoso antes de falar, mas agora é diferente: é o frio na barriga que vem quando a gente faz o que importa. Ou seja, do aluno que quase não falava ao futuro professor que ajuda outros a se expressarem, percebo que timidez não é limite, é só o começo da história. Minha própria superação ressoa com a de muitos estudantes.

Antes do PIBID já tive outras experiências de estágios supervisionados, e a primeira vez que entrei em sala como estagiário, senti um misto de emoções: havia dúvidas, um certo receio, medo de errar... mas também um sentimento bom, como o de estar vivendo algo novo, uma experiência real, e de estar vendo a escola não mais como aluno do ensino médio, mas com a visão de um futuro professor. Algo que me marcou logo nos primeiros dias foi uma pergunta feita por alguns alunos: “Tu quer mesmo ser professor, é? Depois de ver a gente assim em sala?” — perguntaram com risos. Aquilo me fez refletir. Sim, eu queria. Mesmo diante do comportamento agitado da turma, percebi que a educação tem um poder enorme, e que fazer parte disso, mesmo que enfrentando obstáculos, valerá a pena.

O desenvolvimento de materiais didáticos revelou talentos que eu desconhecia. Meus podcasts sobre aplicações da Química no cotidiano, criados inicialmente como tarefa obrigatória, tornaram-se ferramentas valiosas. Alunos que antes demonstravam desinteresse começaram a fazer perguntas e sugerir temas. Meu supervisor foi peça fundamental, ensinando-me a equilibrar criatividade e currículo: “O conteúdo é importante, mas primeiro precisamos conquistar quem vai aprendê-lo.” Os desafios foram muitos, desde a falta de recursos até a dificuldade em engajar adolescentes que já haviam sido marcados pelo fracasso escolar. Mas cada pequeno progresso, cada “ahá!” de compreensão nos olhos dos alunos confirmava que valia a pena persistir. Aprendi que a docência não se resume a transmitir conhecimentos químicos, mas sim a construir pontes entre o saber acadêmico e a realidade dos estudantes.

Hoje, ao final dessa jornada, enxergo a profissão com novos olhos. Compreendo que cada aula dada é uma oportunidade de transformação — tanto para os alunos quanto para mim. A Licenciatura, que começou como uma opção entre outras, revelou-se um caminho de descobertas. E aquele jovem tímido de Caucaia agora se vê pronto para assumir seu lugar diante do quadro-negro, levando não apenas fórmulas químicas, mas a certeza de que a educação pode, sim, mudar histórias. Minha trajetória ilustra o princípio Freireano de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2016, p. 80). Esse processo corrobora a visão Vygotskyana de que “o aprendizado é mais que a aquisição de informação; é a capacidade de reconstruir o pensamento” (VYGOTSKY, 2007, p. 101), evidenciado na transformação das minhas dificuldades iniciais em ferramentas pedagógicas.

2 Desenvolvimento

a) A escola e o cotidiano do estágio

Atualmente sou bolsista do PIBID na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Coronel Murilo Serpa, que fica localizada no interior do Ceará, em Itapipoca, no bairro Cruzeiro. É uma região urbana que carrega muito da realidade de periferia. A escola atende estudantes de várias idades entre 14 e 18 anos, de turmas de 1º, 2º e 3º ano do ensino médio. A maioria vem de famílias mais simples, algumas enfrentando dificuldades até para chegar à escola ou ter o básico para estudar, como material (caderno, caneta, lápis...), farda completa, ou até mesmo internet em casa para pesquisar um trabalho ou fazer uma atividade. Quando cheguei, fui bem recebido principalmente pelo professor supervisor do PIBID, que logo de início se mostrou muito disponível para tirar dúvidas, explicar onde eu ia ficar, como funcionavam as turmas, os horários de aulas em cada uma, quais turmas eram mais agitadas, quais eram mais participativas. Ele me levou também para conhecer os espaços de toda a escola, um por um: a sala dos professores, a biblioteca, a quadra poliesportiva, o laboratório que não é apenas de Química, na mesma sala tem o espaço para a física, matemática e biologia, mostrando as salas onde eu ia acompanhar as aulas. Isso me ajudou a não me sentir tão perdido, porém senti falta de uma acolhida mais organizada por parte da gestão da escola, algo mais oficial, que apresentasse o PIBID para toda a escola, pros professores e até pros alunos entenderem

que a gente tá ali pra somar com o aprendizado deles e não somente assistir aula. Na figura 1, mostra o núcleo de bolsistas juntamente com o professor supervisor da escola EEMTI Coronel Murilo Serpa.

Figura 1: Núcleo de bolsistas EEMTI Coronel Murilo Serpa



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Mesmo assim, desde o começo percebi que ali eu teria espaço pra aprender observando na prática como tudo funciona. Aos poucos, os próprios alunos foram me reconhecendo, perguntando quem eu era, puxando assunto nos corredores. Alguns olham com curiosidade, outros já chegam brincando, o que é normal nessa faixa etária. Tem aluno que acolhe a gente, pergunta se vamos dar aula, outros nem ligam muito. Isso também faz parte de entender o clima da escola e da sala de aula real. A estrutura física, comparada a outras escolas públicas, é até boa: salas espaçosas, quadra poliesportiva, biblioteca, laboratório com materiais que ainda estão em condição de uso, embora alguns não estejam também, e na prática percebe-se que várias coisas atrapalham. O ar-condicionado muitas vezes não funciona corretamente, alguns quebrados, o ventilador que faz muito barulho, projetores disponíveis na escola são poucos e alguns estão quebrados, o que limita o uso de tecnologia na aula. Isso faz com que muitos professores precisem improvisar, ou até desistir de recursos que planejavam usar para trazer uma dinâmica melhor para a aula.

Outra coisa que observo é o quanto essas dificuldades pesam para o aluno se manter concentrado. É barulho no corredor, calor na sala, aluno que dorme durante a aula. Muitos têm dificuldade de manter o foco,

talvez por preguiça ou até mesmo por terem uma rotina puxada fora da escola. Chegam cansados, às vezes sem lanchar direito, com problemas de cabeça. A gente que tá lá dentro começa a entender o porquê do “não aprender” não ser somente falta de vontade. O convívio com os professores também é uma parte importante para a aprendizagem. Sinto que a maioria dos professores é aberto, dispostos a dar um conselho, contar uma história de sala, mas nem todos têm tempo ou interesse de incluir o Pibidiano de forma mais ativa em suas práticas. Às vezes realmente falta tempo mesmo, tem aulas, planejamentos de aulas, elaboração de provas bimestrais, provas para corrigir, turma para atender, planejamento de última hora. Mesmo assim, percebo que cada conversa rápida, cada orientação dos professores aos alunos fazem diferença. Assim que vou percebendo que ensinar não é só chegar na sala e falar algo, é lidar com barulho, com calor, com aluno disperso, com mãe que liga, com reunião inesperada, com estrutura em falta. E ainda assim tentar fazer com que eles aprendam. Ver essa rotina de perto reforça o que eu penso que ser professor não é só ter diploma e conteúdo na cabeça. É necessário ter paciência, criatividade, empatia e principalmente vontade de não desistir mesmo quando parece que pouca coisa colabora. É isso que me faz ter certeza de que estou no caminho certo, mesmo sabendo que ainda tenho muito pra aprender.

b) Vivências, planejamentos e práticas pedagógicas

Desde que comecei no PIBID, percebi que meu papel não era só ficar sentado no fundo da sala. Há várias etapas a serem cumpridas durante toda a vigência do programa, nas etapas realizadas até o momento grande parte foram focadas mais nas observações de aulas de Química com meu professor supervisor e com outros professores também, comparando jeitos de ensinar, de falar com os alunos, de tentar segurar a atenção deles, que às vezes é algo quase impossível. É nesses momentos que vejo na prática tudo aquilo que a faculdade tenta mostrar e ensinar na teoria, mas que não tem como sentir de verdade sem estar lá dentro da sala de aula atuando de forma direta. Já acompanhei aulas que deram super certo, onde o professor conseguia trazer o assunto para a realidade deles falando de situações do dia a dia que fazem o aluno abrir o olho. Mas também vi aulas em que o conteúdo não encaixava, que a turma estava dispersa, barulhenta, o calor insuportável, ar condicionado quebrado e sem ventiladores, aí é o professor tentando se virar em “meio ao caos” para não sair dali de mãos abanando e dar uma aula nem que seja minimamente produtiva.

Além de observar, participei de atividades práticas. Lembro bem quando trabalhamos com as vidrarias de laboratório, explicando o nome de cada uma, para que servia, como manusear. Parece simples, mas para os alunos é novidade, muitos nunca tinham visto nem um Becker de verdade, só em fotos, filmes, vídeos. Teve também momentos de falar sobre EPIs, explicar por que usar jaleco, luva, óculos, como isso faz parte da segurança do trabalho do químico e do técnico de laboratório. Só esse contato mais direto com os alunos já muda a postura deles. Teve um dia em que organizamos um experimento usando repolho roxo para trabalhar os conceitos de ácidos, bases e pH de forma prática. Foi algo simples, com materiais fáceis de conseguir, como na figura 2, que mostra alguns dos materiais que foram utilizados durante o experimento com os alunos. E isso serviu para mostrar como um indicador natural pode mudar de cor dependendo da substância. Alguns alunos até se animaram, testaram, perguntaram, mexeram nos copos. Mas a verdade é que não foi aquele “show” que a gente imagina quando planeja. Havia bastante alunos que ficaram parados, não quiseram nem encostar, outros só observavam de longe sem demonstrar curiosidade nenhuma. E é aí que percebo que nem sempre a prática garante o engajamento do aluno, às vezes o interesse não vem de fora, da realização de algo novo, mas do jeito que cada um se abre de fato para aprender. Mesmo assim, acredito que essa experiência valeu muito porque mostrou na prática que é possível ensinar Química com coisas do dia a dia, até mesmo sem um laboratório moderno ou reagente caro.

Figura 2: Matérias utilizados no experimento de ácidos e bases



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Também acompanhei aulas de Sociologia em turmas de 2º ano. Foi interessante ver como o professor dessa disciplina usa muito o debate, provoca questionamentos para os alunos o tempo todo durante a explicação do conteúdo proposto durante a aula, deixa-os falarem, discordarem, trocarem ideias. Na Química isso acontece, porém é mais restrito, mas me fez pensar que posso tentar trazer também dentro do possível mais momentos de fala pros alunos. Perguntar se conhecem tal reação, se já viram em casa, relacionar com o dia a dia. Buscar algumas brechas para fazer o conteúdo ganhar sentido de fato. Durante o percurso até aqui realizei outras atividades de extrema importância para a minha formação docente e que todo professor atuante realiza durante o ano letivo, que foram: fazer a chamada de presença dos alunos conferindo a frequência da turma, carimbo de atividades passadas pelo professor, aplicar provas bimestrais, o que necessitava também de se ter uma certa dominância em sala, preencher relatório, lançar nota no sistema do professor online, orientar trabalho de pesquisa, entre outras atividades. Às vezes parece algo “chato”, mas é nesse bastidor que entendi que o trabalho de professor não para quando a aula acaba. É planilha, correção, papelada, cobrança de prazo. E tem que dar conta disso tudo enquanto lida com trinta e cinco, quarenta e cinco cabeças dentro de uma sala.

Uma parte marcante pra mim no PIBID enquanto licenciando e futuro professor, é o contato direto com os alunos de forma mais aberta dentro e fora da aula. No intervalo, nos corredores, sempre tem uma resenha, uma pergunta. Alguns chegam brincando: “Boa sorte, professor, vai querer passar raiva igual os outros professores mesmo?”, Outros perguntam se eu gosto mesmo de Química, falam que a química é muito difícil, é coisa de doido e nem sabem como eu entendo, confesso que às vezes eu também não entendo, mas sigo na caminhada. É aí que vejo que o professor, além de ensinar conteúdo, é alguém que escuta, que aconselha, que troca uma ideia. Às vezes a gente ajuda o aluno mais assim do que dentro da aula em si.

Tive também outro momento importante de fala que foi realizado, como por exemplo ajudar um grupo de estudantes como orientador em um trabalho de pesquisa desenvolvido pela própria instituição escolar, nessas horas de troca de ideias, conversas diretas com os alunos é que percebo que é ali que ganho segurança. Falo com eles, cometo erros também, corrijo, falo de novo. Não é fácil manter os alunos focados no que está sendo proposto e que olhem para mim, mas cada tentativa conta. E cada relatório que faço depois serve pra juntar tudo: o que vi, o que funcionou, o que não deu

certo. É tipo um diário que me lembra o que melhorar. Para mim, o PIBID está sendo essa escola onde aprendo mais na prática do que em qualquer slide da faculdade. É no dia a dia, vendo a aula acontecer, ajudando a improvisar quando falta alguma coisa, ouvindo o aluno reclamar, mas também ver o aluno se interessar. É ali que vejo de verdade como quero ser quando chegar minha hora de planejar uma aula completa, do zero, e segurar uma turma inteira sozinho durante o ano letivo.

c) Reflexões sobre formação docente e inclusão

Uma das coisas mais incríveis que o PIBID me mostra todos os dias é que ser professor não é só saber o conteúdo, embora seja uma das coisas essenciais e mais importantes que o profissional precisa dominar, mas ser professor também é o fato de saber lidar com gente, suas diferenças, com a realidade, com limitações pessoais e estruturais que a teoria quase sempre nunca explica direito. Eu vejo isso toda semana, cada vez que entro em sala e percebo que o mesmo assunto pode ter efeito diferente de uma turma para outra. Já vi aula que flui perfeitamente em uma turma de manhã e vira bagunça em outra de tarde. Vi a explicação que fez sentido para a metade da sala e para a outra metade não fez o menor sentido e nem mesmo despertou a curiosidade e interesse em aprender. É aí que o professor de verdade aparece, não para desistir, mas para tentar de novo, mudar o jeito de falar, buscar outras referências, contar uma história, dar exemplos reais e atuais que podem estar presentes na vida do aluno.

Também percebo que a formação docente vai muito além do diploma. A faculdade me dá uma base, me mostra conceitos, teorias, autores, mas é dentro da escola que tudo isso é testado e comprovado. É ali, no calor da sala, que percebo que a teoria precisa de ajustes o tempo inteiro. Não adianta eu decorar a fórmula se não souber dar o real sentido para ela. E principalmente não adianta eu saber tudo se não tiver paciência de repetir, de ouvir perguntas básicas, até mesmo coisas que podem ser consideradas “bestas”, de parar tudo e começar de novo. Já vi professor disposto a parar em determinado ponto da aula e retornar à explicação porque percebeu que muitas pessoas não estavam entendendo. Não teve medo de “perder tempo”. Isso pra mim é o verdadeiro ensino. Porém, já vi o contrário também em ter professores que não se importam se o aluno de fato aprendeu, em simplesmente empurrar o conteúdo, ver que os alunos têm dúvidas e não ter a paciência em explicar novamente, simplesmente só seguir o seu cronograma.

Outro ponto é como o PIBID me mostra o lado humano do professor. Muito além de explicar a matéria, o professor é muitas vezes um psicólogo, conselheiro, amigo, um ombro para ouvir desabafos. Já vi aluno chegar mal, cabeça longe, problema em casa e o professor ser o único adulto ali que escutou. Há uma revista e pesquisa que diz que entre os adolescentes de 15 a 19 anos, o crescimento dos atendimentos por sintomas de ansiedade e depressão foi expressivo: em 2023, foram registrados 157 casos de ansiedade a cada 100 mil jovens e 130,4 de depressão, enquanto em 2013 esses índices eram de apenas 13 e 18,5 por 100 mil, respectivamente um aumento preocupante em dez anos (REVISTA EDUCAÇÃO, 2024). Às vezes o aluno não quer fórmula de Química, quer só ser ouvido. E isso é algo que na maioria das vezes a universidade não ensina, isso a gente aprende vivendo na prática. Essa vivência também me faz perceber o quanto o professor precisa ser flexível. Eu vejo que não existe uma aula perfeita, existe aula que acontece do jeito que dá e com o que tem disponível. Se o projetor não ligar, vai na lousa. Se faltar reagente, tem que mostrar vídeo, fazer esquema e mostrar exemplos. Se a turma não prestar atenção, é necessário mudar o tom de voz, fazer piada, chamar pelo nome e até mesmo ser mais rigoroso às vezes. Tudo isso são improvisos que podem ser utilizados a depender da turma e da aula, mas não é uma bagunça, é uma estratégia. E cada improviso vira aprendizado para a próxima aula.

Já vi professor mais velho pedindo dica pro mais novo pra usar um aplicativo, vi também professor testando atividade que nunca tinha tentado. Isso quebra a ideia de que o professor é dono do saber. Dessa forma, o PIBID me faz ver que ser professor é estar sempre aprendendo. Mesmo quem dá aula há 20 anos não sabe tudo, porque cada geração de alunos é diferente uma da outra. Na prática, ser professor é aprender todo dia. Porque cada turma reage de um jeito, cada aluno presta atenção de um jeito, então não existe uma aula igual à outra. Vi na escola que, mesmo quando falta material ou alguma coisa não funciona como o planejado, o professor tenta dar conta de alguma outra forma, improvisando com o que tem e adaptando o que dá pra fazer. Isso me faz entender que ensinar não é só ter o conteúdo pronto, mas ter paciência, criatividade e disposição para resolver quando as coisas não saem como a gente planejou. Essas vivências me fazem pensar muito no tipo de professor que eu quero ser. Quero saber passar o conteúdo de forma criativa e que prenda a atenção do aluno, mas também quero saber escutar o aluno, entender quando ele não tá bem, perceber quando a dificuldade não é só na matéria. É nisso que eu vejo

sentido: ser alguém que tenta ensinar, mas que também aprende todo dia na prática, com cada olhar, cada pergunta, cada situação inesperada que surge na escola.

Eu também reflito muito sobre a paciência que essa profissão exige. É fácil falar que é só gostar de dar aula. Porém, não é tão simples. Tem dias que o aluno não quer nada, faz bagunça, provoca o professor. Tem dias que o professor também tá cansado, com problemas familiares, mas precisa ser forte e entrar em sala como se nada tivesse acontecido. E mesmo assim, vejo que é algo que vale a pena. Quando surge uma pergunta que eu nem esperava ouvir, quando vejo quem sempre ficava calado se interessar, quando uma experiência pequena vira motivo de curiosidade ou até de brincadeira, é ali que eu vejo que tudo isso faz sentido e que é esse caminho que eu quero seguir. Essas coisas que fazem sentido e que ocorreram também durante a orientação de um trabalho de pesquisa, onde os alunos tinham a liberdade de perguntar, darem as suas opiniões, conversar livremente sem aquele peso de uma aula em sala, conforme mostrado na figura 3.

Figura 3: Momento de conversa e orientação de trabalho



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

No fundo, minha maior reflexão é que a formação docente nunca termina. Não vou sair pronto da faculdade, nem do PIBID. Vou aprender errando, testando, ouvindo conselho de quem já tá no caminho

leccionando. Vou aprender com os alunos também, porque eles ensinam muito, mesmo quando parecem não querer saber de nada. Cada situação que vivo hoje me prepara um pouco mais para quando eu mesmo for planejar uma aula inteira, montar uma atividade, ser responsável por várias turmas, escutar reclamações de alunos e até mesmo de pais, ver aluno abrir caderno só depois de insistir várias vezes. E mesmo sabendo de todas essas dificuldades que são encontradas no ensino público, na área docente, como por exemplo a falta de estrutura, salário que não motiva, cobrança, falta de reconhecimento, porém as partes boas me fazem refletir e pensar muito em levar isso adiante. Porque vejo que ser professor é mais do que um emprego: é ter a chance de mudar nem que seja um pouquinho a vida de alguém. E isso para mim vale cada esforço. Saio dessa experiência com mais perguntas do que respostas. E acho que é assim mesmo. Ser professor não é ter resposta para tudo, mas ter coragem de perguntar e principalmente ter paciência para tentar de novo quando a resposta não funcionar.

3 Conclusão

Olhar pra tudo que vivi até agora dentro do PIBID me faz ter certeza de que essa experiência mudou muita coisa em mim. O maior aprendizado não foi uma fórmula de Química ou um método de ensino, e sim perceber que dar aula é lidar com gente de verdade, com histórias de vida diferentes, com limitações que não aparecem no livro. Aprendi que ser professor é estar ali para o aluno mesmo quando ele não tá tão interessado assim, quando a sala tá quente e quando o barulho não para. Novamente deixo claro que não há uma aula perfeita, existem aulas reais, com tudo que pode dar certo e tudo que pode dar errado também.

Hoje eu me vejo mais pé no chão, porém também sei que ainda falta muito para eu me sentir pronto, há uma longa jornada pela frente, mas entendo que isso faz parte. Ser professor não é ter resposta para tudo, é ter paciência para construir essas respostas mesmo que demore. Às vezes é necessário segurar a turma no grito, ser mais rigoroso, mas também é necessário saber rir de si mesmo, entender que nem sempre os alunos vão ouvir, mas que mesmo assim vale a pena tentar dar o seu melhor. Vejo em mim uma vontade maior de continuar e de buscar outros caminhos, de aprender mais na prática, porque foi isso que mais marcou em mim, a prática ensina o que a teoria sozinha não dá conta. Porém sei que a teoria e a prática devem andar sempre juntas. Esse equilíbrio ficou claro nos bastidores também, corrigindo provas, lançando notas, revisando cada

detalhe do que foi dado em sala. A Figura 4 mostra um pouco desse outro lado do trabalho docente, que pouca gente vê, mas que é essencial para tudo funcionar.

Figura 4: Lançamento de notas e correção de provas junto a outra bolsista do PIBID.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Se eu pudesse deixar uma mensagem para os licenciandos e futuros licenciandos que ainda vão passar por tudo isso, eu diria para viverem cada detalhe e momento sem medo de errar ou pagar mico. Observar com atenção tudo, perguntar mesmo sem vergonha, anotar tudo que achar importante, conversar com alunos no intervalo, puxar assunto com o professor mais velho, acredito que tudo isso ensina muito mais do que parece e é de extrema importância para a formação docente.

O PIBID me mostrou que ser professor não é ficar preso somente à teoria ou ao livro didático, é necessário estar ali no ambiente escolar de verdade, com paciência para repetir quando surgem dúvidas, para explicar de novo todo o conteúdo se assim for necessário, para ouvir reclamação, para dar risada também, pois esses momentos ficam marcados na mente

do aluno, e também do professor o fato de gerar boas lembranças. É puxar a turma para perto, mesmo quando eles parecem estar distantes. No fim das contas, é saber que cada explicação que faz sentido, cada pergunta inesperada, cada sorriso de entendimento mostram que vale a pena insistir nesse caminho. Aprendi muito também sobre a importância de se ter plano B, C ou até mesmo ter que improvisar do zero. É na prática, nos erros e acertos que vou ganhando confiança e entendendo que ninguém nasce pronto, ninguém nasce professor, a gente vai se construindo professor, um dia de cada vez.

Também aprendi a valorizar os pequenos detalhes, aqueles que antes eu nem reparava. Um comentário no corredor, uma piada que o aluno faz ou até mesmo o professor para poder quebrar o gelo e a tensão da turma, um aluno que fica depois da aula para perguntar algo que não teve coragem de perguntar em voz alta. É nesse tipo de troca que vejo que a escola não deveria ser somente conteudista, focando nas avaliações internas e externas, embora haja uma grande importância nisso. Mas a escola também é convivência, relacionamento, amizade. É nesse dia a dia, na fala que parece simples, que a gente percebe que educar é criar vínculos e abrir novos caminhos.

No fim, eu percebo que estou gostando cada vez mais da licenciatura. É claro que às vezes ainda tenho dúvidas, me pergunto se vou dar conta, se vou ter força pra seguir nesse caminho cheio de desafios, mas também sei que isso faz parte. Como o próprio Paulo Freire diz, “a esperança, enquanto necessidade ontológica, precisa da prática para se tornar concretude histórica” (FREIRE, 2021, p. 8). E é essa esperança que me faz seguir tentando, errando, aprendendo e acreditando que de pouquinho em pouquinho posso fazer a diferença na vida de alguém.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

REVISTA EDUCAÇÃO. Saúde mental nas escolas precisa continuar sendo discutida. São Paulo: Revista Educação, 17 set. 2024. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2024/09/17/saude-mental-nas-escolas-2/>. Acesso em: 11 jul. 2025.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

A PRÁTICA DO ESTÁGIO NO LABORATÓRIO, UMA VIVÊNCIA INESQUECÍVEL

Nágila Maria Teixeira Pires¹

Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“Cada escrita autobiográfica é uma hermenêutica
prática para dar sentido à vida.”
(Christine Delory-Momberger)

Sou Nágila Maria Teixeira Pires, natural de Itapipoca, no momento resido em um interior de outro município perto da mesma, pra chegar até a faculdade me desloco no transporte intermunicipal, às vezes pego carona com familiares também. Conclui o Ensino Médio no ano de 2014, tentei o Vestibular da UECE, pois sempre estive um sonho de estudar em uma Universidade Pública, pelo o fato de não ter condições de pagar uma Particular, por ser uma das melhores em ensino, por ser uma instituição pública, por querer fazer um curso que era Noturno e iria em transportes público, e por tornar um sonho de infância realidade que seria ser Professora. Tentei o vestibular, mas não fui aprovada, percebi que não era o final de tudo, mas precisava de mais conhecimentos para tornar meu

- 1 Nágila Maria Teixeira Pires é estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Atua como bolsista de iniciação científica e tem interesse na área de ensino de Ciências, práticas experimentais e inclusão escolar. Natural de Itapipoca/CE, possui experiência na Educação Básica e participou de projetos de extensão voltados à formação docente.
- 2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

sonho realidade.

Então, fui estudar em um cursinho que a prefeitura de Itapipoca oferecia chamado AVANTE, no turno da noite, no horário de 18:00 até as 22:00 horas, utilizando o transporte público, ia e voltava de segunda a sexta. Estudei no cursinho em um período de 1 ano e 6 meses. Ingressei em agosto de 2015 até dezembro do mesmo ano, fiz o vestibular da UECE novamente e não passei. Em fevereiro de 2016, continuei no cursinho novamente até junho, prestei novamente ao vestibular e não obtive a nota necessária novamente. Logo, em junho, descobre uma gravidez não planejada e que seria mãe. Em alguns momentos percebia que era o final de alguns sonhos, enfrentei muitos medos, chorei, sofri psicologicamente e emocionalmente, mas acreditava que não era o final de tudo e que DEUS estava cuidando e preparando algo melhor pra mim. Em agosto de 2016, iniciei o cursinho novamente com a esperança de algo muito melhor vir a acontecer, me deslocava no começo da noite até Itapipoca com as crises de começo de gravidez, mas mesmo assim conseguia ir, voltando às 22:00 horas, de segunda a sexta. Prestei o vestibular novamente no final do semestre e passei pra segunda fase. O vestibular da UECE é em duas fases, na segunda fase entram os classificados e os classificáveis ficam na lista de espera, caso alguém desista, quem está na sequência vai entrando. Prestei a segunda fase do vestibular e fiquei nos classificáveis, pois eu não tenho tanto acesso à internet como hoje e já estou no final da minha gravidez, não consigo entrar no meu tão sonhado curso. Os dias se passaram, minha filha nasceu.

Depois de um tempo eu prestei o vestibular novamente e não passei na primeira fase porque zerei em uma disciplina e um dos requisitos também é não zerar em nenhuma disciplina. Os dias se passaram e veio a pandemia, e eu via necessidade de entrar em uma universidade, pois já tinha tentado arranjar um trabalho e não conseguia, pois não tinha ensino superior, e como eu não tinha com quem deixar a minha filha também. Em 2021, estava na pandemia ainda, muitas coisas eram remotas, inclusive a área da Educação, decidi me escrever para fazer o ENEM . Depois de alguns dias encontrei no Instagram que o Cursinho AVANTE estava com inscrições abertas para o semestre de forma remota. Veja que seria uma luz de oportunidades na minha vida, me escrever e deu certo. Quando as aulas começaram à noite de forma remota, preparei meu ambiente de estudo que era meu quarto e assim dava pra ficar com a minha filha também por conta da porta, que eu fechava e ficava com ela dentro brincando. A minha ferramenta era o meu celular, que no começo da tarde eu colocava

pra carregar pra poder suportar a aula toda carregado. E assim deu certo por quatro meses que antecipava a prova. Antes dos dias da prova, uma conhecida me ensinou como fazer uma redação e tirar uma boa nota. Chegou o dia da prova, e eu estive presente nos dois dias. Em janeiro saiu o resultado e a minha nota foi mais do que eu esperava.

Decidi que iria usar minha nota para fazer Fisioterapia em uma Universidade Privada de Itapipoca, que com a nota do Enem conseguia fazer pelo programa Fies, e pagava uma taxa por mês até se formar e depois pagaria o Fies depois que se formar. Fui lá e fiz a matrícula, não gostei do valor pois era um pouco caro e como eu não trabalhava e tinha também a minha filha pra custear. Encontrei no Instagram na página da UECE vagas que daria pra ingressar com a nota do ENEM, Pedagogia teria uma vaga e Química teria dezessete vagas, então tinha mais oportunidade pra mim. Fui lá e fiz todo o procedimento, colocando a opção de Química pois teria mais vagas. Se conseguisse entrar, depois migraria pra Pedagogia que era o meu sonhado curso. Assim aconteceu, consegue ingressar no Curso de Química no ano de 2022.1, sendo durante o dia. De Início gostei e me identifiquei e vi que não iria trocar pra outro curso, pois entende que teria um propósito, por algumas vezes tentei ingressar em um curso que não deu certo, e entrei em outro tão fácil, então não quis desfazer os planos de Deus para a minha Vida, pois tudo requer esforço, Paciência e Sabedoria pra não desistir.

Pineau (1999 apud Silva & Mendes, 2009) distingue quatro categorias relacionadas à (auto)biografia, que se manifesta como a escrita da vida do outro; a (auto)biografia, que remete à escrita da própria vida; os relatos orais, que seria considerar o que se escreve sobre a vida do outro, como uma espécie de “intriga”; e as histórias de vida, que envolve um conhecimento de si na interrelação indivíduo/coletivo (Silva & Mendes, 2009, p. 8).

Muitas coisas vivenciadas na docência, chegou o tão sonhado estágio e o friozinho no coração, a insegurança de não conseguir e/ou passar vergonha em meio há tantos alunos do ensino médio, pois tinha incerteza do conteúdo ser difícil e de não ser o suficiente pra eles, deixar a desejar e não conseguir atingir o objetivo. E assim foi, minha narrativa sobre a minha chegada até aqui, através dela permito incluir a preservação da memória, a reflexão sobre o vivido, a comunicação com outras pessoas e a possibilidade de aprendizado para mim, quanto para quem lê e ouve, como diz Paulo Freire: A leitura do mundo precede a leitura da palavra.

2 Desenvolvimento

a) A escola e o cotidiano do estágio

A Escola Estadual Joaquim Magalhães fica na zona urbana da cidade, bem no centro de Itapipoca, atende uma demanda de alunos vindo de escolas públicas e de ensino privado, tanto da zona urbana quanto do interior, a mesma tem uma concorrência, pois é referência no ensino na cidade. Ela é uma escola de ensino médio que atende primeiro, segundo e terceiro ano, nos turnos manhã e tarde. Há, eu ia esquecendo que lá também tem INCLUSÃO DE ALUNOS.

Aqui foi onde também estudei durante todo o meu ensino médio há 11 anos, voltar pra fazer o meu estágio, parece que estou sonhando. Ser acolhida pelos meus ex-professores, que hoje estão exercendo a função de coordenadores e diretores da instituição, é uma imensa alegria e satisfação.

Na mesma encontro tudo bem verdinho, (risos) falo assim pois a cor da mesma é branca e verde, todos os detalhes são verdes, como o jardim e plantas bem cuidadas que na mesma contém. A figura 1 apresenta as iniciais da escola (JM), produzidas com plantas.

Figura 1: Iniciais da escola em plantas



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

O espaço desde as salas (Figura 2) há corredores é bem amplo, alegre e bem acolhedor, com ar-condicionado, bem iluminado e tudo bem nítido. A sala dos professores é bem alegre e cheia de comida no dia

do planejamento de Ciências Exatas (risos), na biblioteca contém muitos livros e um ambiente silencioso.

Figura 2: sala de aula



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

O laboratório é uma junção de Química, Biologia e Física, lá suporta uma turma de quarenta e poucos alunos, e atende todo o público escolar, até alunos que participam de bolsas, utilizam para fazer suas pesquisas sobre vidrarias e matérias, o mesmo supre as necessidades e as demandas da Instituição. O estágio na escola é uma etapa fundamental na minha formação, pois me proporcionou a vivência prática do que até então foi discutido teoricamente em sala de aula. O contato direto com o ambiente escolar que eu, como futura educadora, começo a compreender a complexidade do cotidiano escolar e os múltiplos papéis desempenhados por um professor. Observa-se que a escola vai muito além do espaço físico onde acontecem as aulas. Ela é um ambiente social, cultural e emocional, onde se constroem saberes, se enfrentam desafios e se constroem relações humanas. O cotidiano escolar é dinâmico, cada dia apresenta novas situações, conflitos, aprendizagens e descobertas.

b) Vivências, planejamentos e práticas pedagógicas

De acordo com Ferreira (2002, p. 473), motivação é o “ato ou efeito de motivar”, de estimular o interesse por algo. Quando se pensa em motivação, nos referimos ao processo de atração de alguém, em que, segundo Lopes (2003, p. 7), “o interesse surge e cresce na medida em que

determinado objeto atende às necessidades de determinado sujeito”, que, motivado para alcançar seus objetivos, realiza tudo o que for possível. Nessa premissa, Santos, Antunes e Bernardi (2008, p. 46) caracterizam a motivação como um processo em que há um “desejo internalizado de alcançar uma meta, portanto, constitui-se numa análise de possibilidades de alcançar determinado propósito e a realização de certas ações planejadas para este fim”. A motivação é um processo que está intimamente relacionado com o comportamento humano, que é desenvolvido de formas distintas, em decorrência de suas relações interpessoais e intrapessoais (SANTOS;ANTUNES 2007). Diante das situações vivenciadas pelo indivíduo, este terá metas relacionadas a diferentes objetivos individuais, como, por exemplo, um aprimoramento na sua formação profissional, o alcance de algo desejável na sua vida pessoal ou afetiva, entre outros (SANTOS; ANTUNES;BERNARDI, 2008).

Depois das aulas observadas em algumas turmas, fomos para o planejamento ver o como seria nossa regência, falo assim porque era eu e demais colegas como mostra na Figura 3, assim decidimos juntamente com o professor que estava nos supervisionando que iríamos levar as turmas ao laboratório e dividirmos a aula em dois momentos, que seria a apresentação do Laboratório e vidrarias utilizadas, e um experimento com materiais que continha no mesmo.

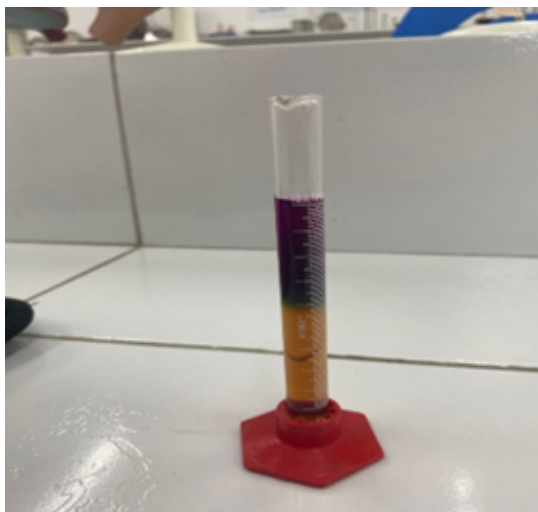
Figura 3: Referente à nossa conversa sobre a aula no Laboratório.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Minha aula foi assim, recebia a turma com carinho,atenção e um pouco de frio na barriga, pelo o medo e a insegurança, apresentava o espaço que era o laboratório e suas normas de conduta do mesmo, apresentava as vidrarias que continha e em seguida o roteiro de Aula Prática,com o título do experimento camaleão químico (Figura 4).

Figura 4: Experimento Camaleão Químico



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Nossas aulas eram com turmas de primeiro ano e eram bem interessantes, pois eles iam poucas vezes ao laboratório e para muitas era algo muito novo, pois da escola que vinham eles não tinham conhecimento nenhum sobre o mesmo, e para eles era algo novo como na Figura 5 .

Figura 5: Apresentação da minha regência



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

No laboratório tem uma câmera que ficava na bancada, lá o que era feito na bancada a câmera mostrava na televisão e os alunos tinham uma visão com mais nitidez e clareza. Utilizei também o notebook pra apresentar os slides com o conteúdo referente . Na Figura 6, mostra-se um pouco de como aconteceu.

Figura 6: Realizando experimento



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Durante a aula de experimento com a reação, Figuras 7 e 8, foi lindo ver a reação deles . Falaram até que tinha cor de urina, antes de misturar os materiais para formar a reação e a cor desejada . Ao final do experimento, chamava alguns alunos e eles repetiam o experimento com a minha ajuda.

Foi muito legal pois chamava bastante atenção deles e eles interagiam mesmo. E pra encerrar, dividia a turma em equipe e distribuía uma folha com imagens de vidrarias apresentadas na aula, pra eles identificarem por nome e escreverem no caderno.

Figura 7: Turma atenta durante a aula.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Figura 8: Participação dos alunos



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

c) Reflexões sobre formação docente e inclusão

A experiência do estágio é essencial para a formação integral do aluno, considerando que cada vez mais são requisitados profissionais com habilidades e bem preparados. Ao chegar à universidade, o aluno se depara com o conhecimento teórico, porém muitas vezes, é difícil relacionar teoria e prática se o estudante não vivenciar momentos reais em que será preciso analisar o cotidiano (MAFUANI, 2011).

Segundo Bianchi et al. (2005), o Estágio Supervisionado é uma experiência em que o aluno mostra sua criatividade, independência e caráter. Essa etapa lhe proporciona uma oportunidade para perceber se a sua escolha profissional corresponde à sua aptidão técnica. Esta atividade é oferecida nos cursos de licenciatura a partir da segunda metade dos mesmos, quando o graduando já se encontra inserido nas discussões acadêmicas para a formação docente e ela é apenas temporária.

O estágio supervisionado vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas. Ele é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Além de ser um importante instrumento de integração entre universidade, escola e comunidade (FILHO, 2010).

Sempre estive receio de está há frente de uma turma de alunos em sala de aula, principalmente de ensino médio, sempre optei e gostei do ensino fundamental, apesar de o meu sonho ser professora, de ano anterior ter vivido há experiência, não sendo titular mais sim a segunda pessoa responsável pela a turma, eu ainda carrego comigo esse medo, pois é um compromisso muito, muito grande. E isso permanece em mim por eles serem adolescentes, por precisarem de um conteúdo maior, mais complexo e tinham medo de não ser o suficiente para eles, principalmente em questão do assunto falado em sala de aula.

Pois bem, uma vez ouvi a seguinte frase: ... É no chão da sala de aula que aprendemos e sentimos a realidade de ser professor, hoje carrego comigo e foi realmente ela que vive em realidade. Como falei anteriormente, o ensino médio não era a minha preferência, e quando vivi o momento com eles, me apaixonei e senti que o ensino fundamental hoje não é mais minha preferência. Enfim, o estágio que fiz no ensino médio me permitiu vivenciar um espaço de ambiente de trabalho, desenvolver habilidades técnicas, conhecimentos, comportamentos, além de um autoconhecimento, enxerguei a minha preferência e também meus pontos fracos e fortes, nos quais eu posso me adaptar a diferentes contextos e desafios.

Nas turmas com que vive a minha regência, não tinha alunos com inclusão, mas em algumas salas que eu passei tinha sim, os mesmos eram bem tranquilos, nos corredores da escola na hora do intervalo, também encontrávamos alunos com inclusão. Com diversas aprendizagens importantes para minha atuação futura, aprendi a importância da comunicação clara entre os colegas, que é fundamental para o sucesso de qualquer projeto. Também desenvolvi minha capacidade de adaptação a diferentes situações e desafios, aprendendo a lidar com imprevistos de forma mais eficiente. Além disso, adquiri novos conhecimentos técnicos e teóricos que ampliarão minha base profissional e me ajudarão a tomar decisões mais embasadas. Por fim, valorizo ainda mais a escuta ativa e o respeito às diferentes opiniões, o que certamente levarei comigo em todas as experiências futuras.

3 Conclusão

O estágio ofereceu-me uma ponte crucial entre a teoria acadêmica e a prática profissional, me permitindo aos estudantes vivenciar o ambiente de trabalho, aplicar meus conhecimentos e desenvolver habilidades essenciais. Me proporcionou uma oportunidade valiosa para integrar os conteúdos estudados em sala de aula com a realidade da profissão, além de promover o desenvolvimento de competências técnicas e interpessoais. O Estágio em sua acepção mais ampla sugere dar condições ao estagiário para a reflexão relativa ao seu fazer pedagógico mais abrangente e assim construir a sua identidade profissional. Deste modo, o estágio é um campo de conhecimento, é uma aproximação do estagiário com a profissão que irá exercer e com as pessoas com quem irá trabalhar suas práticas a cada dia para que enfrente menos dificuldades futuramente.

O aprendizado é muito mais eficiente quando é obtido através da experiência; na prática, o conhecimento é assimilado com muito mais eficácia, tanto é que se torna muito mais comum ao estagiário lembrar-se de atividades durante o percurso do seu estágio do que das atividades que realizou em sala de aula enquanto aluno. Na efetiva prática de sala de aula, o estagiário tem a possibilidade de entender vários conceitos que lhe foram ensinados apenas na teoria.

Por isso, o estudante deve perceber no estágio uma oportunidade única e realizá-la com determinação, comprometimento e responsabilidade. Seria apenas um desgaste caso não houvesse interesse em aprender e preparar-

se para a futura profissão. A educação é responsável pela transformação e pelo desenvolvimento social, por isso a necessidade e importância do futuro professor ter consciência de estar abraçando algo que vai exigir dele uma entrega de corpo e alma. E neste contexto, o professor necessita ter sede de ensinar e esta realidade se efetivará se o aluno buscar um comprometimento com sua prática. Estou em um momento de construção e aprendizado com a minha carreira docente, desenvolvendo minhas práticas pedagógicas, buscando estratégias que engajem os alunos e promovam um aprendizado significativo. Apesar dos desafios iniciais, tenho me sentido cada vez mais motivada e comprometida com a formação dos estudantes.

Pra finalizar, deixo a Figura 9, que é uma das turmas que apliquei a regência, e aqui a minha mensagem para os futuros estagiários, que estão prestes a viver uma experiência transformadora. O estágio na docência é mais do que uma etapa obrigatória – é um mergulho na realidade da sala de aula, nos desafios e nas alegrias de ensinar. Prepare-se para aprender muito, não apenas com os professores e os livros, mas principalmente com os alunos. Haverá momentos de dúvida, insegurança e cansaço, isso faz parte do processo. Mas também haverá sorrisos inesperados, perguntas que vão te fazer pensar diferente e pequenos progressos que encherão seu coração de orgulho. Aproveite cada instante. Observe, ouça, participe. Tenha humildade para aprender, coragem para tentar e sensibilidade para compreender que ser professor vai muito além do conteúdo: é também sobre empatia, escuta, respeito e transformação.

Figura 9: Umas das turmas que apliquei a regência.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

Boa jornada! Que essa etapa fortaleça ainda mais o seu desejo de ensinar e aprender.

Referências

SCALABRIN, Izabel Cristina, A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas.

BERNARDY, Katieli, importância do estágio supervisionado para a formação de professores.

Silva, F. C. R.; Mendes, B. M. M. (2009). (Auto)biografia, pesquisa e formação: aproximações epistemológicas. GT 2. V Encontro de Pesquisa em Educação. Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação. 18 a 20 de março de 2009. Universidade Federal do Piauí (UFPI), 2009.

SANTOS, B. S. D; ANTUNES, D. D; BERNADI, J. O docente e sua subjetividade nos processos motivacionais. Educação, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 46-53, jan./abr. 2008.

SANTOS, B. S; ANTUNES, D. D. Vida adulta, processos motivacionais e diversidade. Educação, Porto Alegre, v. 61, n. 1, p. 149-164, jan./abr. 2007.

FERREIRA, A. B. H. O minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 473.

ENTRE ELÉTRONS E ESPERANÇA: QUANDO O ENSINO DE QUÍMICA TRANSFORMA VIDAS E REINVENTA DESTINOS

Luciana Rodrigues Rocha¹

Rafael Soares Silva²

1 Introdução

“Formar-se é também aprender a reler a própria trajetória.”
(Gaston Pineau)

Desde cedo, aprendi que a vida é feita de reações, nem todas químicas, mas todas profundamente transformadoras. Meu nome é Luciana Rodrigues Rocha, nascida no interior do Ceará, na cidade de Amontada, onde cresci cercada por simplicidade, mas também por sonhos silenciosos e resistência cotidiana. Em uma família humilde, em escolas públicas, aprendi que o conhecimento é a maior herança que se pode deixar. As perguntas que eu fazia na infância, muitas vezes sem resposta, já apontavam para uma curiosidade aguçada sobre o mundo, uma vontade quase intuitiva de descobrir o que havia por trás do que se vê. Ainda criança, gostava de brincar de profissões que ajudavam o próximo, mesmo sem compreender exatamente o que significava “contribuir para o bem coletivo”. Com o tempo, fui entendendo que aquele desejo de cuidar,

1 Luciana Rodrigues Rocha é estudante do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Atua como bolsista de iniciação à docência PIBID científica e tem interesse na área de ensino de Ciências, práticas experimentais e inclusão escolar. Natural de Amontada/Ceará, possui experiência na Educação Básica e participou de projetos de extensão voltados à formação docente.

2 Rafael Soares Silva é Professor Adjunto de Ensino de Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenador do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Química da FACEDI/UECE. É também coordenador do GeQuIN – Grupo de Estudos em Química, Inclusão e Novas Metodologias. Possui dois Pós-Doutorados, sendo um em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e outro em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, Mestre em Engenharia e Ciências dos Materiais e Especialista em Ensino de Química, Educação Especial e Inclusiva. Licenciado em Química, Educação Especial, Ciências Biológicas e Pedagogia. Atua nas áreas de Ensino de Química, Inclusão e Formação de Professores, com foco em projetos que promovem acessibilidade e inovação no ensino de Ciências da Natureza.

orientar, transformar o ambiente ao meu redor tinha nome: vocação. O ambiente escolar foi o palco principal dessa descoberta. Mesmo diante das limitações materiais, as escolas públicas me ofereceram muito mais do que conteúdo: me deram esperança e direção. E assim nasceu o sonho de um dia estudar em universidades de grande renome, como a UECE, não apenas pela qualidade acadêmica, mas pelo impacto social que representam.

Durante muito tempo, estudar em uma universidade pública parecia um sonho distante. As limitações financeiras, o acesso restrito à informação e às oportunidades me faziam acreditar que esse caminho não seria possível para alguém como eu. Mas, como tantas coisas na vida, tudo aconteceu de forma rápida, quase inesperada. Fui informada sobre a possibilidade de ingresso na UECE por meio da nota do ENEM. Já havia feito a prova, mas não imaginava que, por meio dela, uma porta tão importante se abria. Tentei. E fui aprovada. A sensação foi paradoxal: como se tivesse “caído de paraquedas” e, ao mesmo tempo, como se tudo já estivesse sendo alinhado silenciosamente há muito tempo. No começo do curso, os sentimentos se misturavam: havia entusiasmo, mas também medo. Embora já tivesse tido contato com a disciplina no ensino médio, percebi que havia muito além das fórmulas que eu conhecia. Por mais que estudasse, pesquisasse e tentasse compreender, a sensação era de que havia sempre algo escapando. E isso não me afastou, ao contrário, me instigou. A cada conceito novo, surgia uma pergunta. A cada resposta, nasciam novas dúvidas. A curiosidade passou a guiar meus passos. Começava ali, ainda de forma silenciosa, a construção de uma nova trajetória pessoal e acadêmica.

A escolha pela Licenciatura em Química veio da fusão entre duas paixões: a ciência e a educação. Sempre fui fascinada por entender como as coisas funcionam, da chuva que cai ao sabão que limpa, da oxidação do ferro às reações no corpo humano. A Química me atrai justamente por isso: por estar em tudo, e por explicar tanto do que nos cerca. Mas não bastava saber, havia em mim o desejo de compartilhar esse conhecimento, de ensinar. A docência, então, se apresentou como algo natural. Não foi uma decisão repentina, mas o florescimento de sementes plantadas há anos, pela convivência com professores que me inspiraram, pelo amor ao conhecimento, pela vontade de ver outros jovens também se encantarem com a ciência. A sala de aula passou a ser, em minha imaginação, um espaço de magia e possibilidades. Vi no magistério não apenas uma profissão, mas uma missão. Ao me aproximar do estágio supervisionado, compreendi que estava prestes a viver um dos momentos mais significativos da minha formação. Minhas expectativas eram altas. Não queria apenas

observar, queria fazer parte do cotidiano escolar, entender seus ritmos, suas dificuldades, seus encantos. Queria planejar, executar, errar, acertar e, sobretudo, aprender. Tinha consciência de que não seria fácil. Afinal, ensinar exige muito mais do que transmitir conteúdos: exige escuta, empatia, planejamento, criatividade.

Imaginava como seria estar diante de uma turma, encarar olhares atentos ou dispersos, sentir a adrenalina de cada aula. Sabia que o estágio não era apenas uma exigência curricular, era um divisor de águas. Era ali, naquele espaço, que eu deixaria de ser apenas aluna para começar a me enxergar como educadora. Com todos os seus desafios, o estágio se tornaria o ponto de partida

Minha jornada, até aqui, foi marcada por fé, coragem e persistência. Nem sempre os caminhos foram claros, mas o tempo, aquele que tudo revela, foi moldando cada passo com precisão. A Química não é apenas o conteúdo que decidi estudar; ela é, hoje, parte da minha identidade profissional e pessoal. E ensinar Química tornou-se meu compromisso com a transformação social. Hoje, compreendo que meu percurso não foi obra do acaso. Cada dificuldade, cada dúvida, cada conquista fez parte de um processo necessário para que eu me tornasse quem sou. Ao olhar para trás, vejo não apenas uma estudante que venceu obstáculos, mas uma futura professora que, entre átomos e caminhos, encontrou não apenas um curso, encontrou um propósito.

Ao decidir registrar essa vivência em forma de narrativa, compreendi que contar minha história era mais do que relatar eventos, era criar sentido. Cada momento vivido na escola, cada aula planejada, cada olhar trocado com os estudantes, tornou-se um elemento simbólico dessa construção que me transforma, dia após dia, em educadora. Como ensina Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” A escrita reflexiva me permitiu revisitar os passos dados, perceber as pequenas vitórias que, no correr da rotina, passam despercebidas, e entender que cada detalhe, por menor que pareça, contribuiu para minha formação docente. Ao narrar minha trajetória, transformei experiência em aprendizagem e vivência em consciência. Escrever não foi apenas lembrar, foi reorganizar emoções, redescobrir propósitos, enxergar com mais clareza os caminhos que trilhei e os que ainda estão por vir. Assim como no laboratório, onde cada registro meticuloso garante a replicabilidade de um experimento, narrar o estágio é também sistematizar o processo de aprendizagem, para que ele não se

perca no tempo. É como transformar a prática em teoria viva. É, também, um gesto político: reafirmar que nossa história importa, que nossas lutas silenciosas têm valor, que formar-se professora não é apenas um processo técnico, é profundamente humano. Narrar é resistir. É afirmar que há beleza no cotidiano escolar, mesmo entre paredes desgastadas e rotinas cansativas. É registrar, com afeto e crítica, que a sala de aula é um lugar de encontros, conflitos e transformações. E que o estágio supervisionado é o território fértil onde tudo isso floresce.

Nesse sentido, ao colocar em palavras a minha experiência, também medi minha própria formação. Reescrevi minha identidade profissional, dei nome às minhas inseguranças e forças, e entendi que aprender a ensinar é também aprender a escutar a si mesma. Por isso, este relato é mais do que um requisito acadêmico. É um marco. É o espaço onde teoria e prática se entrelaçam, onde a Luciana estudante encontra a Luciana professora, ambas aprendendo, ambas sonhando.

2 Desenvolvimento

A formação inicial de professores demanda vivências que transcendam os limites da universidade, exigindo a imersão em contextos reais de ensino. Com esse propósito, este capítulo apresenta reflexões acerca da minha experiência como licencianda em Química durante o estágio supervisionado, desenvolvido em articulação com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). As atividades foram realizadas na Escola de Ensino Médio Joaquim Magalhães, situada no coração do município de Itapipoca, no estado do Ceará, uma instituição pública que exerce papel significativo na formação de jovens da região. A escola atende a uma expressiva quantidade de estudantes, distribuídos entre os turnos matutino e vespertino. A diversidade do corpo discente, composto por alunos oriundos tanto da zona urbana quanto da rural, confere ao ambiente escolar uma riqueza de realidades sociais e culturais que desafiam, mas também ampliam, o olhar pedagógico. O volume elevado de discentes por turma exige uma gestão escolar eficiente, com uma equipe docente qualificada e empenhada. Foi nesse cenário pulsante que tive a oportunidade de vivenciar, na prática, os desafios e as potências do fazer docente. Desde o primeiro contato, a acolhida por parte da instituição foi extremamente receptiva. Gestores, professores e funcionários mostraram-se abertos ao diálogo e dispostos a integrar os bolsistas Pibidianos às atividades escolares. Essa recepção calorosa não apenas favoreceu minha adaptação,

mas também possibilitou o estabelecimento de vínculos profissionais e afetivos fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem. Como lembra Nóvoa (1992, p. 25), “ninguém se torna professor sozinho, e cada professor é sempre resultado de uma história pessoal e coletiva.”

O ambiente escolar é bem estruturado dentro de suas possibilidades, contando com salas de aula organizadas, biblioteca ativa e um laboratório didático de Química. Embora modesto em dimensão, o laboratório revela-se funcional, dispondo de vidrarias, reagentes e materiais básicos que possibilitam a realização de experimentações significativas. Foi nesse espaço que pude experienciar o poder formativo das práticas experimentais, tanto para mim quanto para os estudantes, ao perceber como o contato direto com os fenômenos químicos desperta curiosidade e engajamento. Apesar da limitação física e da elevada densidade de alunos, a escola demonstra esforço constante para garantir uma educação de qualidade. A realidade impõe desafios, sobretudo no que se refere à individualização do ensino e ao uso do tempo didático. Ainda assim, percebi um forte investimento da equipe pedagógica na construção de experiências que valorizam o protagonismo juvenil e a aprendizagem ativa. Nesse sentido, o PIBID surge como uma ponte entre o universo acadêmico e a prática pedagógica, permitindo que o licenciando atue como sujeito ativo na escola, e não apenas como observador.

Como destacam Pimenta e Lima (2012, p. 17), “o estágio supervisionado deve ser compreendido como um espaço de reflexão da prática, articulando o conhecimento acadêmico à realidade escolar vivida, permitindo ao futuro professor compreender e intervir no contexto educativo.” Esse diálogo entre teoria e prática foi especialmente evidente em minha trajetória, uma vez que as experiências vividas em sala e no laboratório demandaram constante mobilização dos saberes construídos na universidade, em interação com os saberes da prática (Tardif, 2002).

Ao longo da vivência, percebi que ensinar não se trata apenas de transmitir conteúdos, mas de compreender contextos, escutar sujeitos e construir estratégias que respondam às singularidades da escola pública. Essa consciência foi sendo construída no cotidiano escolar, nos corredores, nas conversas com os professores e nos olhares atentos dos estudantes. Ser professora em formação é viver o tempo do entre. Entre o que se aprende e o que se ensina; entre o planejado e o imprevisto; entre a universidade e a escola. Neste capítulo, compartilho, enquanto licencianda em Química e pibidiana, as experiências de planejamento e aplicação de aulas durante meu

Estágio Supervisionado na Escola de Ensino Médio Joaquim Magalhães, em Itapipoca – CE. Mais do que relatar atividades, busco aqui refletir sobre como a prática me ensinou a habitar esse “entre”, reconhecendo a docência como processo vivo, afetivo e construído coletivamente.

Desde os primeiros momentos no espaço escolar, fui convidada a observar, escutar e compreender o contexto da escola e de seus estudantes. A observação das aulas ministradas pela professora de Química foi um ponto de partida valioso. Temas como Termoquímica, por exemplo, foram abordados por ela com estratégias que intercalavam momentos expositivos e atividades interativas, o que me permitiu perceber a importância de variar as metodologias para manter o engajamento da turma. Como lembra Libâneo (2001), “ensinar é criar condições para que os alunos se apropriem ativamente do conhecimento.” A docência não se aprende apenas nos livros. Ela se constrói, pouco a pouco, no contato com os sujeitos da escola, nos erros que nos ensinam a repensar caminhos e nos acertos que revelam o potencial da prática. Trata-se de um recorte que evidencia como o planejamento e a prática pedagógica se entrelaçam no processo de formação docente. Inspirada por essa abordagem, tive a oportunidade de planejar e conduzir uma aula introdutória sobre o ambiente laboratorial, com foco no reconhecimento das vidrarias e boas práticas de segurança. A aula foi pensada de forma cuidadosa, tanto no conteúdo quanto nos recursos utilizados.

A primeira aula que planejei e conduzi integralmente tinha como objetivo apresentar aos alunos noções iniciais sobre o ambiente laboratorial: condutas seguras, reconhecimento das vidrarias e suas aplicações e o uso adequado de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). A escolha do tema surgiu da necessidade de criar uma base sólida antes da realização de práticas experimentais mais complexas. O planejamento foi guiado pelo princípio da clareza e da aproximação: como tornar o laboratório menos intimidador e mais familiar para os estudantes? A metodologia adotada foi expositivo-dialogada, iniciando com uma conversa sobre erros comuns em laboratório, condutas inadequadas e a função dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). A cada nova vidraria apresentada, como: béquer, Erlenmeyer, bureta, balão volumétrico, proveta, tubos de ensaio, pipeta, etc. Logo, eu lançava perguntas problematizadoras: “por que será que usamos um balão volumétrico e não um béquer para preparar soluções?” Esse tipo de abordagem não só mobilizou os conhecimentos prévios dos estudantes, como também incentivou a participação ativa desde o início da aula. Utilizei como recurso pedagógico uma câmera acoplada ao teto

do laboratório, transmitindo as demonstrações em tempo real para uma televisão suspensa. Esse dispositivo permitiu que os alunos visualizassem com nitidez todos os procedimentos, independentemente da posição na sala, um cuidado fundamental em turmas numerosas. Essa solução técnica demonstrou, na prática, como a tecnologia pode ser aliada à educação quando usada com intencionalidade (Moran, 2013).

A aula foi estruturada em dois momentos: uma abordagem expositivo-dialogada sobre as boas práticas laboratoriais, seguida por uma prática de reconhecimento e uso das principais vidrarias com água. A interação com os alunos foi surpreendente. Questões simples como “Qual a diferença entre um béquer e um Erlenmeyer?” ou “Por que usamos jaleco mesmo com substâncias aparentemente inofensivas?” despertaram debates e curiosidade. Segundo Freire (1996), “ensinar exige respeito à autonomia do educando” e foi esse respeito que orientei durante toda a aula, escutando dúvidas, acolhendo receios e incentivando a experimentação com segurança e confiança. Na etapa prática, propus uma atividade simples, identificação das vidrarias, ademais, medir volumes de água utilizando diferentes vidrarias. Os estudantes, organizados em pequenos grupos, receberam um roteiro impresso com orientações e objetivos claros. A água, escolhida por sua segurança, tornou-se elemento catalisador da aprendizagem.

Durante a atividade prática no laboratório, à medida que eu acompanhava os grupos, observei uma variedade de reações que ultrapassavam o conteúdo previsto. Alguns estudantes se aproximavam das vidrarias com naturalidade, demonstrando curiosidade, entusiasmo e disposição para experimentar. Outros, no entanto, se mantinham retraídos, hesitantes até mesmo em tocar os instrumentos. As expressões revelavam um misto de medo e estranhamento, sentimentos muitas vezes silenciados no espaço escolar, mas profundamente reveladores para quem ensina. Um momento, em especial, permanece vívido em minha memória: ao iniciar a manipulação de um simples béquer com água, um aluno se afastou bruscamente e perguntou, com evidente receio, se o líquido “era ácido” ou “podia queimar sua pele”. Para ele, a água, substância cotidiana e, naquele caso, inofensiva, assumia a forma de uma ameaça. Essa reação, que a princípio poderia parecer banal ou até mesmo cômica, revelou-se, na verdade, um convite à escuta e à sensibilidade pedagógica.

A partir desse episódio, percebi que ensinar Ciências não é apenas garantir que os conteúdos estejam corretamente organizados no quadro ou nos slides. É também, e talvez, sobretudo, acolher os significados

subjetivos que os alunos atribuem àquilo que lhes é apresentado como “científico”. Como destaca Freire (1996), “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, e esse saber, muitas vezes, está impregnado de medos, mitos e desinformações que precisam ser reconhecidos e cuidados, não ridicularizados ou ignorados. Minha intervenção, naquele instante, foi menos técnica e mais humana. Respirei fundo, sorri, me aproximei com calma e, ao lado do aluno, mergulhei na simplicidade da explicação: mostrei que era apenas água, falamos sobre as semelhanças com a que usamos para beber e lavar as mãos, e pouco a pouco, vi seus olhos relaxarem, suas mãos se aproximarem, seu corpo se reconectar com a atividade. Aquele gesto de confiança foi, para mim, mais valioso do que qualquer resposta correta em uma prova. Foi ali, naquele gesto tímido diante de um béquero com água, que compreendi, com mais profundidade, o que Perrenoud (2000) quis dizer ao afirmar que “ensinar é um ofício que se aprende, mas também se sente, se escuta e se interpreta em tempo real”. A prática docente, principalmente no ensino de Química, exige tanto o domínio dos conteúdos quanto o olhar atento ao que não está escrito no roteiro: os medos, os silêncios, os equívocos que, quando acolhidos, se transformam em verdadeiras oportunidades de aprendizagem.

Em meio aos corredores da Escola de Ensino Médio Joaquim Magalhães, a Química deixou as páginas do livro para habitar o espaço da experimentação, da criatividade e da escuta. Uma das experiências mais marcantes do meu estágio supervisionado em Licenciatura em Química, vivida também no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), foi a participação na Feirinha do Conhecimento, uma mostra científica de caráter interdisciplinar promovida pela escola com apoio da professora de Química. A atividade foi estruturada a partir de temáticas distribuídas entre as turmas. A minha, sob minha orientação, ficou responsável pelo tema água, elemento universal, cotidiano e, ao mesmo tempo, repleto de potencial investigativo. Como Pibidiana, tive um papel ativo na concepção dos experimentos, na mediação do aprendizado dos alunos e na organização do espaço expositivo. A preparação envolveu não apenas a escolha de experimentos e construção de painéis, mas, sobretudo, um processo formativo de reflexão sobre o papel da Química na sociedade e no cotidiano dos estudantes. A elaboração dos experimentos foi orientada por critérios de segurança, clareza conceitual e conexão com a realidade local. Selecionamos práticas que abordavam a potabilidade da água, processos de filtragem caseira, a tensão superficial e o pH de diferentes amostras. As atividades foram pensadas para provocar nos

visitantes a mesma pergunta que orientava o trabalho dos estudantes: *como compreendemos e valorizamos a água que usamos todos os dias?*

Durante o evento, fui mediadora do processo. Acompanhei cada grupo, incentivei a organização do discurso expositivo, ajudei na articulação entre o conteúdo científico e a linguagem acessível ao público visitante. Como observa Freire (1996), *“o professor é aquele que aprende ao ensinar e ensina ao aprender.”* Foi exatamente isso que aconteceu: vi, diante de mim, alunos que em sala se mostravam tímidos ou inseguros se transformarem em protagonistas da ciência. Um dos momentos mais significativos foi ver um estudante, que raramente interagia nas aulas, explicar com clareza e entusiasmo o funcionamento de um filtro artesanal construído com areia, carvão e algodão. Sua explicação envolvia não apenas os princípios químicos, mas também um discurso crítico sobre o acesso à água potável em comunidades vulneráveis. Foi ali, em frente à sua bancada improvisada, que percebi o real sentido do conhecimento escolar: não como um fim em si mesmo, mas como uma ferramenta de leitura e transformação do mundo (Freire, 1996).

Essa vivência extrapolou o conteúdo curricular. Mobilizou habilidades como o trabalho colaborativo, a oralidade, o planejamento coletivo e a responsabilidade social, todas essenciais na formação de cidadãos críticos e participativos. Segundo Libâneo (2001), *“a prática pedagógica deve articular a construção do conhecimento com o desenvolvimento de atitudes e valores humanos.”* E foi isso que presenciei: uma Química viva, situada, dialogada. O evento também foi um momento de ressignificação para mim enquanto licencianda. Pela primeira vez, senti-me integralmente no papel de professora: planejei, acompanhei, incentivei, corriji rotas e, sobretudo, escutei. Escutei dúvidas, medos, ideias, argumentos. Escutei as vozes que, na pressa do conteúdo, às vezes passam despercebidas. Como lembra Tardif (2014), *“a docência se constitui na relação com os saberes, mas também, e principalmente, na relação com os sujeitos.”* A Feirinha do Conhecimento se tornou, assim, mais do que uma atividade extracurricular: foi um laboratório de humanidade, de prática pedagógica significativa e de formação docente em sua essência. Ali, compreendi que ensinar Química não é apenas conduzir reações químicas controladas, mas participar de reações humanas imprevisíveis, que transformam tanto quem ensina quanto quem aprende.

Se a Química é, muitas vezes, tida como uma ciência exata, meu estágio supervisionado me mostrou que sua essência também pode

ser calorosa, sensível e inclusiva. Foi nas aulas de Termoquímica, com a turma da Escola de Ensino Médio Joaquim Magalhães, que vivi uma das experiências mais significativas da minha formação docente. Ali, entre equações energéticas e calor de reação, aprendi que ensinar é também tocar afetos, escutar singularidades e reinventar caminhos metodológicos. Junto à professora regente, colaborei ativamente na elaboração e condução de aulas que abordavam os conteúdos de entalpia, calor sensível, reações endotérmicas e exotérmicas. Como estratégia de consolidação dos conceitos, propusemos o uso de um jogo digital interativo através da plataforma *Kahoot*, previamente planejado para revisar o conteúdo de forma leve, colaborativa e envolvente. A atmosfera da aula foi transformada. A tradicional disposição em fileiras cedeu espaço para o movimento, o riso, o desafio coletivo. O jogo, repleto de cores, perguntas instigantes e um toque de competitividade saudável, fez com que os alunos revisitassem termos e fórmulas com entusiasmo genuíno. A cada resposta correta, ou até mesmo nos erros compartilhados, o ambiente se enchia de reações (não apenas químicas, mas humanas). Como bem observa Kishimoto (2011), “o jogo é uma forma privilegiada de aprendizagem, pois mobiliza conhecimentos, afetos e atitudes em um mesmo tempo pedagógico.”

A experiência, embora cuidadosamente planejada, também me ensinou sobre a importância da escuta e da mediação ativa. Em meio à ludicidade da aula, acompanhei de forma próxima os alunos da turma, auxiliando-os no manuseio dos dispositivos eletrônicos, explicando as perguntas com mais calma e adaptando, quando necessário, a linguagem das respostas. Esse contato mais individualizado revelou nuances muitas vezes imperceptíveis em contextos expositivos tradicionais.

Como reforça Libâneo (2001), *“ensinar exige compreender o outro, reconhecer suas singularidades e intervir com responsabilidade.”* E foi justamente isso que tentei praticar: uma docência que não impõe ritmos únicos, mas que respeita o tempo de cada sujeito, valorizando suas contribuições e oferecendo suporte para que todos possam participar do processo de aprendizagem com dignidade e sentido. Ao final da aula, o conteúdo havia sido revisado, sim. Mas o mais importante é que laços foram fortalecidos, barreiras simbólicas foram quebradas e a Química se apresentou como linguagem acessível a todos. A atividade, ainda que aparentemente simples, me fez compreender, na prática, que a inclusão não se dá apenas em políticas ou manuais, mas no cotidiano das escolhas pedagógicas, nos detalhes da escuta, no jeito de olhar para cada aluno com atenção real. Em meio aos planejamentos meticulosos, slides organizados

e roteiros bem alinhados, aprendi que o chão da escola é, na verdade, um território de constante improviso. Entre o que se projeta e o que acontece em sala de aula, existe um intervalo vivo, cheio de ruídos, surpresas e reações, que forma, silenciosamente, o professor em sua inteireza. Foi nesse espaço entre o previsível e o espontâneo que minha identidade docente começou a tomar forma.

Durante o estágio supervisionado no Ensino Médio, paralelo às atividades do PIBID, participei de práticas que, à primeira vista, podem parecer periféricas, mas que são, na verdade, a espinha dorsal da prática pedagógica reflexiva. A correção de trabalhos, o registro de notas, a avaliação diagnóstica, a leitura criteriosa de livros didáticos, todas essas tarefas me mostraram que a docência vai muito além da aula proferida. Como bem afirma Luckesi (2011), *“avaliar é um ato ético e político, que exige sensibilidade, justiça e compromisso com a formação integral do aluno.”* Ao colaborar com a correção das atividades da turma, pude perceber como os erros dos alunos não são apenas falhas, mas indícios valiosos de onde e como o ensino precisa alcançar mais fundo. Foi também um momento de exercitar o olhar avaliativo como parte de um processo formativo, e não meramente classificatório. Isso exigiu escuta, cuidado e empatia, qualidades que a sala de aula, por vezes, apressa, mas que o trabalho de bastidor me ensinou a valorizar. Em paralelo, participei da análise de diferentes livros didáticos de Química, explorando critérios como abordagem conceitual, linguagem acessível, articulação com o cotidiano e presença de propostas investigativas. Foi uma experiência que ampliou minha compreensão sobre o currículo escolar e a intencionalidade dos materiais utilizados. Como afirma Choppin (2004), *“o livro didático não apenas transmite conteúdos, mas também reflete concepções pedagógicas e ideológicas do ensino.”* Escolher um livro, portanto, não é um gesto neutro, mas uma decisão curricular com implicações profundas sobre as formas de ensinar e aprender.

Outro aspecto profundamente formativo foi a mediação pedagógica junto aos alunos com deficiência, especialmente na adaptação das atividades e na construção de uma aprendizagem mais inclusiva e significativa. Estive ao lado deles durante atividade, explicações e momentos de dúvida, buscando criar caminhos alternativos de acesso ao conhecimento, respeitando seus tempos, formas de expressão e ritmos de aprendizagem. A cada gesto de escuta ativa e acolhimento, compreendi que a inclusão não se limita à presença física em sala, mas se realiza na participação efetiva e no reconhecimento da dignidade de cada sujeito. Essa vivência reforçou em mim o compromisso com uma educação humanizadora e equitativa.

Como aponta Mantoan (2003), *“a inclusão escolar se efetiva quando o ensino é planejado para todos, e não apenas adaptado para alguns.”* Isso implica rever práticas, flexibilizar estratégias e, sobretudo, acreditar no potencial de cada estudante, mesmo quando ele se comunica de modos distintos do que estamos acostumados. Essa pluralidade de experiências me ensinou que o planejamento pedagógico precisa ser uma proposta aberta à realidade viva da sala de aula, à escuta dos sujeitos que a compõem e às inflexões inesperadas do cotidiano escolar. A docência, afinal, não se limita àquilo que é controlável: ela também nasce do improviso consciente, da sensibilidade em perceber o que o quadro não mostra e da coragem em fazer das incertezas um espaço fértil de criação. Ao final desse ciclo formativo, o que permanece em mim não é apenas o domínio dos conteúdos, mas uma convicção: ser professora é construir pontes entre o planejado e o vivido, entre o conteúdo e o afeto, entre a ciência e a humanidade. E nessas pontes, a educação se torna possível, viva, real e transformadora.

Ao iniciar meu estágio supervisionado em Química, minha expectativa era aprender métodos de ensino, estratégias de sala e maneiras eficazes de abordar conteúdos complexos. No entanto, o que encontrei foi muito mais profundo: encontrei a mim mesma como futura professora. O estágio não apenas me ofereceu ferramentas pedagógicas, ele me confrontou com minha identidade, meus limites, minhas escutas e silêncios, revelando o que significa, de fato, ocupar o lugar de quem ensina. Cada aula planejada, cada atividade aplicada, cada silêncio ou pergunta de um aluno, tudo se transformou em matéria de aprendizagem para mim. Ser Pibidiana me permitiu viver a escola não como visitante, mas como parte dela. O estágio supervisionado, quando vivido com intencionalidade, revela-se muito mais do que um requisito curricular: ele é espaço de transformação, onde o saber acadêmico encontra a realidade viva da sala de aula. A prática me ensinou que a Química vai muito além das fórmulas: ela envolve relações humanas, escuta, afetos e construção coletiva. E que ser professora é, antes de tudo, um compromisso com o outro, e consigo mesma. Ao longo dos meses, entre observações e intervenções, compreendi que ensinar Química é também um ato de escuta e tradução de mundos diversos. Cada sala de aula é composta por estudantes com histórias, sonhos, obstáculos e ritmos próprios. A escola, muitas vezes, reflete as contradições da sociedade: desigualdades econômicas, barreiras sociais, falta de estrutura e, ao mesmo tempo, uma potência pulsante de resistência, criatividade e vida.

Uma das maiores lições do estágio foi aprender a olhar para a diversidade como riqueza, e não como problema. Em especial, minha

convivência com alunos com deficiência me ensinou a rever práticas, reformular linguagens e reformular o tempo, o meu e o deles. Estive ao lado de estudantes com dificuldades de leitura, processamento lento de informações, baixa autoestima e inseguranças visíveis. A cada mediação, compreendi que o verdadeiro conteúdo da aula não estava apenas no quadro, mas na escuta, no gesto, na paciência e no cuidado. Como lembra Mantoan (2006), *“a inclusão escolar é um exercício diário de reformulação do pensar e do fazer pedagógico, é ensinar a todos, com todos e para todos.”* E foi nesse exercício que descobri que a docência é menos sobre controle e mais sobre afeto, menos sobre respostas prontas e mais sobre perguntas abertas. A prática me ensinou que flexibilizar o ensino não significa reduzir o conteúdo, mas aumentar as possibilidades de acesso ao saber. Outro desafio enfrentado foi lidar com as desigualdades sociais que atravessam o cotidiano escolar. Alunos que chegam sem merenda, que dividem o tempo entre o estudo e o trabalho, que faltam às aulas por razões que vão muito além da desmotivação. Diante disso, percebi que ensinar exige sensibilidade social, uma capacidade de não naturalizar o sofrimento nem se fechar em respostas técnicas. Como bem afirma Nóvoa (2009), *“formar professores é formar pessoas capazes de se implicar nos contextos em que atuam, assumindo o compromisso ético com os sujeitos da educação.”*

Ao final do estágio, saio com mais perguntas do que certezas, e talvez isso seja o maior sinal de aprendizado. Carrego comigo uma nova consciência sobre o papel da educação na vida das pessoas e da ciência como ferramenta de transformação social. A Química, antes tão distante de muitos alunos, se revelou acessível quando dialogava com o cotidiano, quando era sentida, cheirada, observada em ação, e não apenas teorizada. Todas essas vivências consolidaram em mim a noção de que a prática pedagógica é um processo contínuo de escuta, adaptação e intencionalidade.

Segundo Perrenoud (2000), *“ensinar é agir sob pressão, decidir na urgência, e refletir na ação.”* Ao vivenciar o cotidiano escolar com intencionalidade formativa, pude compreender que a docência em Química não se resume a fórmulas e reações: ela envolve relações, escuta e afeto. E é nesse entrelaçamento de saberes e fazeres que se forma, de fato, uma professora. Descobri, enfim, que minha identidade docente será, sempre, um processo em construção, forjado na escuta, na prática, no erro e no recomeço. E que a inclusão, mais do que uma diretriz, é uma postura ética diante do outro, um modo de estar na escola que afirma: aqui, todos pertencem, e todos podem aprender.

3 Conclusão

Afinal, o que fica quando o estágio supervisionado chega ao fim? Entre cadernos, experimentos, planejamentos e inquietações, descobri que não saí da escola apenas com conteúdo, mas com marcas, daquelas que moldam a identidade, redesenham o olhar e plantam sementes de futuro. É certo que aprendi a preparar aulas, aplicar avaliações, adaptar atividades, mas o que realmente transformou minha trajetória foi perceber que ensinar é, sobretudo, um exercício de humanidade.

Concluir o estágio supervisionado é, paradoxalmente, abrir portas. O que parecia um encerramento tornou-se, para mim, o ponto de partida mais verdadeiro da docência: um momento de atravessar a teoria com o corpo inteiro, de transformar planos em prática, e de descobrir que ensinar é muito mais do que dominar um conteúdo, é envolver-se com o mundo de cada estudante. Entre fórmulas, indicadores, vidrarias e experiências, os principais aprendizados não se deram apenas nas reações químicas visíveis, mas nas reações humanas que emergiram das interações cotidianas: o aluno que precisou de mais tempo, a aluna que se silenciava, o grupo que se emocionou com a própria apresentação, os olhares que ansiavam por escuta. Aprendi que ser professora é escutar com paciência, falar com propósito e agir com presença. Lidar com a diversidade, a inclusão e os desafios sociais foi uma das experiências mais potentes dessa etapa. Encontrei estudantes que carregam histórias duras, que lidam com barreiras invisíveis todos os dias, e, mesmo assim, chegam à sala com o brilho de quem ainda acredita na possibilidade de aprender. Trabalhar com alunos com deficiência foi um marco na minha formação. Descobri que adaptar atividades vai muito além de “simplificar conteúdos”; trata-se de reconhecer diferentes formas de ser, de aprender e de participar, como nos lembra Mantoan (2006), ao afirmar que “a inclusão se realiza quando a escola se dispõe a aprender com a diferença.”

Hoje, me vejo diferente. Antes do estágio, imaginava a docência como um conjunto de estratégias bem articuladas; agora, entendo que ela também é feita de dúvidas, escolhas, falhas e recomeços. É uma profissão que exige coragem para ensinar e humildade para aprender todos os dias. Como defende Freire (1996), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção.” Esse pensamento me acompanha: sou uma professora em construção, e seguirei sendo. Pois o estágio revelou, com clareza, que minha identidade docente está em construção, e continuará em permanente movimento. Percebi que minha

voz em sala de aula carrega intencionalidade; que meu silêncio também comunica; e que meu planejamento, por mais meticuloso que seja, precisa abrir espaço para o imprevisto sensível que nasce da escuta. Como ensina Nóvoa (2009), “a formação de professores exige um mergulho no cotidiano escolar, onde se aprende com a experiência e com os outros.” E foi exatamente isso que vivi: aprendi no coletivo, errando, refazendo e, principalmente, escutando. A vivência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), aliada ao estágio, me permitiu ir além da observação. Fui convidada a agir, refletir, mediar, errar e corrigir. Pude experimentar a escola em sua inteireza: não apenas como espaço físico, mas como território de encontros, tensões e possibilidades. Entendi que a docência não se ensina apenas nos livros, mas no chão da escola, com os pés no cotidiano e o olhar voltado ao outro.

A cada aula, percebi que a docência não é linear, é feita de desvios, retomadas e pausas. É um ofício vivo, movido pelo desejo de ver o outro crescer. Hoje, me vejo mais preparada, não porque detenho todas as respostas, mas porque aceito as perguntas como parte do caminho. E isso muda tudo. Levo comigo aprendizados que não cabem em certificados: a paciência construída no silêncio, a coragem de intervir, a humildade de voltar atrás, a ternura ao lidar com as inseguranças dos alunos, e as minhas. Como bem disse Paulo Freire (1996), “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando.” E é nessa autonomia que reside o sentido maior da educação: fazer do conhecimento um instrumento de emancipação.

Aos colegas que estão prestes a vivenciar esse percurso, deixo uma mensagem com afeto e verdade: permitam-se sentir e abracem a experiência com inteireza. Entrei na escola dispostos a aprender mais do que a ensinar. Saibam que os erros fazem parte, e que a vulnerabilidade também ensina. Permitam-se ser afetados, porque é exatamente aí que começa a transformação, não apenas da prática, mas do ser-professor que cada um carrega em si. Sintam o frio na barriga da primeira aula, o nervosismo ao fazer uma explicação, a alegria silenciosa de ver um aluno compreender algo pela primeira vez. Não tenham medo das incertezas, elas também são matéria-prima da formação. O estágio não é apenas parte obrigatória do curso: é onde a teoria ganha carne e os sonhos se tornam possíveis.

E, sobretudo, lembrem-se: ensinar é um gesto profundamente humano. É uma prática que exige ciência, sim, mas também coragem, afeto, escuta e ética. Como afirma Nóvoa (2009), “não se nasce professor, torna-se professor. E esse tornar-se implica um processo contínuo de reflexão,

experiência e compromisso.” A sala de aula, com suas complexidades e potências, continuará me formando. O estágio me mostrou que não basta saber Química: é preciso saber ensinar Química a quem talvez nunca tenha acreditado que ela poderia fazer parte de sua vida. Esse é o desafio, e é nele que mora a beleza da profissão que escolhi. O estágio termina, mas a professora, essa começa a existir em mim, com mais raiz, mais escuta, mais verdade. E se há algo que aprendi, é que a sala de aula é um lugar onde a ciência e a sensibilidade podem coexistir, e que ensinar Química é, antes de tudo, uma forma de tocar o mundo.

Referências

- CHOPPIN, Alain. O livro didático: história e atualidade de um instrumento escolar. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 89, p. 139-154, jan./abr. 2004. DOI: 10.1590/S0101-73302004000100008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O jogo e a educação infantil*. 5. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Ensino inclusivo: em busca de uma escola para todos*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Campinas: Papirus, 2013.
- NÓVOA, António. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2009.
- NÓVOA, António. *Formar professores é um desafio maior*. Lisboa: Educa, 1992.
- PERRENOUD, Philippe. *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza, trabalhar na diversidade*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e*

docência: a relação necessária. São Paulo: Cortez, 2012.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Ensinar é também aprender sobre si. Este livro reúne quinze capítulos produzidos por estudantes da Licenciatura em Química da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi/UECE), que transformaram suas experiências no estágio supervisionado em narrativas autobiográficas. O resultado é um mosaico de memórias, reflexões e práticas que revelam como a docência se constrói entre desafios, descobertas e afetos. As escritas de si, aqui apresentadas, não se limitam ao relato das atividades desenvolvidas nas escolas. Elas se configuram como práticas formativas, que permitem aos licenciandos reinterpretar suas trajetórias, reconhecer marcas identitárias e elaborar sentidos para a profissão docente. Nesse movimento, confirmam o que a pesquisa (auto)biográfica em educação já aponta: narrar é também formar-se. Esta obra não é, portanto, apenas um conjunto de relatórios de estágio. É um testemunho vivo do processo de formação docente em Química, que valoriza a escola como espaço de vida e de aprendizagem. Ao dar voz aos futuros professores, o livro convida o leitor a refletir sobre o lugar da experiência, da memória e da autoria na construção da identidade profissional.

